

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

THOMAS MAYCON MACIEL

PROFESSORES DE HISTÓRIA OU *YOUTUBERS*? POSSIBILIDADES DE ENSINO DE
HISTÓRIA DENTRO DO CIBERESPAÇO

PONTA GROSSA
2023

THOMAS MAYCON MACIEL

PROFESSORES DE HISTÓRIA OU *YOUTUBERS*? POSSIBILIDADES DE ENSINO DE
HISTÓRIA DENTRO DO CIBERESPAÇO

Dissertação apresentada para obtenção do título de
Mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Área de História.

Orientadora: Profa. Dra. Janaína de Paula Espírito
Santo

PONTA GROSSA
2023

M152 Maciel, Thomas Maycon
Professores de História ou youtubers? Possibilidades de ensino de História dentro do ciberespaço / Thomas Maycon Maciel. Ponta Grossa, 2023.
128 f.

Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Janaína de Paula do Espírito Santo.
Coorientador: Prof. Dr. Luis Fernando Cerri.

1. História. 2. História - ensino. 3. Cibercultura. 4. Youtube. 5. Transposição didática. I. Santo, Janaína de Paula do Espírito. II. Cerri, Luis Fernando. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. História, cultura e identidades. IV.T.

CDD: 907

TERMO DE APROVAÇÃO

Thomas Maycon Maciel

PROFESSORES DE HISTÓRIA OU YOUTUBERS? POSSIBILIDADES DE ENSINO DE HISTÓRIA DENTRO DO CIBERESPAÇO

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História- Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 16 de junho de 2023, pela seguinte banca examinadora:



Prof^a. Dr^a. Janaína de Paula do Espírito Santo (Orientadora)

Documento assinado digitalmente
gov.br LUIS FERNANDO CERRI
Data: 19/06/2023 13:58:15-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Luis Fernando Cerri (UEPG)

Documento assinado digitalmente
gov.br MARCIA ELISA TETE RAMOS
Data: 19/06/2023 20:16:51-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Márcia Elisa Teté Ramos (UEM)

Documento assinado digitalmente
gov.br AUGUSTO RIDSON DE ARAUJO MIRANDA
Data: 27/06/2023 11:53:25-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Augusto Ridson de Araújo Miranda (SEDUC-CE)

Dedico esse trabalho ao meu filho Gael, à minha esposa Larissa, ao meu pai João, à minha mãe Josiane, ao meu irmão Azrael, aos meus avós José e Joaquina, aos meus amigos e demais familiares.

AGRADECIMENTOS

A Deus por colocar no meu caminho as oportunidades e as pessoas certas. Por todas as vezes que através de meus familiares e amigos me transmitiu uma palavra de incentivo e conforto.

Ao meu filho Gael, agradeço por ser minha luz e motivação para chegar até aqui. Graças a você a vida tomou um novo, inesperado e alegre rumo. Te amo filho e conte sempre comigo, és meu legado.

A minha esposa Larissa, que me acompanha há mais de uma década e que nunca deixou de me apoiar em meus objetivos e dar a palavra certa no momento certo. Ter você ao meu lado como amiga, companheira, conselheira, esposa e mãe do meu filho é um privilégio que apenas eu tenho. Gratidão e amor eterno.

Ao meu pai João, pelo caminho que enfrentamos, pelas distâncias e por nunca termos deixado de demonstrar nosso amor, amizade e companheirismo. Gratidão pelo amor que de diferentes formas se manifestaram e me tornaram a pessoa que sou. Amo você imensamente.

Aos meus avós Joaquina e José, que ensinaram não só a mim, mas a toda nossa família, a sermos amorosos, honestos e a ajudar as pessoas que mais precisam. E que através de muita luta e persistência nos mostraram que podemos conquistar o mundo com humildade e simplicidade, sem nunca esquecer de onde viemos. Os amo de todo coração.

A minha avó Amélia, que já não se faz presente fisicamente, mas que através da educação que me deu reside no meu coração eternamente. Gratidão eterna por ser a mulher que me criou.

Aos amados tia, primos e afilhada Janete, Bruna, Lucas e Alice que me ensinam, cada um à sua maneira como ser determinado, aguerrido, amoroso e feliz. E que diante de qualquer adversidade não se abatem, mas se unem e a superam. Amo vocês.

Ao meu irmão Azrhael, que hoje já não faz parte fisicamente desse mundo. Agradeço pela sua existência, pela alegria que transmitia, pela luz que era na vida das pessoas. Saudades e amor eterno.

A minha sogra Rosana, pelas palavras de paz e tranquilidade. Agradeço pelo exemplo de pessoa e de profissional que é.

Aos meus amigos da vida Wellington, Wesley, Brayon, Daniele, Thiago, Felipe, Monic, Maria Luciane e tantos outros, meu muitíssimo obrigado, por estarem ao meu lado com seus incentivos, bom humor e alegria. Vocês são sensacionais.

Aos meus amigos da graduação John, Lucas Tiburske, Eduardo, Giuvane, Wagner e Lucas Boamorte, obrigado por compartilharem essa caminhada comigo, pelos trabalhos em grupo, pelos estudos em conjunto, pelos churrascos e pelas conversas nos cafés. Gratidão eterna.

“Impossível é apenas uma palavra usada pelos fracos que acham mais fácil viver no mundo que lhes é determinado do que explorar o poder que possuem para mudá-lo”
(Muhammad Ali)

RESUMO

O objetivo central da pesquisa está em problematizar como se dão as relações com o conhecimento histórico em ambiente virtual através da análise e categorização dos comentários feitos pelos usuários do *Youtube*, dentro da lógica imposta pela plataforma. As fontes selecionadas foram as mensagens nos vídeos com foco em temas sensíveis/traumáticos da História em dois canais administrados por professores com formação acadêmica – “Se Liga - ENEM e Vestibulares” (professor Walter Solla) e Débora Aladim (administrado pela própria) – dando enfoque na constante apropriação por parte dos usuários e no revisionismo/negacionismo manifestado através dos comentários. Em caráter secundário na pesquisa, foram realizadas entrevistas com os criadores de conteúdo (o que foi parcialmente atendido) para compreender os processos e interesses que transcendem o vídeo publicado na rede social e entender como se dá à transposição didática para cada vídeo. Para compreender os diferentes posicionamentos manifestados nos comentários foi necessária a compreensão das mudanças ocorridas no Ciberespaço e compreender como se desenvolvem as relações e a produção de conhecimento e cultura. Para a coleta de dados foi utilizado o programa MAXQDA em sua versão 2020, que coleta todos os comentários do vídeo selecionado e permite criar categorias para classificá-los, segmentando em grupos de 1000 comentários para os vídeos que passaram desse número de comentários. Com relação aos resultados obtidos, podemos afirmar que evidenciam os diferentes posicionamentos com relação aos temas históricos selecionados, os quais pudemos verificar através da categorização em 7 classificadores dos quais se destacaram e suscitaram as interações com maior exposição e posicionamento acerca dos temas nas categorias “Debates” e “Revisionista-conservador”. As categorias em questão explicitaram a diversidade de percepções acerca da História no ambiente digital e como a variedade de discursos sobre as pautas históricas e sociais encontram força e se proliferam dentro do ciberespaço, mesmo sendo calcados em informações muitas vezes distorcidas e errôneas, mas que também encontram outros discursos que visam combater a desinformação e desarticular tais perspectivas.

Palavras-chave: História; Ensino de História; Cibercultura; Ciberespaço; *Youtube*; Transposição Didática

ABSTRACT

The central objective of the research is to problematize how relations with historical knowledge occur in a virtual environment through the analysis and categorization of comments made by YouTube users, within the logic imposed by the platform. The selected sources were the messages in the videos focusing on sensitive/traumatic themes of History in two channels managed by professors with academic graduation – “Se Liga - ENEM e Vestibulares” (professor Walter Solla) and Débora Aladim (managed by herself) – giving focus on the constant appropriation by users and on the revisionism/denialism manifested through the comments on these videos. Secondly in the research, interviews were conducted with content creators (which were partially answered) to understand the processes and interests that transcend the video published on the social network and understand how the didactic transposition takes place for each video. In order to understand the different positions expressed in the comments, it was necessary to understand the changes that occurred in Cyberspace and understand how relationships and the production of knowledge and culture develop. For data collection, the MAXQDA program in its 2020 version was used, which collects all the comments on the selected video and allows you to create categories to classify them, segmenting into groups of 1000 comments for the videos that exceeded this number of comments. With regard to the results obtained, we can say that they show the different positions in relation to the selected historical themes, which we were able to verify through the categorization in 7 classifiers, which stood out and raised the interactions with greater exposure and positioning about the themes that were in the categories “Debates” and “Revisionist-Conservative”. The categories in question explained the diversity of perceptions about History in the digital environment and how the variety of discourses on historical and social agendas find strength and proliferate within cyberspace, even though they are based on information that is often distorted and erroneous, but which also find other discourses that aim to combat misinformation and dismantle such perspectives.

Keywords: History; History Teaching; Cyberculture; Cyberspace; Youtube; Didactic Transposition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Homepage</i> do <i>Youtube</i> de 2005.....	40
Figura 2 – Tela inicial do <i>software</i> MAXQDA 2020.....	49
Figura 3 – Tela padrão do programa MAXQDA 2020.....	51
Figura 4 – Exemplo do menu de inserção do <i>link</i> do vídeo para coleta de comentários no MAXQDA 2020.....	51
Figura 5 – Vídeos mais bem listados sobre a Segunda Guerra Mundial.....	58
Figura 6 – Vídeos mais bem listados sobre a Segunda Guerra Mundial (2).....	59
Figura 7 – Vídeos mais bem listados sobre a Segunda Guerra Mundial (3).....	59
Figura 8 – Vídeos mais bem listados sobre a Segunda Guerra Mundial (4).....	60
Figura 9 – Vídeos mais bem listados sobre a Segunda Guerra Mundial (5).....	60
Figura 10 – <i>Homepage</i> do canal de Débora Aladim.....	76
Figura 11 – Capa do vídeo “Escravidão no Brasil” do canal Se Liga.....	83
Figura 12 – Capa do vídeo “Ditadura Militar” do canal Se Liga.....	85

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Amostragem das porcentagens da análise do vídeo “A Escravidão no Brasil” – Canal Se Liga.....	88
Gráfico 2 – Amostragem das porcentagens da análise do vídeo “A Escravidão no Brasil” – Canal Débora Aladim.....	91
Gráfico 3 – Amostragem das porcentagens da análise do vídeo “Indígenas no Brasil: Identidade Indígena” – Canal Se Liga.....	94
Gráfico 4 – Amostragem das porcentagens da análise do vídeo “Indígenas no Brasil: Genocídio Indígena” – Canal Se Liga.....	97
Gráfico 5 – Amostragem das porcentagens da análise do vídeo “Indígenas no Brasil: Sexo, Drogas e Antropofagia” – Canal Se Liga.....	102
Gráfico 6 – Amostragem das porcentagens da análise do vídeo “O ‘Descobrimento’ do Brasil” – Canal Débora Aladim.....	106
Gráfico 7 – Amostragem das porcentagens da análise do vídeo “Ditadura Militar Resumo” – Canal Se Liga.....	113

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - CIBERESPAÇO, CIBERCULTURA E CIBERHISTÓRIA	19
1.1 A criação do ciberespaço: conceito, idealização e realidade.....	20
1.2 As relações no ciberespaço e a invenção das redes sociais.....	28
1.3 Web 2.0 – transformações na comunicação e na aprendizagem.....	33
1.4 O <i>youtube</i> : origem e transformação.....	36
CAPÍTULO 2 – REDE (VIRTUAL) SOCIAL, EDUTUBER E VIRTUALIZAÇÃO DO ENSINO	53
2.1 Canais educacionais: os diferentes tipos de conhecimento.....	56
2.2 Canal “se liga - enem e vestibulares” – criação, perfil e números.....	63
2.3 Canal “débora aladim” – criação, perfil e números.....	66
CAPÍTULO 3 - NÚMEROS X CONTEÚDO: UM PRISMA DE ANÁLISE	68
3.1 Produção e publicação dos vídeos.....	72
3.2 Vídeos selecionados e os porquês.....	77
3.3 O que os vídeos têm a dizer.....	83
3.4 O uso do <i>Youtube</i> : usuários e seu comportamento.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	126

INTRODUÇÃO

Ao propor esse projeto de pesquisa ao Programa de Pós Graduação em História (PPGH-UEPG) já em meio ao contexto pandêmico de CoVid-19, não conseguiria imaginar o tanto de transformações, leituras e reinvenções que aconteceriam tanto com relação à pesquisa quanto na minha vida particular. Repensar esse caminho me faz ver o quanto ele fora árduo e desafiador, mas que sou agradecido por poder percorrê-lo com todos os percalços, questão que infelizmente milhares de pessoas (667.000) não poderão realizar sonhos e vontades por perderem suas vidas em decorrência da CoVid-19.

Olhando em retrospectiva, a pesquisa foi se moldando conforme as orientações, leituras e afetada pela pandemia. A construção da dissertação foi amadurecendo e se movendo para algo efetivo. De um escopo macro, a ideia queria abraçar todos os tipos de mídia e seus usos para a educação, até que fomos focando cada vez mais em um tipo específico de mídia, a audiovisual, e em específico o que é produzido para a rede social *Youtube*. O afunilamento do foco do trabalho foi-se dando no contato enquanto usuário dessa plataforma e pelo gosto particular no aspecto da produção do audiovisual.

Foram realizadas diversas leituras para tentar compreender desde a criação e expansão do *Youtube* (BURGESS;GREEN, 2009), bem como sobre os conceitos e funcionamento acerca das redes sociais (MARTINO, 2017), para embasar as considerações acerca das modificações que a plataforma sofreu desde seu início até os dias atuais. Pois certamente as transformações ocorridas afetam diretamente o comportamento dos produtores e a acessibilidade dos usuários ao conteúdo desejado.

As produções de vídeo e os comentários que foram analisados nessa pesquisa também foram se resignificando na trajetória da pesquisa, requisitando-nos aprofundar o entendimento sobre o próprio conceito de comunicar (APARICI, 2014). Fez-se necessária a leitura e a compreensão desse processo de interação humana em seu sentido teórico, já que a comunicação é intrínseca ao ser humano. O bebê chora para chamar a atenção (me tornei pai no processo de escrita do mestrado, então falo com propriedade), a pessoa surda fala com as mãos, enfim a comunicação é do ser humano e achamos formas diversificadas para realizar tal ação.

Dentre as maneiras de comunicar e interagir dentro do *Youtube* estão os comentários. Os que foram extraídos, analisados e classificados com o auxílio do software MAXQDA 2020, trouxeram muitos reflexos e questões pulsantes dentro do contexto da sociedade e ainda

mais aflorados na pandemia (usos dos vídeos e manifestações ideológicas, por exemplo) e pode-se estabelecer a partir das ideias, expostas virtualmente, percepções das pessoas que desconhecidas entre si, estabelecem ligações e compartilham suas visões de mundo e principalmente com a História do seu país (foco dos vídeos selecionados) ora concordando, ora discordando e transformando suas relações sociais “dado que a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas” (CASTELLS, 1999, p. 43).

Manuel Castells (1999) aborda o ciberespaço e principalmente a cibercultura num contexto anterior ao potencial atual de interação que o mundo em rede nos permite. O olhar de Castells, bem como o de Pierre Lévy (2009), são olhares de transição, de observação e de busca por entender as transformações que tal passo na construção das relações humanas pode significar. Talvez até por isso a expectativa é positiva, mesmo teorizando possíveis problemas a serem enfrentados tanto pelos usuários quanto no aspecto material que o ciberespaço exige para acessá-lo.

Dentro dos estudos acerca do que é ciberespaço e cibercultura temos diversas correntes de compreensão. Francisco Rüdiger faz um trabalho minucioso e em seus livros *As Teorias da Comunicação* (2010) e *As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores* (2013) traz reflexões acerca dessas diferenças. Com relação a Lévy, por exemplo, Rüdiger pontua que a visão do filósofo é esperançosa em demasia e tece diversas críticas com relação à aspectos humanos que Lévy não leva em conta: comportamento, interesses particulares e comerciais. Lévy, podemos dizer, compartilha uma visão idealizada do ciberespaço tal qual John Perry Barlow apresenta em *Declaração de Independência do Ciberespaço* (1996).

O “espaço social global” defendido e idealizado por Barlow, por ativistas libertários, por *hackers* e por seus usuários em geral, que em seu início (anos 1970/1980) tinha propósitos de libertação dos conglomerados da mídia tradicional, se reformulou inúmeras vezes desde o começo de sua construção. Tais modificações impactaram e impactam a maneira como consumimos as informações e as coisas e também na velocidade que refletimos sobre o que está posto na rede.

Robert Kozinets (2014) faz justamente uma análise acerca de como as influências vindas das redes sociais – que foram dominadas pelas *Big Techs*¹ – acabaram por moldar os comportamentos humanos em todos os níveis de suas relações e promoveram transformações também no mundo prático. Os comportamentos humanos são modificados no contato com as

¹ Grandes empresas de tecnologias que dominam e ditam as regras do mercado de inovação tecnológica. Temos por exemplos: *Apple, Amazon, Alphabet* (administrador do *Google, Youtube...*), *Meta*.

tecnologias, seja você um profundo utilizador e curioso delas ou não, de um modo ou de outro os avanços nas comunicações e nos recursos disponíveis impactam nosso modo de viver, de aprender, de ensinar e de relacionar com as pessoas e com o conhecimento.

Em um cenário cada vez mais conectado e com atualizações constantes devido aos aprimoramentos do relacionamento humano-internet, no qual se cria cada vez mais demandas para otimizar o tempo e praticidade da vida cotidiana, atividades como estudar e ensinar não iriam passar ilesas. A *web 2.0* (O'REILLY, 2005) é um fruto dessa necessidade de interação veloz e constante que a humanidade passa a exigir. Saber mais em menos tempo, aprender algo rapidamente, ensinar a distância, demandas que já existiam e que se tentava sanar por diferentes meios, mas que apenas com a reformulação e a popularização da internet encontraram soluções em alguns aspectos, mas novos problemas também surgiram das novas demandas. Problemas esses que não se limitam ao mundo digital, mas que são reproduções do real, como a desigualdade no acesso, a anulação de narrativas vindas dos rincões do Brasil e a lógica de valoração que existe nesses dois espaços da sociedade.

Nesse trabalho não temos por objetivo superestimar ou subestimar a rede (internet) e sua potencialidade e sim enxergar na perspectiva da circulação veloz da informação e de troca de conhecimento, o surgimento de novas possibilidades para o ensino de História focado no *Youtube* e analisar através da classificação dos comentários como os usuários fazem uso do conhecimento ali publicado.

Porém não podemos ignorar os contrapontos que existem dentro do ciberespaço e que não só as pesquisas científicas e debates acadêmicos conheceram o *upgrade* da *web 2.0*. A facilidade de se criar perfis em redes sociais, páginas pessoais se estenderam a todos os indivíduos que dispõem dos meios de acesso ao ciberespaço e isso pode vir a ser um problema se a pessoa por trás de tal perfil quer fortalecer discursos de ódio e negacionismos (ROLLEMBERG;CORDEIRO, 2021 e MELO, 2014). Enquanto o conhecimento circula mais rapidamente, a desinformação circula “70% mais rápido e alcançam muito mais gente” segundo reportagem do Correio Braziliense (AGÊNCIA DE ESTADO, 2018). Há, então, dentro do ciberespaço a migração da guerra de narrativas, os usos e interesses das diferentes ideologias do mundo prático mobilizam agora os recursos das redes sociais.

Esse embate ocorre nas mais variadas redes sociais, e o *Youtube* não é exceção. Na busca de compreender os diferentes perfis existentes na criação de conteúdo voltada para o ensino de história, fez-se necessária a escolha de canais que abordam a História a partir do conhecimento acadêmico; ou seja, a formação acadêmica daqueles(as) que estão à frente dos canais selecionados foi um fator diferencial.

Os objetivos centrais dessa pesquisa de mestrado foram compreender as diversas visões históricas e informações sobre os temas selecionados (Escravidão/Racismo, questão Indígena e Ditadura Militar) que são manifestadas através dos comentários da rede social *Youtube*. Além disso, tentar entender quais são os padrões de comportamento dessas pessoas em um ambiente virtual, do qual não há a interação de maneira física e como isso também pode colaborar na elaboração de seu discurso acerca do tema. Tais objetivos foram sendo moldados com o caminhar da pesquisa, já que inicialmente a proposta da pesquisa era analisar não as interações, mas a produção do conteúdo em si e seus produtores.

A reformulação do projeto se deu por entendermos que o contato com os produtores seria muito mais complicado devido a suas agendas de trabalho e compromissos, tanto que tivemos resposta e foi realizada a entrevista de forma remota através do *Google Meet*, apenas com o professor Walter Solla (canal Se Liga). Foi focado então no espaço de coleta de informações, o *Youtube*, já que disponibilizava de uma fonte maior de perspectivas sobre os temas selecionados e mais fecunda para a análise que se desejava realizar.

O meio principal utilizado para a obtenção de dados para a pesquisa, foi a coleta dos comentários dos usuários da rede social nos vídeos selecionados dos canais Se Liga – ENEM e Vestibulares e Débora Aladim e analisar seu conteúdo e categorizar essas interações. Partindo dessas etapas pudemos compreender quais são as finalidades do usuário em consumir e interagir com a produção publicada na plataforma, além de conseguirmos entender que há de maneira efetiva, e em alguns casos agressiva, manifestação das polaridades políticas do mundo prático.

A metodologia que foi apresentada e detalhada no capítulo inicial desse trabalho, foi de caráter misto (quantitativo e qualitativo) já que “métodos mistos viabilizam o estudo de problemas complexos e a construção de resultados de pesquisa potencialmente mais completos e relevantes.” (GALVÃO, PLUYE, RICARTE, 2018, pg. 5). Assim então, foi analisado e entendido que não apenas o número expressivo de comentários dos vídeos selecionados era importante, mas também o conteúdo dos mesmos para a partir dessa primeira separação, categorizá-los de maneira coerente com os critérios estabelecidos. Em linhas gerais, o procedimento realizado para a coleta e classificação dos dados decorreu nas seguintes etapas: 1. criação dos códigos de interação para realizar a divisão dos comentários de maneira apropriada a especificidade de cada um dos códigos criados; 2. através do uso do programa de análise de dados MAXQDA Analytics Pro versão 2020, foi realizada a extração dos comentários de cada um dos vídeos selecionados; 3. após a coleta dos comentários foi realizada a separação dos comentários por código de interação: crítico-positivo,

crítico-negativo, finalidades, ideologia, apreciação, debates e outros. Dessa maneira cada tipo de comentário ficou alinhado ao seu código; 4. contabilização do número de comentários vinculado a cada um dos códigos de interação; 5. geração do gráfico através do software para análise do proporcional de cada tipo de código e sua quantificação em cada um dos vídeos; 6. realização da análise comparativa entre todos os vídeos e os temas abordados, levando em conta os códigos de interação e a quantidade de comentários positivos e negativos; 7. finalização da análise de dados e conclusões.

A realização da pesquisa teve por preocupação apresentar não apenas números de visualizações dos vídeos ou tratar os canais selecionados como solucionadores dos problemas do ensino de História, mas compreender as etapas de produção do audiovisual e o quanto da ação docente se faz presente nesses conteúdos, a pesquisa realizada, os cuidados tomados. Tratar o ciberespaço e o *Youtube* como elementos da aprendizagem histórica enquanto “processo fundamental e básico da vida humana prática” (RUSEN, 2012, p.73), é perceber que tais ferramentas podem possibilitar o acesso a conhecimentos limitados pelas dificuldades materiais e sociais do mundo prático.

Por questões pessoais sempre tive um apreço pelo mundo da tecnologia. Novas possibilidades se apresentaram quando tive meu primeiro computador aos 12/13 anos de idade com acesso a internet (discada). Devido a limitações da época e ao tipo de serviço que utilizava, o uso da internet era bem restrito – finais de semana e madrugadas – e utilizava basicamente para entretenimento.

A partir do momento em que tive acesso a uma internet em um serviço de melhor qualidade e disponibilidade de acesso ilimitada, passei a utilizá-la para outros fins, como por exemplo, o estudo. Mas não apenas o estudo de conteúdos escolares e sim diversos conhecimentos de uso prático que até então eram limitados: edição de vídeo, de fotos, instrumentos musicais, trabalhos manuais (marcenaria, carpintaria).

Aprender coisas que não faziam parte do meu cotidiano e que graças a internet – e ao *Youtube* em específico – se tornaram *hobbies* e ajudaram nos trabalhos que tive durante a vida. Razão pela qual enxergo, hoje, a rede social muito mais do que um “repositório de vídeos”, mas como um ponto de transformação na vida prática das pessoas.

Entender as nuances das interações e do comportamento humano nesses espaços e o porquê de determinadas expressões (concordância, discordância, agressividade etc.) feitas através dos comentários analisados, é perceber o ciberespaço como local de ação-reação e de mobilização das ideias humanas. Para o estabelecimento de um método que conseguisse obter tais informações, as considerações de Fragoso, Recuero e Amaral foram determinantes, já

que para além dos números é necessário apresentar o “máximo de informação, de máxima utilidade, a partir de um número limitado de amostras” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011).

Tendo por base os parâmetros demarcadores dos três autores, foram selecionados 5 vídeos do canal Se Liga. São eles: Ditadura Militar | Resumo, A Escravidão no Brasil (ou a maior cicatriz do Brasil), Indígenas no Brasil #1 | Identidade Indígena, Indígenas no Brasil #2 | Genocídio Indígena e Indígenas no Brasil #3 | Sexo, Drogas e Antropofagia.

Do canal Débora Aladim foram selecionados 3 vídeos: Resumo de História: Ditadura Militar, História da Escravidão no Brasil e Proclamação da República (aula completa) e O “Descobrimento” do Brasil – História do Brasil pelo Brasil (Episódio 1).

A seleção dos vídeos levou em consideração que os temas abordados são alvos recorrentes de revisionismos de caráter conservador (RAMOS, 2020 e MELO, 2014) e também de negacionismos (ROLLEMBERG;CORDEIRO, 2021) por uma parte da sociedade brasileira que possui sua representatividade no ciberespaço e que são pontos traumáticos da sociedade brasileira e os desdobramentos marcam a História do tempo presente “sujeito e objeto, mergulhados em uma mesma temporalidade” (FICO, 2012, p. 45).

CAPÍTULO 1 - CIBERESPAÇO, CIBERCULTURA E CIBERHISTÓRIA

Quando se fala em virtualização e/ou digitalização, se pensa em um longo processo que se desenvolve da junção do avanço humano e suas tecnologias e entender a construção de laços entre pessoa e equipamento, seja como ferramenta de trabalho, estudo e entretenimento. A migração das relações sociais e das atividades humanas para esse ambiente virtual que se tornaram locais de construção e interação coletivas, formado pelos relacionamentos multifacetados que o ciberespaço permite construir e buscar compreender a produção e a adaptação dos materiais relacionados a educação para o ambiente virtual é apenas uma face do processo de “digitalização” do conhecimento e dos relacionamentos humanos.

O outro lado vem justamente de quem consome o conteúdo gerado que fazem, baseados em seus interesses e conhecimentos prévios, usos particulares desse conhecimento. E a forma como os usuários do ciberespaço se apropriam desse conhecimento se torna elemento indispensável para a compreensão do impacto dessas produções. É nesse ponto que a “netnografia” de Kozinets entra em cena, um método semelhante a etnografia presencial (naturalista, imersiva, descritiva, multi-métodos, adaptável e focada no contexto), mas que se volta para as interações online e as interpreta como reflexos culturais que igualmente fornecem um profundo entendimento sobre a humanidade, nos permitindo entender que o comportamento humano dentro do ambiente virtual não está dissociado das ações no mundo real e que influenciam tais ações e comportamentos.

A realidade da tecnologia e sua usabilidade talvez não tenham se concretizado em sua totalidade na forma apresentada pelas produções hollywoodianas de ficção científica, mas é inegável que vivemos num novo lugar onde as relações do virtual e do real se fundiram. Tal fusão pode ser sentida nas atividades humanas básicas - sejam elas de entretenimento, trabalho, estudo, nos debates políticos e na vida religiosa também - temos em nossas mãos ferramentas e plataformas que nos permitem aprender algo novo, ensinar, assistir eventos tudo por uma telinha nas mãos.

Quando nos deparamos com tais recursos proporcionados e os impactos da tecnologia em nossa vida prática, podemos dizer que nosso modo de viver se virtualizou, já que estamos agora integrados à tecnologia de uma forma totalmente diferente como pontua a pesquisadora Martha Gabriel

[...] mudamos de *estar conectado* para *ser conectado*. Estar conectado, significa que eventualmente você entra e sai da Internet... Ser conectado significa que parte de você está na rede – vive em simbiose com ela. Ser conectado significa expressar-se, publicar, atuar, escolher, opinar, criar, influenciar (GABRIEL, 2014, p. 15).

Tal pensamento acerca da maneira como nos relacionamos com a tecnologia e como chegamos ao ponto de “sermos conectados” são diferentes das apresentadas no imaginário dos filmes, quadrinhos e seriados produzidos no período inicial da “Era Informacional”. E os usos feitos dessa tecnologia também encaminham o comportamento das pessoas para uma realidade diferente da imaginada nas produções midiáticas. A maneira como nos relacionamos com a tecnologia se tornou orgânica e não mais algo distante ou que cause temor ao usuário; mandar mensagens, áudios, postar fotos, vídeos, enfim, compartilhar virtualmente o que se está vivendo ou fazendo se tornou normal.

Mas então o ciberespaço é maravilhoso, perfeito e acessível a todos? A idealização foi essa, porém na prática há uma distância enorme a ser percorrida para que todas as pessoas tenham primeiro o acesso a condições de vida e posteriormente a possibilidade de aquisição dos meios para o uso das tecnologias de maneira geral.

No contexto da pandemia de CoVid-19, ficou evidente que esse tal lugar ainda é distante de uma grande parte da sociedade, em especial, da brasileira. Com isso em mente, sabemos que a realidade de acesso ao ciberespaço é limitada, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apesar do salto de usuários com acesso a internet de 83,8% para 86,7% nos ambientes urbanos e de 49,2% para 55,6% no âmbito rural, durante os anos de 2018 e 2019, o Brasil possui cerca de “12,6 milhões de domicílios ainda não tinham internet” (IBGE, 2020). É dentro desse cenário que vamos investigar como os usuários fazem uso do conhecimento produzido e distribuído nesse ambiente que ainda não é acessível a todos e todas.

1.1 A criação do ciberespaço: conceito, idealização e realidade

Conceitualmente segundo Roberto Aparici (2014, p. 11): “O termo “ciberespaço” foi criado pelo escritor William Gibson, em seu romance *Neuromante*, em que mostra um futuro invadido por microprocessadores, dispositivos eletrônicos e cirúrgicos em que a informação é uma mercadoria de primeira necessidade”. Temos que levar em conta que Gibson escreveu em um contexto (década de 1970-1980) que os avanços da tecnologia e das comunicações espantavam mais que agregavam, muito em função da perspectiva em que se enxergavam tais novos mecanismos e por não serem de fácil compreensão e usabilidade, necessitavam um conhecimento técnico ou muita curiosidade para se aprender sobre o computador, a internet e toda a sua linguagem própria.

Importante ressaltar que os computadores existem desde 1890 (primeiro computador mecânico) e passam a partir da sua criação por uma série ininterrupta de avanços e modificações. O ENIAC (do inglês *Electronic Numerical Integrator and Computer*) primeiro computador eletrônico e digital, seria o “bisavô” dos nossos *smartphones* e *notebooks* atuais. O computador em si na década de 1970 não era uma novidade, mas a transformação deles em equipamentos domésticos (ENIAC pesava 30 toneladas e ocupava um prédio todo) e sua popularização é que causou estranhamento na população em geral, uma máquina que “falava” estranho, numa linguagem compreensível por poucos naquele momento. Os *personal computer* (PC ou computador pessoal) estavam cada vez mais presentes nos ambientes de trabalho e doméstico, a internet que fora usada inicialmente para comunicações militares começava a ser utilizada dentro dos lares e acessar as informações através de um *software* (programa de computador) era algo surreal naquele momento.

A necessidade de se comunicar com essa máquina e de possibilitar maneiras mais fáceis disso acontecer para os usuários comuns, criou a urgência de uma ponte de comunicação entre usuário e máquina, que não fosse dominada apenas por peritos e técnicos na linguagem de computador. Rui Fava (2014) pontua que a invenção de Timothy John Tim Berners-Lee e Robert Cailliau na década de 1980, o *Enquire* – software de navegação em hipertexto – facilitava o acesso à informação disponível na então web 1.0. Na década seguinte Berners-Lee desenvolve os protocolos de transferência de hipertexto, os *HTTP* (que servem para comunicação interna e acesso às informações – textos, imagens, vídeos - nos sites) e também a linguagem HTML (*Hyper Text Markup Language*), o que permite hoje em dia o acesso rápido a determinada página através dos chamados *links*, onde você clica ou toca e vai direto à página desejada.

Têm-se então inúmeros estudos com enfoque na circulação dessas informações, nesse novo local e o desenvolvimento de novas ferramentas que facilitassem ao usuário não tão próximo das linguagens de programação o acesso ao ciberespaço. Nesse momento temos o desenvolvimento de inúmeros *browsers*, os navegadores (Google Chrome, Microsoft Edge, Mozilla Firefox, Opera, entre outros) que permitem a entrada direta ao ciberespaço e a todas as informações disponíveis lá, converte a linguagem de máquina para a linguagem visual de ícones reconhecíveis, o que facilita sua leitura e entendimento de função para os usuários não programadores.

Toda essa comunicação e informação circula no dito ciberespaço que foge então da denominação dada por Gibson em seu livro e agora se materializa (ou virtualiza, como achar melhor) e se transforma nesse ambiente de produção e troca de conhecimento dinâmica que

rompe as limitações e empecilhos físicos, por exemplo, o deslocamento físico para algum evento e todas as suas intempéries.

O ciberespaço, em específico sua conceituação foi sendo ressignificada e é na ressignificação de John Perry Barlow que focaremos durante o trabalho, uma vez que ele foi o responsável por redefinir o termo e utilizá-lo para conceituar esse espaço virtual de interações entre pessoas de todo o mundo que se estabeleceu na década de 1990 e que visava fugir da lógica de dominação dos grandes meios de comunicação e dos conglomerados empresariais.

Barlow foi um dos entendedores das potencialidades da internet e enxergou como um local de liberdade, produção de conhecimento e circulação de informações livre dos cerceamentos ou da necessidade de grandiosos aportes financeiros para se fazer ouvir como eram as redes de TV, emissoras de rádio, jornais impressos e demais meios de comunicação tradicionais. Ativista das liberdades do ciberespaço e que entendia esse lugar como um ambiente para dar voz a diferentes pontos de vista, Barlow se posicionou em 1996 durante a reunião da Organização Mundial do Comércio, em Davos na Suíça referente as ações do governo estadunidense na tentativa de controlar e limitar o acesso dos usuários e através da Declaração da Independência do Ciberespaço² reformula no ambiente real o conceito criado por Gibson em seu livro.

Barlow inicia sua declaração colocando o ciberespaço como um local com regras e soberania próprias, com o intuito de fugir dos controles governamentais e empresariais:

Governos do Mundo Industrial, vós, cansados gigantes de carne e aço, venho do Ciberespaço, o novo lar da Mente. Em nome do futuro, peço-vos que nos deixeis em paz. Não sois bem-vindos entre nós. Não exerceis nenhuma soberania sobre o lugar onde nos reunimos. Não elegemos nenhum governo, nem pretendemos tê-lo, de modo que me dirijo a vós sem mais autoridade que aquela com a qual a liberdade sempre fala (BARLOW, 1996).

O autor faz questão de frisar que o ciberespaço não está, pelo menos em ideia, submetido às vontades dos governos ou as leis do mundo real, e se isso se efetivasse na prática poderia levar a caminhos com prós e contras bastante significativos: se fosse dada ao ciberespaço e seus usuários toda a liberdade idealizada, ao mesmo tempo em que a internet poderia ser um caminho de livre comunicação e propagação de ideias, poderia descambar (o que mesmo com regras já acontece) para uma livre circulação de falsas informações e de criminalidade que graças às regras vigentes no ambiente virtual, possibilitam a localização e a responsabilização dos envolvidos.

O cenário posto naquele momento pode até validar tal argumento com intuito de defender os usuários de sanções por seus posicionamentos ou críticas, mas na atual conjuntura

² Declaração completa no anexo 1.

o ciberespaço tem sido utilizado como local de divulgação de desinformação, de revisionismos conservadores e negacionismos, não apenas no campo da História, mas questionando com base em “teorias” infundadas diversas áreas de conhecimento, como a medicina, a farmacologia que foram carros chefes do enfrentamento a pandemia e que sofreram diversos questionamentos devido à informações falsas que foram divulgadas na internet. Esse tipo de comportamento (preconceitos e desinformação) por mais que se preze pela liberdade de expressão do ciberespaço, não podem torna-lo em local de escape e de impunidade para suas tais atitudes.

E aqui cabe ressaltar que a existência de “leis” no ciberespaço se faz necessária, já que vemos inúmeros crimes do mundo físico presentes no ambiente virtual, aspectos que nas colocações de Barlow, não se apresenta nenhuma solução nesse sentido. Casos de racismo, xenofobia, transfobia, homofobia acontecem, infelizmente, aos milhares na internet “[...] número de denúncias anônimas de crimes cometidos pela internet mais que dobrou em 2020 [...] foram 156.692 denúncias anônimas, contra 75.428 em 2019” (G1 , 2021). Tais números corroboram que medidas devem ser tomadas para que tais pessoas e seus perfis de usuários sejam responsabilizados.

A ideia de que a internet “é terra de ninguém” ou que não deve ser regulada não é plausível, se construiu e se constrói constantemente um novo espaço social que ainda estamos aprendendo a usar e as regras que ainda estão em desenvolvimento para esse lugar. Dentre elas a lei 12.965 do Marco Civil da Internet no Brasil (publicada em 2014), que visa proteger os usuários e suas informações. Sabemos que o ciberespaço é um ambiente autônomo, mas que as ações tomadas de maneira a ferir os direitos civis e humanos devem ser entendidas e punidas enquanto crime, segundo a Constituição Federal Brasileira.

Analisar a fluidez do espaço digital para o físico e vice-versa e como tais ações impactam muito mais, que apenas o perfil na rede social, mas o emocional, a integridade física e a liberdade das pessoas que existem por detrás da foto, do texto ou vídeo postado é um aspecto que está a ser entendido pelos usuários e que a duras penas está a ser construído, pois são eventos singulares e que no, vai e vem dos espaços de interação humana, causam impactos diversos.

Para tentar dimensionar o impacto no mundo real pegaremos como exemplo as eleições estadunidenses de 2016, quando Donald Trump foi eleito presidente dos Estados Unidos da América e que posteriormente teve sua vitória atrelada ao escândalo da *Cambridge*

*Analytica*³ que coletou e utilizou dados dos usuários – sem autorização, portanto crime contra a privacidade – do *Facebook*, para traçar seus perfis políticos e a partir daí, disparar inúmeras propagandas com informações falsas direcionadas a esses perfis, que em sua maioria eram pessoas indecisas com relação ao voto. Além disso, podemos destacar que o *Facebook* não limitou (nesse caso) a proliferação das inúmeras notícias falsas e discursos de ódio protagonizados pelo então candidato, permitindo que a propagação continuasse e influenciou diversos usuários a votar em Trump.

Não muito distante do cenário descrito anteriormente, temos a situação brasileira das últimas eleições presidenciais em 2018 que se pautaram na mesma lógica de disseminação de notícias falsas. Em uma forma bem parecida, mas que fez uso principalmente do aplicativo de conversas instantâneas *Whatsapp*⁴ para proliferar as notícias através de disparos patrocinados por empresários em grupos de apoio à candidatura de Jair Messias Bolsonaro e que repassavam tais informações aos demais grupos e pessoas de seu convívio e interação que culminou na influência de pessoas indecisas com relação ao voto e que propiciaram a vitória do atual presidente brasileiro (DIAS, 2019).

As medidas tomadas pelos presidentes em relação a pandemia de SARS-COV 19, eleitos dentro da lógica de proliferação de notícias falsas, acabou por impactar no comportamento da sociedade e que até o momento (setembro de 2022) vitimou 684 mil pessoas pelo Brasil e continua a fazer vítimas, o que mostra uma ligação nas ações que vem do mundo virtual e refletem duramente no físico: informações errôneas em relação a números de mortos, de sintomas da doença, de discursos antivacina que foram potencializados por diversos governantes ao redor do mundo, incluindo Donald Trump e Jair Bolsonaro.

Retomando a declaração de Barlow acerca do ciberespaço e o funcionamento desse novo espaço de vida e de interação:

Declaro o espaço social global, que estamos construindo, independente por natureza das tiranias que estais procurando nos impor. Não tendes nenhum direito moral de nos governar, nem possuí métodos para nos fazer cumprir vossa lei que devemos temer verdadeiramente (BARLOW, 1996).

Temos, em idealização, a fundação do ciberespaço como esse “ambiente livre” para trocas de informações e interações entre as pessoas com acesso, a esse lugar que se reformulou e se reformula diariamente e que se distanciou das ideias iniciais de seus defensores e que apesar das intenções de Barlow e de outros ciberativistas em não deixar o

³ Empresa de Tecnologia contratada pela equipe de Trump e que coletou dados de perfis em redes sociais para usos eleitorais.

⁴ O aplicativo foi comprado pelo antes Facebook Corporation em 2014 e que agora (2021) mudou seu nome para *Meta*.

ciberespaço ser um novo domínio de governos e empresas, na concretude das relações nesse “novo lugar” não se efetivaram, haja visto os grandes conglomerados empresariais e midiáticos que gerem a internet atualmente (Google, Amazon, Facebook, entre outros). Tais empresas ditam as regras do funcionamento e das interações no ciberespaço, seguindo os moldes capitalistas, mas tendo a informação - que é cedida pelo usuário por sua “livre e espontânea” vontade que para usar as redes sociais você precisa concordar e aceitar seus termos - como moeda de troca. Mas mesmo que o intuito de liberdade não tenha se efetivado como desejado, outro ponto destacado por Barlow acabou por se confirmar no ciberespaço “Estamos criando um mundo em que qualquer um, em qualquer lugar, pode expressar suas crenças, sem importar que sejam singulares, sem medo a ser coagido ao silêncio ou ao conformismo” (BARLOW, 1996).

Apesar da colocação de Barlow não se efetivar e a realidade do ciberespaço ter se desenhado de maneira diferente dos ideais, estar sendo guiado pelos interesses dos conglomerados empresariais que ditam o funcionamento da internet, principalmente das redes sociais (através de sistemas de análise comportamental), há no ciberespaço uma “liberdade” para que as pessoas se manifestem e se expressem. O que gera, mesmo que com limitações, novas vias de comunicação e criam também novas redes de informações, grupos de pessoas engajadas com as diferentes causas sociais, que dinamiza a luta por espaço e o reconhecimento numa via de mão dupla do virtual para o real, tentando combater o algoritmo das redes (baseado apenas em números) e que visa ter relevância dentro das plataformas agregando pessoas com interesses e lutas em comum.

Ressaltar as possibilidades e impactos do ciberespaço na vida prática é fundamental para entendermos muito do que somos enquanto pessoas. O acesso a informações que não teríamos e que transformam nossa percepção de mundo, o contato com pessoas que nunca conheceríamos e que colaboram com nossa caminhada humana e acadêmica são benefícios incalculáveis na produção e circulação do conhecimento. Porém evidenciar e combater os perigos que surgiram dentro do ciberespaço e que não são levados em conta nessa perspectiva libertária de Barlow também se faz necessário, para que o ambiente virtual não traga a reprodução dos preconceitos e da desinformação e aproveite da velocidade de propagação de ideias que a internet possui.

Temos também dentro da lógica libertária de ideias e conhecimentos que se desenhava até então para os usuários do ciberespaço, o “Manifesto Hacker” escrito em 1986 por Loyd Blankenship sob o pseudônimo de “Mentor”. Ele aponta para as possibilidades que

aqueles que enxergassem “um mundo livre” dentro da perspectiva computacional, pudessem impactar o mundo real a partir das organizações e das ações dos *hackers*.

Blankenship e Barlow enxergam no ciberespaço a possibilidade de uma nova sociedade e seu sistema de funcionamento, dentro desse novo lugar de relações humanas. Pretendiam (ao que parece) igualar o acesso ao conhecimento e a velocidade da circulação das informações, ao tentar fugir da lógica de controle dos grandes meios de comunicação. Dentro do contexto e das possibilidades existentes na internet até a década de 1990, o *boom* de fóruns, e-mails e sites para interação dos diferentes estudiosos foi fundamental para dar robustez ao espaço virtual recém-nascido e fazer com que mais pessoas se interessassem em fazer parte desse novo universo.

Do seu advento até o momento atual, a internet se remodelou e se popularizou por diversos caminhos, as conexões móveis, a criação dos smartphones, a acessibilidade a esses recursos que passaram a ser itens de necessidade e não mais artigos de luxo. O salto dado em todos os aspectos da tecnologia que englobam o ciberespaço é gigantesco.

Mas não podemos dizer o mesmo da distribuição das “chaves de acesso” a esse local de conhecimento, que por mais popular que seja ainda não chegou a todas as pessoas. Segundo dados do site Agência Brasil “em 2020, o país chegou a 152 milhões de usuários – 7% em relação a 2019” (LÉON, 2021) aumento de 79% para 81% da população com acesso à internet. Mas e como isso é ruim?! Novas pessoas tiveram acesso ao ciberespaço, mas tiveram que despender dinheiro e reorganizar a vida para efetuar a compra de computadores, de serviços de internet. Esse aumento da população com acesso ao ciberespaço ocorreu devido a pandemia de CoVid-19 que impôs uma reestruturação na forma de realização das atividades cotidianas e que forçou o acesso à internet para os mais variados fins: trabalho, estudos, lazer etc.

Ainda dentro da pesquisa realizada pela Agência Brasil fica evidente a desigualdade entre as classes sociais e mais ainda no ambiente escolar – “O censo escolar de 2020 revelou que apenas 32% das escolas públicas do ensino fundamental têm acesso à internet para os alunos, porcentagem que chega a 65% no caso das escolas públicas do ensino médio” (LÉON, 2021). Isso logicamente impacta na formação estudantil e reflete diretamente na continuidade da desigualdade social e educacional no país, fica explícita que dentro do contexto brasileiro os ideais de Barlow em relação ao ciberespaço são ainda mais abstratos e distantes de concretização. As aulas online que para muitos alunos são chatas e enfadonhas, para grande parte do alunado brasileiro são inalcançáveis dadas as condições materiais das quais dispõem.

Quando Barlow (1996) diz que “estamos criando um mundo em que todos podem entrar, sem privilégios [...]” ele comete o erro de partir unicamente de sua realidade e de não considerar os aspectos práticos do chegar ao ciberespaço, já que para se ter acesso ao mundo virtual e todo seu conhecimento são necessários recursos materiais mínimos como um computador ou smartphone e uma internet ou pacote de dados que no contexto social brasileiro (inflação, enfraquecimento das políticas públicas e de distribuição de renda) se tornam recursos de 5^a, 6^a necessidade.

Podemos considerar então que os objetivos ideais do ciberespaço em ser um local de troca plena e indistinta de informações esbarra nas limitações práticas de uma sociedade desigual e que não possibilita no contexto atual o acesso a esse local, o que distancia assim os ideais de Barlow de sua efetivação. É preciso considerar logicamente que dentro da idealização do ciberespaço, a entrada de conglomerados empresariais, de governos e monopólios de redes sociais não estavam na conta e tal elemento faz total diferença no resultado final. Ao se ter grandes grupos seja na perspectiva comercial e educacional tais espaços tendem a ser moldados para atender os desejos desses grupos, o ambiente virtual não seria exceção e se formata dentro da lógica comercial e capitalista, dialogando assim com aspectos já conhecidos do mundo prático como a exclusão e a predileção por determinados grupos e pautas sociais.

Tais impactos desses grupos, acabam por entrar na lógica de moldar os comportamentos, os interesses e geram bolhas sociais formatadas em um tipo de consumo e interesse. Jaron Lanier aponta em seu livro “*Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais*” que a internet atual está longe do que foi idealizado em seu início e que se tornou um ambiente tóxico e controlado, e deixa de lado a sua característica de liberdade e de independência, objetivadas pelos precursores do ciberespaço. Lanier critica os usos dados às informações que acabamos cedendo para usar as redes sociais e como agora “recebem estímulos individualizados, continuamente ajustados [...] uma modificação de comportamento permanente e em escala gigantesca” (LANIER, 2018, p. 14).

Com todas essas proposições, entendemos que há muito o que ser feito no mundo prático para possibilitar o acesso de todos ao ciberespaço e que é necessário compreender como se constroem as relações, se potencializam ou diminuem conhecimentos e como tais circulam e são produzidos nesse lugar e de que nenhum dos anúncios, interações, solicitações são feitas ao acaso.

1.2 As relações no ciberespaço e a invenção das redes sociais

Já dissemos anteriormente que o acesso ao ciberespaço precisa de uma “chave” e essa chave pode ser entendida como qualquer meio que permita adentrar esse lugar e ter contato com o conhecimento, informação ou entretenimento desejado. Pode ser um celular, um tablet, um computador, uma TV inteligente, uma caixa de som que responda ao seu comando de voz. Tal aspecto é um limitador do acesso ao ciberespaço e cibercultura que se produz, se considerarmos que muitas pessoas não dispõem de nenhuma dessas ferramentas e concomitantemente nenhum acesso a internet e sua gama de relações e contatos.

Esse limitador se agravou com a questão da pandemia mundial de CoVid-19 e que tem sido alvo de diversas pesquisas com foco na educação e em como tal área foi e está sendo afetada. Apesar das tecnologias disponíveis e dos recursos apresentados, o ensino foi drasticamente afetado pelas condições materiais que os grupos sociais diferem em ter acesso. A educação foi forçada a entrar em seu modo a distância de maneira abrupta e repentina, ocasionando danos significados tanto ao desenvolvimento educacional quanto social dos alunos, já que foram praticamente 2 anos afastados das interações e atividades em grupos.

A Educação a Distância pode ser entendida como “a modalidade educacional na qual professores e alunos estão separados física ou temporalmente e por isso, faz-se necessária a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação” (BRASIL, 2018). Essa realidade já é comum ao ensino superior, mas a migração forçada para a educação à distância dos demais níveis da educação, evidenciou a discrepância existente entre as próprias realidades da educação pública, que aparentemente está no “mesmo nível” mas que de cidade para cidade, estado para estado varia, fez e faz repensar a viabilidade desse modelo de ensino já que a necessidade de equipamentos específicos para acessá-la não condiz com a possibilidades de boa parte da sociedade brasileira, como já pontuamos anteriormente.

Podemos pensar que assim como no mundo físico, onde não conseguimos estabelecer relações e contatos diretos com todas as pessoas que gostaríamos e o quanto isso impede a criação de novos laços, o ciberespaço apesar da impressão de “arquitetura horizontal, isto é, na qual todos os links têm a mesma importância para conectar os sites.” (BARABÁSI, 2009, p. 78) acaba por funcionar na mesma lógica de importância e influência, quanto mais engajamento uma página na internet ou perfil em redes sociais possibilita novos contatos e a abertura de oportunidades, assim como as indicações no mundo físico.

Tal prisma acaba por estabelecer e ditar muito do comportamento e da construção das relações dentro do ciberespaço, já que “nenhuma tecnologia é neutra, sendo certo que elas

sempre afetam a humanidade em algum grau” (GABRIEL, 2014, p. 11). O ciberespaço foi moldado a ideais libertários, mas foi tomado por megagrupos empresariais que trouxeram para esse lugar suas influências e ditam assim o funcionamento das relações pessoais, comerciais e trabalhistas estabelecidas no mesmo molde do mundo físico.

Façamos um exercício de imaginação: duas pessoas com a mesma idade, raça e padrão físico estão na mesma rede social que é alimentada exclusivamente por fotos e funciona no sistema de “likes” (curtidas) e comentários. Porém uma delas teve uma foto compartilhada por alguém famoso dentro dessa rede (influenciador, artista, músico, atleta) elevando o *status quo* dessa pessoa em relação aos demais usuários. Isso pelo simples fato do compartilhamento, curtida ou comentário na foto dessa pessoa lhe faz alvo de uma série de novos seguidores e conseqüentemente se torna um perfil “viralizado”⁵. A partir disso tal pessoa estabelece novas relações com novas pessoas e passa a ser enxergada de diferente maneira, ela não é apenas mais um perfil dentro daquela plataforma, ela se torna relevante naquele espaço e sua voz se propaga de forma mais eficiente, para o bem e para o mal.

Não apenas suas relações pessoais são impactadas com novos seguidores, mas as inúmeras curtidas em suas publicações despertam nas empresas que adentraram nessa plataforma o interesse em divulgar a sua marca através do seu perfil e aí temos uma seara imensa de relações comerciais e que transformam sua relação com tal rede social não mais casual, mas sim estabelece um vínculo de produção contínua de conteúdo que encaminha essa pessoa a trabalhar única e exclusivamente para a internet.

Isso é uma síntese básica do que pode acontecer no ciberespaço com base nas relações que se estabelecem nos diferentes campos sociais, um exemplo ordinário de viralização de determinado conteúdo ou pessoa. Esse exemplo corrobora outro aspecto da análise de Barabási no seu livro *Linked: a nova ciência das networks*, que aponta a “quantidade de conexões tende a mostrar uma considerável desigualdade [...]” (BARABÁSI, 2009, p. 86). No exemplo do livro, o autor fala das diferenças de um *site* de notícias e de um *blog* pessoal, mas que ao pensar na lógica de engajamento (quantia de acesso, curtidas, compartilhamentos e acessos) também pode ser tomada para a nossa reflexão relacionada a perfis em uma mesma rede social.

Tais exemplos nos servem para refletir e pensar sobre o funcionamento prático das relações estabelecidas no ciberespaço e como elas se potencializam ou enfraquecem na mesma proporção em que as pessoas, empresas e entidades se articulam nesses espaços de

⁵ Conteúdo produzido e propagado dentro das diferentes redes sociais com velocidade fora do normal e que se torna de conhecimento geral de inúmeros usuários com diferentes perfis e interesses dentro das plataformas.

interação social. Assim como no mundo físico uma pessoa com vários contatos e relações sejam elas fortes (família, amigos) ou fracas (colegas, conhecidos) será lembrada, indicada ou requisitada no ciberespaço o estabelecimento de relações diversas, de produção de conteúdo constante permite ao perfil se tornar um “nó de conexões” (RECUERO, 2011, p. 12) e expande assim sua importância e influência direta/indireta sobre as pessoas e dentro da plataforma na qual estiver engajada.

Os nós dentro de qualquer tipo de redes sociais, sejam as digitais ou as analógicas funcionam como pontos de referências para pessoas diferentes, como citamos anteriormente esses nós podem ser fortes e fracos, dependem do tipo de relação que se estabelece entre os envolvidos (pessoal, comercial, trabalhista).

Dessa maneira, o comportamento das pessoas que ligam também é diferenciado, quando falamos de uma relação particular e de convívio diário (pai, mãe, esposa, esposo, filhos) aponta-se para um relacionamento pessoal e forte, ao abordamos o envolvimento entre chefe de setor e empregado de uma empresa é uma relação trabalhista e fraca (na maioria dos casos). Mas algo que não podemos perder de vista - como nos diz Luís Mauro de Sá Martino em relação ao trabalho de Mark Granovetter – é que

Embora, em geral, a tendência na vida cotidiana seja dar mais importância aos laços fortes, o autor propõe, em seu modelo, que os laços fracos podem ter uma importância maior na dinâmica de funcionamento das redes por conta de seu tamanho – quantitativamente, o número de “conhecidos” é maior do que “amigos” e “familiares”, aumentando a amplitude de divulgação de dados existentes nesse tipo de contato (MARTINO, 2017, p. 69).

A partir dessa colocação façamos um breve exercício mental: quantas pessoas efetivamente você conhece das suas redes sociais digitais? São tantos aceites de convite de amizade dentro do *Facebook*, *Instagram* ou qualquer outra rede social que acabamos por muitas vezes nem conhecer quem está “entrando na nossa vida”, não que isso seja ruim, nunca se sabe quando iremos precisar da indicação de um pintor, de um técnico em manutenção de computadores, mas isso expõe o quanto não filtramos efetivamente quem sabe de nossas vidas e rotinas, nos tornamos um livro aberto que pode ser lido por qualquer um que nos siga em um perfil de rede social, ainda mais se você for um usuário assíduo e que compartilha todos os momentos e novidades de sua vida pelas redes.

A potencialidade dessas relações e conexões é imensa e podemos dizer incalculável e é nessa potencialidade que Clay Shirky (2012) se debruça quando pensa nas relações sociais que se desenvolvem no ciberespaço. Ele instiga a pensarmos positivamente sobre esse novo mundo de relações e circulação de conhecimento, um exemplo que ele dá em seu livro é de

um item furtado e que fora recuperado graças a mobilização de conhecimentos da comunidade online e que possibilitou a recuperação deste item.

Shirky busca evidenciar o quanto sem as redes sociais no ciberespaço tal feito seria impraticável e faz a reflexão da potência que uma publicação nas redes pode gerar comoção e engajamento por diferentes pessoas com diferentes níveis de relacionamento, mas que tem em torno dessa causa comum o intuito de colaborar de alguma forma. E isso nos remete a ideia inicial de Barlow em relação ao ciberespaço “um lugar de igualdade” onde as pessoas busquem se ajudar mutuamente e promover conhecimento e a circulação do mesmo. Isso nos coloca novamente no tom positivo do ciberespaço no qual as pessoas usufruam dos conhecimentos ali disponíveis para acesso quando sentirem a necessidade e usem os mecanismos disponíveis como facilitador em sua vida, seja a nível pessoal, profissional ou simplesmente entretenimento.

As perspectivas positivas e negativas do uso da rede como um todo não são determinadas pela internet em si, mas pela interação humana com o conhecimento, argumento lá posto. Assim como coisas boas podem ficar localizadas a determinadas pessoas, podem atingir proporções gigantescas se compartilhadas e recompartilhadas inúmeras vezes. A questão é a força e o interesse dos grupos envolvidos e seus intuítos, assim como vimos no caso da *Cambridge Analytica* com o mal uso das informações na rede, podemos ver casos de colaboração e de ajuda mútua como aponta Shirky no seu exemplo, com relação a recuperação de um celular.

O que devemos ponderar é que a internet é potência em seus aspectos de desenvolvimento e velocidade nas interações humanas, agora quem determina a que níveis essas relações podem chegar são os usuários que constroem e fazem uso seja das redes sociais, dos fóruns, etc.

Pois bem, falamos das relações que podem ser desenvolvidas dentro do ciberespaço e de como podem migrar para o mundo físico e partir daí para o virtual. Falamos também de um conceito que iremos aprofundar melhor agora: redes sociais. Atualmente pensamos em redes sociais como as plataformas *online* que utilizamos no ciberespaço através de nossos computadores, *smartphones* e *tablets*, porém a origem desse conceito está atrelado e foi criado muito antes da rede mundial de computadores e está vinculada a ideia do comportamento humano e de seus diferentes níveis relacionais.

O conceito rede social é um conceito muito utilizado nas áreas de conhecimento como Antropologia, Sociologia primordialmente, que tem justamente como interesse analisar as diferentes ligações e comportamentos humanos nas diferentes situações e espaços físicos.

Tal conceito foi cunhado pelo pesquisador e sociólogo australiano John Arundel Barnes em um artigo chamado *Class and Committees in a Norwegian Island Parish* publicado na revista *Human Relations VII* no ano de 1954. No artigo, Barnes faz uma análise do comportamento humano existente na ilha de Bremnes e as diferentes relações existentes diante dos diferentes espaços humanos e seu impacto no trato entre as pessoas da ilha, se leva em conta sua proximidade e tipo de relacionamento.

O pesquisador analisou as diferentes esferas de trabalho existentes, agricultura e pesca, e percebeu a diferença entre um e outro; o primeiro muito mais estático está ligado a necessidade da terra, de ferramentas e das relações parentais e o segundo muito mais fluído por ser uma atividade diversificada e com contatos fora dos da comunidade e com ritmo de trabalho acelerado em relação a agricultura. Mas Barnes percebe um terceiro campo existente na ilha como nos aponta Martino

[...] identificou um terceiro campo ligando os dois anteriores. Esse terceiro campo, sem bordas ou fronteiras definidas, era constituído pelas relações sociais existentes entre as pessoas de Bremnes, laços formados por ligações de parentesco, amizade ou simples conhecimento. Os contatos não eram fixos, com novas ligações sendo formadas o tempo todo, enquanto outras eram quebradas. [...] Barnes chamou esse tipo de campo de *rede social* (BARNES *apud* MARTINO, 2017, p. 61).

Com essa compreensão das relações existentes nos diferentes espaços da sociedade de Bremnes e de como tais envolvimentos se estabeleciam de maneiras diferentes é que temos a formulação do conceito pioneiro de rede social de Barnes. O sociólogo australiano acaba por lançar as bases de um conceito que transcenderia o mundo físico e seria direcionado para novos espaços com o avanço da tecnologia e das mídias digitais, mas que mesmo com tal avanço não deixaria de necessitar da ação e da relação humana para acontecer.

Uma década depois teremos a primeira “virtualização” do conceito de Barnes, realizada por Paul Baran – cientista social estadunidense – que em 1962 visa através do seu artigo chamado *On distributed communications networks* (BARAN *apud* MARTINO 2017, p. 64-67) abrir as portas do mundo virtual para a inclusão e circulação de informações entre diferentes espaços. Baran formula esse artigo não necessariamente com o intuito de criar redes sociais digitais, mas sim de projetar caminhos para que a informação circule de maneira rápida e segura, tendo em mente o contexto da Guerra Fria e da necessidade de que as informações – de cunho militar – não se perdessem num eventual conflito.

Tais possibilidades apresentadas por Baran no aspecto de como a informação deveria circular e ser acessada em diferentes lugares acaba por ser a raiz dos novos estudos e práticas

que irão dar corpo a dita *Web 1.0*⁶ e a todas as suas transformações que ditam as maneiras com que os criadores das redes sociais digitalizadas vão perceber esse fluxo de informações/relações e explorá-lo para uma maior relevância de suas criações.

1.3 Web 2.0 – transformações na comunicação e na aprendizagem

A transformação nas formas de comunicação são uma constante na existência humana, desde o desenvolvimento da fala e o quanto isso ajudou aos grupos humanos a sobreviver e se organizar, o advento da escrita que nos possibilitou registrar nossa história para além dos vestígios até a chegada da internet e todo seu conglomerado de informações e interações. Os seres humanos se comunicam de inúmeras maneiras e criam mecanismos cada vez mais refinados para fazê-lo, a comunicação é uma necessidade humana. Assim como alimentar e beber, falar e escrever na sociedade imersa em redes sociais e recursos digitais postar, comentar, curtir e compartilhar se tornou algo inerente do ser humano, seja ele alguém imerso nas tecnologias ou um novo usuário que adentrou ao ciberespaço e toda sua vastidão de possibilidades.

Os meios de comunicação não dependem mais de um conglomerado de câmeras enormes, microfones e luzes para enviar suas mensagens, não há necessidade de esperar até o amanhã para se ter as novas notícias. A quantidade de informações que podemos absorver dos múltiplos meios de comunicação e dos diferentes emissores nos possibilita - em um sentido até ambíguo – ter informação e ser desinformado, já que ao mesmo tempo que lemos, escrevemos, postamos e ouvimos várias coisas, podemos estar apenas em processo automático no qual não absorvemos plenamente nenhuma dessas informações. Mas calma! Não vamos dizer que as tecnologias não prestam e que fazem um desserviço a sociedade, em tudo temos possibilidades boas e não tão boas, a forma como usamos os recursos tecnológicos é que acabam por formatar nossas ações tanto dentro quanto fora do ciberespaço e das redes sociais.

É significativo compreendermos os processos de mudanças que ocorrem nas comunicações e no funcionamento da internet que possibilitaram que na atual conjuntura todos os que dispõem das ferramentas para acessar ao “novo lugar da mente” como diria Barlow, para assim entendermos mais claramente o ponto em que estamos vivendo com ideias

⁶ Refere-se ao primeiro estágio da rede mundial de computadores, que eram compostas apenas por páginas estáticas, não possibilitando a interação direta e em tempo real dos usuários.

de Metaverso⁷, realidades virtuais e tantas outras tecnologias que estão em pauta. A comunicação, como pontua Aparici, “implica em diálogo, uma forma de relacionamento que coloca duas ou mais pessoas num processo de interação e de transformação contínua” (APARICI, 2014), isto é, comunicar é interagir, crescer, transformar e porque não aprender continuamente. Quando se tem uma criança, adolescente com as ferramentas e possibilidade de falar ao seu modo as formas como enxergam o mundo ela quer estabelecer esse diálogo, quer se comunicar com alguém dentro do universo conhecido e explorado até então por ela.

Essa vontade de comunicar encontrou lugar na rede, através da sua própria modificação e avanço de recursos, a forma com que a internet se modificou ao fim do século XX e início do XXI ao sair da lógica rígida e que exigia demasiados recursos, possibilitou a reformulação na comunicação e seus mecanismos. Shirky aponta os jornais impressos e que seus “rivais” de informação não eram mais os grandes jornais, mas que agora toda pessoa com acesso ao computador e a internet “[...] eram um meio de comunicação [...]” (SHIRKY, 2012 p. 34).

Essa mudança é fundamental para o advento e funcionamento das redes sociais como um todo já que todo usuário se torna um potencial comunicador/emissor e foge então da lógica tradicional dos meios de comunicação que antes vinha de maneira unidirecional e que no novo contexto das relações em rede se dá de maneira mais direta e diversificada, seja para o bem seja para o mal.

A web 2.0 modificou as regras do jogo e permite que na internet seja possível contribuir de maneira colaborativa na construção do conhecimento coletivo, a partir de atos de comunicação individual e grupais que podem acontecer no ciberespaço e nos espaços reais. Na web 2.0, a relação comunicativa é de todos com todos, e se pode estabelecer uma infinidade de conexões entre todos os cibercidadãos (APARICI, 2014, p. 25).

Tal argumento aponta a transformação na forma da internet de um modelo estático e lento (Web 1.0) para uma nova forma de se interagir no ciberespaço com trocas mais diretas e efetivas entre seus usuários, a descentralização na circulação de informações - a dita Web 2.0. Seguindo o conceito de Web 2.0 conforme seu idealizador Tim O’Reilly esse é um novo

[...] conjunto de princípios e práticas que interligam um verdadeiro sistema solar de sites que demonstram alguns ou todos esses princípios e que estão a distâncias variadas do centro. (O’REILLY, 2005, p. 2)

Na proposta de O’Reilly para a Web 2.0 fica explícito que a ideia é que as trocas de informações e conhecimento circulem por todo o ciberespaço, o que possibilita a todo aquele

⁷ Nome dado por Mark Zuckerberg sobre a nova etapa do Facebook e das relações nas redes sociais que possui, apresentando-a em *Introducing Meta: A Social Technology Company* como uma “combinação híbrida das experiências online atuais, às vezes expandido em até três dimensões ou se projetando no mundo físico” (2021).

com meios disponíveis possa produzir e publicar seu conteúdo, seja através de sites, de páginas em redes sociais, em qualquer lugar que o ciberespaço permita.

Porém fica indefinido a maneira como seria o uso dessas novas lógicas da internet. O usuário teria que pagar por espaço? Teria que comprar determinados produtos? O que haveria que dar em troca para usufruir dessa “liberdade” da Web 2.0? E é nesse ponto que David de Ugarte no capítulo *A web 2.0: uma verdade incômoda* de seu livro *O Poder das Redes* destaca que a

[...] web 2.0 representa a separação entre produção e distribuição da informação. A produção se atomiza e passa aos usuários. No entanto, a questão central – o poder de filtração – continua aberta e, sob o rótulo 2.0, se ocultam distribuições de poder, modelos sociais antagônicos (UGARTE, 2008, p. 71).

Em sua colocação Ugarte toca justamente no ponto controlador desse novo modelo de interação na internet, vende-se a ideia de que se estava num momento de liberdade pura e simples, de produção e distribuição de informação de modo não corporativista, mas o que se consegue entender nesse momento e ao olhar em retrospectiva é que a *Web 2.0* e toda a sua proposta serviram como excelentes captadores de informações e dados de seus usuários.

Os conglomerados empresariais utilizaram do discurso de Barlow, reformularam o conceito e o comportamento com a internet e obtiveram através da “simples” utilização das redes sociais e das interações humanas no ciberespaço para ter em seus milhares de banco de dados as informações que com a concordância do usuário (quem é que lê o contrato de permissões quando baixa um aplicativo novo no celular, não é mesmo?) são utilizadas para recomendar vídeos e canais no *Youtube*, produtos, páginas do *Facebook*, perfis do *Instagram*. Parece inofensivo e nada demais, mas ao ver inúmeros seguidores de determinada ideologia ou figura pública que se engajam por alguma causa e o comportamento das mesmas que transcende o ciberespaço e chega até nós, como notícias de violência e preconceito estamos diante de um problema social sério e que foi potencializado através das organizações nas redes sociais.

É mais do que necessário reforçar que apesar dos inúmeros benefícios trazidos pela internet, assim como toda organização humana ela traz consigo seus problemas e cria seus próprios. Porém ao mesmo tempo que nos defrontamos com toda essa situação, o ciberespaço com a Web 2.0, 3.0⁸ e 4.0⁹ que se integram uma à outra com seus diferentes componentes e permitem a todos os seus usuários: estudar a distância, fazer cursos profissionalizantes *online*,

⁸ Conceitualmente é a fase da web em que tanto a inteligência do algoritmo e dos usuários se alia para tomar decisões e produzir conteúdo, como por exemplo, o que é mais vendável com base na análise dos perfis em redes sociais.

⁹ É a web em que toda ação é rastreável por algoritmos e na qual as inteligências artificiais evoluem para a realização de atividades pensantes a nível humano.

trabalhar remotamente, interagir com amigos e familiares distantes, aprender um instrumento, ensinar algo para alguém, se relacionar com novas pessoas, fazer do seu *hobbie* uma profissão. A internet como um todo é potência para os que sabem fazer bom uso dela e de suas ferramentas, o primordial assim como no mundo físico é sabermos utilizar tais mecanismos e nos educarmos para tal.

Refletir sobre como nos comportamos e somos influenciados pela internet, pelo ciberespaço, pela tecnologia num geral é fundamental para buscarmos caminhos diferentes, para educarmos diferente e o *Youtube* se apresenta dentro do contexto da *web 2.0* como uma forma de educar diferente, a interação entre criador, seu conteúdo e audiência, o caminho de comunicação direta muda a velocidade das relações estabelecidas e por ser um material audiovisual cria a possibilidade de inserções, exclusões de informações quantas vezes forem necessárias.

As características iniciais do *Youtube* já se modificaram bastante desde sua criação até o momento, diversas modificações nas diretrizes da comunidade, na política de monetização dos vídeos e do próprio funcionamento do algoritmo da plataforma transformaram essa rede social de maneira profunda e irreversível. Em decorrência da mudança do espaço de interação, a produção de conteúdo e o perfil dos usuários também muda.

1.4 O *Youtube*: origem e transformação

A imersão digital vivida por parte da sociedade impacta em todos os campos da vida humana. Como citado anteriormente a utilização dos recursos disponíveis no ciberespaço variam conforme o interesse e a necessidade de cada pessoa. Se informar seja através de vídeo, áudio ou escrita é uma realidade a dois cliques de distância ou a um comando de voz¹⁰. Encontramos inúmeros materiais para estudo, lazer, novos aprendizados disponíveis em diferentes possibilidades de consumo, se você perder o manual de montagem de um móvel, por exemplo, muito provavelmente ao digitar o modelo do produto e a palavra “manual” você irá encontrá-lo em PDF¹¹ ou encontrará um vídeo no *Youtube* que ensina passo a passo como montar.

Aprender algo a longo prazo ou recorrer a internet em caso de extrema urgência fazem parte do novo comportamento humano em relação às tecnologias. A diversidade de

¹⁰ Através do uso das inteligências artificiais como Siri (Apple), Alexa (Google), entre outras.

¹¹ Sigla para Portable Document Format em tradução livre seria algo como Formato de Documento Portátil.

conhecimentos, de produções que estão disponíveis por toda a internet é praticamente incalculável; temos hoje uma Biblioteca de Alexandria¹² disponível na palma da nossa mão, porém com uma diversidade ainda maior de pessoas, de pontos de vista e de realidades a serem retratadas toda pessoa com um celular na mão e acesso a internet é um potencial influenciador.

Dentre as redes sociais com grande poder de disseminação de informações e que dentro do contexto pandêmico atraiu ainda mais novos usuários, seja no aspecto de espectadores ou criadores de conteúdo temos o *Youtube*. A plataforma em si não é uma novidade para quem conhece minimamente a internet pois desde seu surgimento é referencial para quem produz conteúdo focado no audiovisual

Fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários do site de comércio on-line PayPal, o site *Youtube* foi lançado oficialmente sem muito alarde em junho de 2005. A inovação original era de ordem tecnológica (mas não exclusiva): o *Youtube* era um entre os vários serviços concorrentes que tentavam eliminar as barreiras técnicas para maior compartilhamento de vídeos na internet (BURGESS;GREEN, 2009, p. 17).

Partindo dessa perspectiva o *Youtube* é criado com a ideia de repositório pessoal, no qual cada usuário poderia postar seus vídeos de viagem, de hobbies, de momentos importantes sem a necessidade de ser uma superprodução do audiovisual. O importante era compartilhar e interagir com seus amigos através desse espaço. É por esse viés que o tratamos nesta pesquisa como rede social pois é “[...] o ambiente digital organizado por meio de uma interface virtual própria [...], que se organiza agregando perfis humanos que possuam afinidades, pensamentos e maneiras de expressão semelhantes e interesses sobre um tema comum” (ZENHA, 2017, p. 24). A possibilidade de trocar experiências e de expor momentos vividos foi a premissa inicial da plataforma para seus usuários e poder fazer isso sem um limite de dados, sem necessitar pagar, apenas criar um email e uma senha para poder usar esse espaço, foi um chamariz e tanto para todos os perfis de usuários da internet. Como dito por Burgess e Green, o *Youtube* “não era o único site de vídeos da internet”, o que nos faz pensar o porquê de seu magnetismo e de sua ascensão a uma das redes sociais mais utilizadas atualmente com 2.29 bilhões de usuários sendo a 2ª maior rede social atrás apenas do Facebook com 2.85 bilhões de usuários (dados disponíveis para consulta no site <https://backlinko.com/Youtube-users>).

Pois bem, alguns aspectos da sua praticidade e “liberdade” no início podem explicar seu crescimento conforme Burgess e Green (2009): o não “estabelecer limites para o número

¹² Local de produção e circulação de conhecimento do Mundo Antigo, tido como primordial para os avanços nas ciências e de intercâmbio cultural.

de vídeos dos usuários, [...] funções básicas de comunidade [...] e a geração de URLs que permitiam a incorporação rápida dos vídeos em blogs” caíram no gosto dos usuários, o que implica no crescimento da rede e sua posterior compra pelo *Google* em outubro de 2006 no valor de 1,65 bilhão de dólares.

A possibilidade de comentar nos vídeos de seus colegas, familiares ou pessoas que você acompanha também foi um mecanismo muito bem aceito pelos usuários da plataforma e a não necessidade de se seguir mutuamente (você segue uma pessoa e ela ter que te seguir de volta) fez com que as interações entre usuários, sejam eles com grande número de seguidores ou não, se estreitassem e criassem a possibilidade de interação entre níveis de usuários diferentes.

Outro aspecto que chama atenção no início do *Youtube* e que se mantém até hoje é a migração entre o usuário consumidor e o usuário produtor. A liberdade para postagem ilimitada na plataforma faz com que quem a usa sintam-se impelido a compartilhar seu conteúdo, principalmente no início da rede social, na qual a qualidade não era uma exigência visto que a lógica era a interação entre os usuários e a troca de conteúdos entre si. As pessoas iniciam então o processo de alimentar a plataforma com seus vídeos, fossem de qualquer tipo e isso acaba por transformar qualquer usuário não só em consumidor dos vídeos de forma passiva, como na TV, no cinema, mas propicia o poder de interagir e de criar algo próprio, tornando o usuário em produtor de seu próprio conteúdo.

Ao analisarmos a facilidade de se fazer parte da plataforma e sua “fácil” migração de um usuário para um produtor de conteúdo, que vem do conceito básico da *Web 2.0*, se justifica o crescente interesse em torno da profissão “produtor de conteúdo” que vale como título de relevância dentro das redes sociais e pela constante ostentação mostrada pelos criadores de grande relevância dentro das plataformas gera-se um interesse cada vez maior nessa profissão, principalmente na criação de conteúdos cada vez mais curtos e de consumo rápido.

A lógica de adesão ao *Youtube* assim como em outras redes sociais é simples, basta ter um email (de preferência o *Gmail* que é o correio eletrônico do grupo *Google* de preferência), criar uma senha e aceitar os termos de uso da plataforma, além do *Youtube* você terá acesso a uma gama de outras ferramentas do conglomerado *Google* a partir desse email criado, como por exemplo, *Google Classroom* (ferramenta fundamental para as escolas durante a pandemia), *Google Drive* (que permite armazenamento de dados de maneira online, nuvem), entre outras. E isso lhe dá a possibilidade de consumir, interagir e criar suas próprias experiências dentro da plataforma e conforme seu uso o algoritmo da rede social vai lhe

indicando novas possibilidades de consumo, novos canais conforme seu perfil, isso faz com que cada usuário tenha sua página principal personalizada com base no que consome.

Porém essa lógica de personalização que é característica do *Youtube* desde seu início e que se aplicou a tantas outras redes sociais, aponta situações opostas. Num primeiro momento a praticidade de se ter acesso rápido a conteúdos que lhe interessam, está ali, no seu perfil de maneira imediata é só clicar e assistir seus canais preferidos. Mas ao “moldar seu perfil de consumo” (LANIER, 2018, p. 46) há a criação de uma bolha de conteúdo e isso impede que o usuário tenha acesso a um leque maior de opções. E conseqüentemente essa bolha vai determinando seu comportamento dentro da plataforma e os tipos de interações as quais vamos estabelecendo na rede social.

Com base na demanda de vídeos presente no *Youtube*, o mesmo pode ser considerado como um agregador de produções de audiovisual e que faz a circulação desses vídeos por toda sua comunidade de usuários, quem se inscreve em algum canal específico recebe as notificações daquele canal, interage, compartilha e curte o vídeo mais recente postado ou qualquer outro que seja do interesse e que esteja disponibilizado pelo proprietário do canal.

Para entender melhor o funcionamento do *Youtube* ou de qualquer outra rede social, se faz necessário a explicação da palavra algoritmo, em específico a maneira como os mesmos são projetados para o *Youtube* e como isso impacta a experiência de cada usuário. A primeira vez que temos algoritmo associado à computação foi através dos estudos de Ada Lovelace (1815-1852) que estabelece uma estrutura sequencial para a realização de um cálculo matemático, com o intuito de otimizar a operação a ser realizada e que fora aplicada na chamada “*Máquina Analítica*” criada por Charles Babbage.

Posteriormente temos a utilização da criação de Ada, por parte de Alan Turing (1912-1954) que desenvolveu uma máquina matemática automatizada que realizava os cálculos após a inserção de informações iniciais em forma de algoritmo e que processavam tais informações de maneira autônoma. Turing ficou mundialmente conhecido por implementar seu conhecimento matemático e adaptar a “*Máquina de Turing*” para decifrar o código nazista durante a segunda guerra mundial.

É importante frisar, que ambos têm papel importante no desenvolvimento das linguagens computacionais e que lançam as bases da programação que vigoram nos sistemas informacionais. Seja em um programa instalado no seu computador ou em uma rede social online, a presença das linguagens de programação é o que faz tudo funcionar. Mas o algoritmo pode ser moldado conforme os interesses de um site ou rede social e é assim que funciona nas

redes sociais, porém o que nos interessa é compreender as modificações ocorridas no algoritmo do *Youtube*.

No período de sua fundação (2005), o *Youtube* não tinha ainda as estruturas de classificação de nichos e nem um algoritmo que recomendasse a cada um dos usuários os tipos de vídeos mais apropriados para ele. Funcionava mais como um catálogo online onde os usuários iam colocando seus vídeos conforme quisessem, a profissão *youtuber* ainda não existia e conseqüentemente a rotina de postagem não era tão importante. Mas o aspecto das visualizações já estava lá, quanto mais o vídeo fosse visto e compartilhado ele aparecia em primeiro na página inicial da plataforma, o visual do site na época pode ser visto na imagem a seguir.

Figura 1 – *Homepage do Youtube de 2005*



Fonte: FREIRE, R. YouTube faz 16 anos: relembre o início e as mudanças na plataforma de vídeos.

Techtudo, 15 fev. 2021. Disponível em:

<https://www.techtudo.com.br/listas/2021/02/youtube-faz-16-anos-relembre-o-inicio-e-as-mudancas-na-plataforma-de-videos.ghtml>. Acesso em: 14 abr. 2022.

O funcionamento da plataforma mudou com a implementação do algoritmo desenvolvido pela *Google* que em 2010, três anos após a compra da rede social, não tendo o retorno financeiro almejado até então, implementa o sistema *TrueView* (SILVA, 2017, p. 6) através do qual as propagandas começam a serem vinculadas aos vídeos e canais com maiores visualizações, proporcionando assim um “pagamento” aos usuários que tivessem maior destaque e para a plataforma ao ceder espaço para as propagandas. Isso fez com que ocorresse

um movimento de profissionalização dentro da plataforma por parte dos usuários para captar uma audiência maior, modificando o nível de edição e qualidade na produção dos vídeos.

Após essa reformulação da interação dos usuários com a plataforma, vão se criando cada vez mais canais e novas ferramentas disponibilizadas pelo *Youtube*, como as transmissões ao vivo que se destacaram durante a pandemia devido as *lives* (transmissões em tempo real), que permitem aos usuários cadastrados enviarem mensagens durante o show, palestra ou o que for que esteja em transmissão de maneira instantânea dando a sensação de interação e proximidade com seu/sua *influencer* predileto(a).

Uma transformação significativa para o funcionamento e a relevância de determinados canais ou conteúdos com relação a outros foi a implementação do sistema de *watchtime*, que em tradução livre significa tempo de tela/visualização. Essa modificação feita a partir de 2012, deu ao *Youtube* um novo panorama para distribuição de seus anúncios e também da monetização de cada canal que “Segundo o site, esta relação se dá em números absolutos, independente do tamanho que o vídeo tenha em minutos.” (HARRISON, 2019, p. 17). O que indica que a plataforma visa o total de material depositado por determinado usuário em seus bancos de dados, para saber direcionar o tamanho e a relevância do anúncio a ser publicado ali e que combine com a audiência do canal.

Além dessas modificações ainda temos constantes mudanças nas regras de direitos autorais que mudam conforme o contexto de uso, músicas em canais de dança por exemplo, não recebem alertas por terem acordos pré-fixados, mas se a música é reproduzida por mais de 3 segundos em um vídeo de viagem, provavelmente o canal receberá uma punição de *ID Content*, que é o sistema de identificação do conteúdo com direitos autorais. Temos ainda a mudança de perfil de canais ou censura através de sons (*beeps*) para camuflar os palavrões ditos, com intuito de permitir que usuários de todas as idades possam consumir determinado conteúdo, sem restrições de idade e conseqüentemente aumentando sua audiência. A base de funcionamento do *Youtube* se mantém semelhante a inicial: você pode pesquisar vídeos, criar e postar através do seu perfil pessoal, palavras-chaves e as *hashtags* servem para localizar vídeos com temas que interessem ao usuário e a manutenção do espaço de interação através do campo de comentários

As mudanças mais impactantes tanto para os consumidores quanto para os produtores ao longo desses 17 anos de existência da plataforma, se deram então na tentativa da transformação desse espaço em vendável pelas marcas e também consumível pelo maior número de pessoas possíveis. Gerando renda para quem administra e quem produz, saindo de

uma lógica de produção caseira e indo ao encontro de grandes produções tecnicamente falando, uma mudança drástica no que fora o intuito de seus criadores.

Tivemos nesses anos diferentes ondas de conteúdo mais relevante e sobre temas diferentes (culinária, jogos, esportes, conteúdo nerd, maquiagem etc.). Mas com a mudança do algoritmo em 2016 com uma postura mais conservadora, passa a não recomendar vídeos com palavrões e com a questão de direitos autorais, diversos canais estagnaram em seu crescimento por essa mudança e a forma de se produzir conteúdo mudou junto.

Cada vez mais pessoal e dentro da bolha desenvolvida pelo algoritmo das pessoas, temos uma lógica que nos enche de determinados conteúdos e esconde outros e com isso compromete a visão mais dinâmica e plural do conteúdo produzido no *Youtube*. A partir do mecanismo desenvolvido e aprimorado pelo algoritmo, que permite a plataforma entender quais são os *creators* mais relevantes em cada nicho (humor, viagem, educação, música, esportes entre outras tantas categorias existentes) e assim possibilita rastrear a rentabilidade desses criadores e anexar propagandas comerciais que ao mesmo tempo ganham visibilidade e geram renda para a própria plataforma através do pagamento por anúncio (assim como na TV) o que possibilita a manutenção da rede social e o pagamento dos produtores de conteúdo.

Em 2007, com a chegada da plataforma no cenário brasileiro e o surgimento de uma gama significativa de produtores nacionais de vídeo para o *Youtube*, foi gerado o espaço para popularização de diversas realidades e oportunizado a muitas pessoas um lugar de manifestação até então limitado a outros grupos sociais e meios de comunicação. Não alheios a essa nova mecânica do mundo digital, muitos professores e professoras enxergaram na plataforma um espaço diferente das salas de aula para a propagação do conhecimento. O alcance proporcionado pelo *Youtube* atraiu e atrai professores e professoras de diferentes áreas e assim passa a ser uma ferramenta potencial na lógica do ensino.

A própria plataforma percebe tal movimento e funda em novembro de 2013 junto a Fundação Lehmann, o *Youtube Educação* uma plataforma que agrega vídeos de professores e professoras brasileiros de todas as áreas de conhecimento e que passa, logicamente, por uma curadoria da própria rede. Além disso, surgem inúmeros canais educacionais focados nos diferentes níveis de conhecimento do básico ao superior e também conteúdos voltados para a educação especial (autismo, surdez etc), com diferentes tipos de abordagem com relação aos temas que trabalham. A plataforma abrange diferentes áreas de interesse como já pontuamos e dentro da diversidade de produtores de conteúdo temos dezenas de canais que abordam a História, sendo que muitos desses canais não possuem a formação acadêmica ou

conhecimentos necessários para a produção e abordagem desses temas de uma maneira bem embasada.

Não que a formação acadêmica seja a panaceia de todos os problemas, já que mesmo com conhecimento acadêmico há profissionais que optam por óticas históricas voltadas para o negacionismo e/ou revisionismo conservador. Fazem então um desserviço a debates importantes com relação ao conhecimento histórico e na maneira como tal é visto e tornado público, o que pode implicar em equívocos ou propagação de ideias erradas em relação a temas controversos da História e culminar na desinformação de uma enorme quantidade de pessoas que buscam maneiras rápidas de se “informar” e acabam por aceitar esses vídeos como verdade por diversos fatores (ideologia, didática, qualidade do vídeo/edição, entre outros) entendendo que, como se trata de um professor ou professora e da posição que ocupa perante a sociedade, seu argumento é válido e inquestionável.

Temos que tomar cuidado com relação às denominações revisionistas, pois temos dentro desse campo, diferentes vertentes e o revisionismo no seu sentido de revisar, foi o que possibilitou a inclusão de narrativas marginalizadas inicialmente, de serem incluídas e entendidas como elementos históricos que trazem uma nova percepção sobre o fazer historiográfico.

O que Melo (2014) nomeia como revisionismo histórico, por exemplo, é o tipo de historiografia que traz uma importante virada ético-política, que dá objetividade às narrativas subjetivas, através do método historiográfico bem aplicado e embasado. São as fontes que falam através dos questionamentos do historiador evitando cair na tentação de orientar suas fontes ao ponto em que quer chegar, seja por motivos profissionais, políticos ou ideológicos.

Deixar com que seus interesses particulares orientem as fontes e contaminem sua leitura, método e narrativa é justamente o tipo de revisionismo que tem ganhado força, ainda mais em tempos de propagação rápida de informações. O revisionismo ideológico “é justamente aquele que não se utiliza das regras epistemológicas do campo historiográfico, cujas reflexões, perguntas, dúvidas visam alcançar um objetivo já posto desde o início [...]” (SANTOS, 2021, p. 4) e que em canais como Brasil Paralelo fazem uso de narrativas com tendência ideológica de extrema direita e dizendo abordar “a história que seu professor não contou” faz com que inúmeras pessoas acreditem num ineditismo histórico, mas que tem por trás com pontua Pinski “o revisionismo calcado na manchete sensacionalista sobre um tema histórico, na apropriação descontextualizada de trabalhos historiográficos [...]” (PINSKI;PINSKI, 2021, p. 100).

Além das óticas revisionistas com relação à história, temos ainda o aspecto do negacionismo que ronda o campo histórico que visa negar, sem nenhuma contraprova eventos, em sua maioria traumáticos, pautados principalmente por aspectos ideológicos, questionam a veracidade dos fatos ocorridos. Como pontua Sônia Meneses o negacionismo nos força a assistir “[...] à emergência de discursos reativos e conservadores que se sustentam na difusão tanto de falsos contrários – como disse antes – como de falsos similares, com a intenção deliberada de estimular conclusões altamente tendenciosas sobre os processos históricos” (MENESES, 2019, p. 85), fazendo explodir em todos os espaços sociais tensões e a atribuição política de que se você pensa de uma forma que discorda de outra, logo você se torna o “inimigo” a ser combatido.

E ante a existência de vários canais com tendências negacionistas e revisionistas conservadoras patrocinados por empresas e grupos políticos têm crescido em número e em ocupação de espaços, não apenas no *Youtube* e nas demais redes sociais, há uma gama de professores e professoras que vem ocupando esses espaços virtuais, e trazem com eles o conhecimento produzido nos espaços acadêmicos, numa perspectiva historiográfica alinhada ao procedimento científica e que com suas práticas docentes, aliaram os recursos audiovisuais para ser um contraponto a esse crescimento e colaborar na construção do conhecimento histórico, seja enquanto conteúdo estudantil estruturado ou no sentido de formação humana.

Com relação ao ensinar, há um implemento na relação ternária que Chevallard (2013) propôs entre o professor, o aluno e o conhecimento a ser ensinado. Na perspectiva de Chevallard há necessidade do conteúdo a ensinar para estabelecimento da relação de ensino-aprendizagem, mas e como essa relação se estabelece e é construída sem o acompanhamento presencial que é o caso dos vídeos no *Youtube*? Antes de tudo, é preciso que o conteúdo sobre o qual o vídeo fala esteja dentro de um conjunto de “conhecimento ensinável” (CHEVALLARD, 2013, p. 11), que são saberes que possuem apelo social. No caso dos vídeos a motivação para produção deles, é ensinar ao aluno conteúdos úteis que são exigidos em outros espaços da sociedade como em vestibulares, provas nacionais, exames escolares, entre outros.

Com isso em mente, os conteúdos dos vídeos selecionados se encaixam nos conhecimentos ensináveis, há então o surgimento da abordagem desse conteúdo de alguma maneira na internet, a intenção de postar esses vídeos estão atrelados à vontade e a percepção de necessidade de seus criadores, mas a partir da postagem deles em um ambiente de acesso a outros usuários, os usos dessa produção variam. Podem ser utilizados como material de estudo para alunos, recurso didático para os professores, tema de curiosidade de historiadores

amadores e por aí vai; o enfoque da criação do conteúdo e de sua publicação pode não ser o mesmo de quem o consome.

Mas então como se constrói a relação de ensino-aprendizagem através do vídeo postado na rede social? Se estabelece na dinâmica de comunicação da plataforma em questão. Quando o vídeo é bem recebido isso aparece em forma de comentários, de curtidas, de visualizações e de compartilhamentos, essa é a dinâmica de interação da plataforma. Através da conversa nos comentários e do engajamento que o vídeo gera para o canal é que o professor/professora vai entender se aquela videoaula cumpriu seu propósito ou não e vai receber dos seus alunos a avaliação da sua aula.

A dinâmica de relacionamento do *Youtube* é a mesma para qualquer produtor de conteúdo, independente da área em que atua: são os comentários, os números de visualizações, de curtidas, de inscritos e o tempo de consumo dos vídeos (*watchtime*) que dão a resposta desse relacionamento produtor-usuário e no caso dos “edutubers”¹³ da relação de ensino-aprendizagem, ainda que de maneira limitada.

Temos diversos canais que abordam a História como elemento para produção de seus vídeos, com número de inscritos, linguagem, produção e interesses variados, dos grandes *youtubers* a nível nacional, podemos pegar como exemplo, o Felipe Castanhari e seu canal Nostalgia que conta com mais de 14 milhões de inscritos e que possui além dos vídeos que abordam temas históricos, os de ciência, de música, de esporte, viagens. Para a produção de seus vídeos de História, Castanhari conta com consultoria de professores da área e foca em eventos e personalidades marcantes e mescla elementos de animação com narração e imagens da personalidade/período.

Outro canal que aborda História, mas numa perspectiva voltada para acadêmicos de História é o ObrigáHistória idealizado e apresentado pelo professor Icles Rodrigues, que aborda em seus vídeos conceitos historiográficos, com referências de leituras sobre os temas abordados e conta com 414 mil inscritos. Além disso possui outros projetos como podcast chamado História FM, em que conta com a colaboração de vários professores e pesquisadores dos temas que aborda.

Em uma forma mais descontraída temos ainda o canal HISTORIAR-TE que busca elucidar momentos históricos através de animações que interagem e contam o evento escolhido junto a narração. Focado em resumos rápidos sobre os temas selecionados, o canal conta com 193 mil inscritos e usa os recursos da animação e do desenho para estabelecer mapas mentais que auxiliem os alunos em seus estudos para provas e exames nacionais.

¹³ Produtores de conteúdo voltado para a educação. A definição não exige formação acadêmica na área.

Temos então alguns exemplos da diversidade de canais que abordam a História e seus personagens como eixo central de seus vídeos, cada um com suas ideias e interesses. Porém o interesse de nossa pesquisa é em canais que tivessem a frente professores de formação para entendermos os processos de produção de conteúdo, o quanto a formação acadêmica impacta nas perspectivas de produção e que focassem numa lógica de “aula” dentro da plataforma.

Para tal foram selecionados para esse trabalho os canais “Se Liga - ENEM e Vestibulares” do professor formado em História Walter Solla¹⁴ e “Débora Aladim” que usa seu nome próprio como nome do canal e também possui graduação em História¹⁵. Tais canais foram escolhidos devido a seus perfis diferenciados: primeiro lugar no aspecto de produção dos vídeos dos canais – o canal “Se Liga - ENEM e Vestibulares” possui uma produção mais elaborada com cenários diferentes, produção de figurino recorrente e diferentes formatos de vídeo (resumos, detalhados, “toda a história”).

Já o canal “Débora Aladim” tem um perfil mais intimista, gravado no quarto da dona do canal, com um cenário fixo e com pouco aparato de figurino, vários vídeos do canal são na lógica de resumos para vestibulares e provas nacionais e temos também a produção de uma série sobre a “História do Brasil”, que foca em viajar pelo país através de visitas a lugares históricos relacionados principalmente com o Brasil Colonial e são dessa série os vídeos selecionados para análise em questão.

Os canais foram selecionados por trazerem perfis de produção diferenciados entre si, locais de formação diferentes (São Paulo e Minas Gerais) e também pela questão de gênero que pode ser um aspecto diferencial nas interações entre usuários e criador de conteúdo. O intuito na seleção dos canais foi trazer os aspectos da formação acadêmica em História e como os professores fazem o trabalho de adaptação do conhecimento histórico para o *Youtube* e como constrói a relação de ensino-aprendizagem dentro da rede social. Se tivéssemos selecionado canais que não se encaixam no perfil traçado, teríamos aspectos diferentes para analisar, mas perderíamos a compreensão da adaptação didática realizada por professores formados.

O que há de semelhança entre eles é que ambos os canais possuem uma característica focada na abordagem de temas recorrentes das provas e exames nacionais; os vídeos disponibilizados têm diversos aspectos: resumos, aulas completas, minicursos, mas que servem como atrativo para as plataformas próprias de cada um desses canais que vendem

¹⁴ Formado em História pela Universidade de São Paulo

¹⁵ Formada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais

cursos preparatórios para as provas nacionais com enfoque na área das ciências humanas. Então pode-se dizer que o que se tem de conteúdo disponibilizado através dos vídeos no *Youtube* serve como vitrine para apresentar a qualidade do material que compõem os cursos disponibilizados pelos 2 canais fora do maior repositório de vídeos da internet.

A metodologia aplicada conforme a definição de Kozinets acerca da netnografia se orientou no sentido de analisar os comentários dos usuários em vídeos que abordam temas difíceis (FICO, 2012 e VON BORRIES, 2016) como a escravidão, genocídio indígena e ditadura. Tais temas foram os escolhidos para análise por terem desdobramentos e impactos na sociedade brasileira e serem campos de disputa de narrativas que se opõem, e há a manifestação desse embate de narrativas em diferentes locais do ciberespaço.

O *Youtube* e seu campo de comentários, onde se dão as interações entre os usuários, se mostrou como um desses locais e através da coleta dos comentários, a existência do confronto de ideologias e de posicionamentos acerca dos temas ficou palpável. Apresentando em muitos momentos debates construtivos e em outros defesa ideológica ferrenha, sem necessariamente argumentos comprovados pelos autores dos comentários, muitas vezes descambiando para troca de insultos entre os usuários ou ainda que se direcionam aos professores que apresentam o vídeo.

A análise dos comentários foi antecedida pela coleta dos comentários dos vídeos que abordam os temas citados anteriormente e foram categorizados como outros os comentários com *emojis*¹⁶ e que não possui um objetivo, como por exemplo, comentar “Primeiro” apenas para dizer que foi o primeiro a chegar ao vídeo, e os demais comentários com contribuições mais efetivas e que foram divididos em outras 6 categorias: crítico-positivo, crítico-negativo, revisionista, apreciativa, debate e finalidades. As categorias foram definidas com base no método de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2016) que se estrutura em 3 etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e sua interpretação.

Na etapa de pré-análise que é onde há “a escolha dos documentos, [...] a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 2016, p. 126) é que foram definidos os temas de interesse, os vídeos selecionados e os comentários como fonte principal de análise e a realização da coleta desses comentários. Nesse ponto é importante frisar que como o campo de comentários é um espaço mutável devido às frequentes interações, novas coletas podem trazer alterações, portanto faz-se necessária a definição de que esses comentários foram coletados entre os dias 17 a 22

¹⁶ “Imagem icônica que pode ou não incluir animações e pela qual busca expressar um sentimento de forma resumida” (SOUZA, 2019).

de fevereiro de 2022. Houve também a formulação de hipóteses acerca do comportamento dos usuários, por exemplo, com relação ao gênero dos professores selecionados, se haveria manifestação de discursos diferentes por serem homem e mulher.

Na etapa seguinte, exploração do material, foi realizada a leitura dos comentários e a partir disso é que foram desenvolvidas as categorias para separação dos diferentes tipos de interação e de ideias manifestadas pelos usuários. Foi nesse momento que tomamos por base o processo de categorização de Bardin no qual ela afirma que

As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento efetuado em razão das características comuns destes elementos. O *critério* de categorização pode ser semântico (categorias temáticas: por exemplo, todos os temas que significam a ansiedade ficam agrupados na categoria “ansiedade”, enquanto os que significam a descontração ficam agrupados sob o título conceitual “descontração”), sintático (os verbos, os adjetivos), léxicos (classificação das palavras segundo o seu sentido, com emparelhamento de sinônimos e dos sentidos próximos) e expressivo (por exemplo, categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem) (BARDIN, 2016, p. 148).

Dessa maneira as categorias da pesquisa foram definidas seguindo a perspectiva da semântica, isto é, os comentários foram agrupados conforme ideias que se aproximam em sentido, por isso a categoria Apreciação engloba qualquer comentário que faça menção a qualidade do vídeo, do conteúdo, da didática do(a) professor(a) etc. Na Crítico-positivo estão os comentários que expõem ideias para melhoria dos vídeos, seja no aspecto de produção e/ou apresentação, mas que valorizam o trabalho despendido para a realização do trabalho.

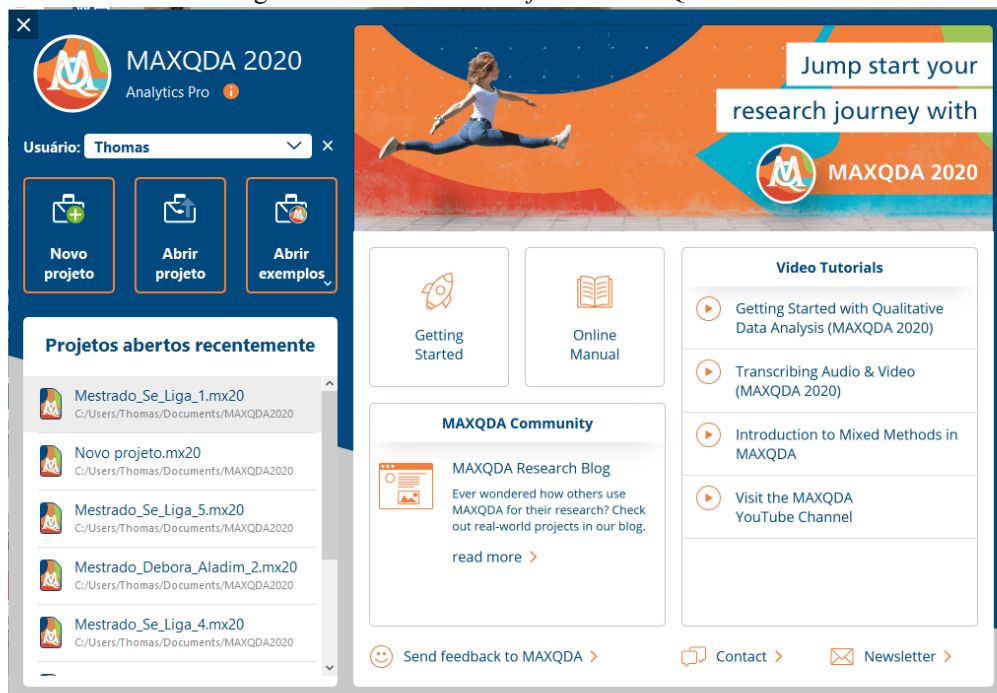
Na categoria Crítico-negativa estão englobados os comentários que manifestam insatisfação com o conteúdo e/ou qualidade do vídeo e que agem no sentido de ofender os responsáveis pela produção do material. A categoria revisionista-conservador agrega as interações que convergem para os discursos negacionistas, de banalização dos debates promovidos pelos professores nos vídeos e que possuem sentido de defesa com relação às atitudes de opressão apontadas durante as videoaulas.

O classificador Debates reúne as trocas de mensagens entre os usuários/inscritos que buscam trocar informações de maneira a complementar a reflexão sobre o tema um do outro, mesmo que discordantes, trazendo elementos de diferentes perspectivas históricas; a categoria Finalidades é a que junta as interações onde estão manifestadas claramente os usos feitos pelos consumidores do conteúdo em questão: curiosidade sobre o tema, estudos (básico ao superior), preparação para provas e exames, complementação das aulas etc. E a categoria Outros como já apresentamos anteriormente engloba as manifestações através de *emojis* e comentários que não possuem um sentido/ideias claras.

Com as categorias definidas com base em sua aproximação semântica, fomos para a terceira etapa do procedimento analítico de Bardi, o tratamento dos dados; foi nessa etapa que saímos da “leitura flutuante” (BARDIN, 2016, p. 128) da primeira etapa e iniciamos o processo de leitura mais profundo dos comentários e conseqüentemente a realização da separação das interações nas categorias definidas anteriormente e a partir dessa estruturação das ideias manifestadas em cada comentário é que conseguimos realizar a representação gráfica e das predominâncias das categorias em cada vídeo selecionado.

Para a realização da extração dos comentários do *Youtube* contamos com a utilização do software MAXQDA¹⁷ versão 2020, o programa foi selecionado após a realização de testes com mais 2 sistemas *NVivo* e *Atlas.TI* em paralelo e em razão de sua velocidade e funcionalidade foi o escolhido por atender melhor aos usos para a pesquisa. O MAXQDA 2020 possui uma tela de início na qual o usuário pode escolher criar novos projetos, abrir um projeto já existente ou abrir exemplos para aprender com eles. Além disso dispõe de um manual online, direcionamentos diretos para a comunidade de usuários do programa, vídeos tutoriais (em inglês) e canais de comunicação entre usuário e criadores do programa, conforme imagem a seguir:

Figura 2 – Tela inicial do *software* MAXQDA 2020



Fonte: Arquivo pessoal do autor

¹⁷ É um software para análise de dados qualitativos e métodos mistos em pesquisas acadêmicas, científicas e comerciais desenvolvido e atualizado desde 1989 pela empresa alemã VERBI Software. O sistema funciona em múltiplos sistemas operacionais como *Windows* e *MacOS* e disponibiliza versões gratuitas para teste, porém para uso contínuo o sistema é pago, possuindo versões empresariais, acadêmicas e individuais.

O sistema possui 11 menus principais na parte superior da tela, que se assemelham aos menus do pacote de programas Office da empresa Microsoft em sua versão para o sistema operacional Windows. Em cada menu principal há submenus que apresentam ferramentas específicas para cada tipo de uso que o programa pode realizar, abaixo desses menus podemos ver 3 janelas padrão do programa. No lado esquerdo podemos ver duas menores que são a Lista de Documentos e a Lista de Códigos.

Na janela de Lista de Documentos ficam localizados os documentos importados para uso nas análises, podendo ser entrevistas transcritas, documentos de texto em quaisquer formatos, imagens, áudios, vídeos, dados de questionários online, comentários extraídos do Twitter, *Youtube* ou de algum site, enfim diversos tipos de documentos são aceitos. No caso dos vídeos do *Youtube* que passam dos mil comentários, o programa divide-os em mais de um documento, mas a lista de códigos mantém o número total dos comentários classificados.

Na janela de Lista de Códigos é onde ficam as categorias criadas pelo usuário. Onde pode-se classificar frases de uma entrevista, palavras-chave ou no caso desse trabalho foi onde ficaram as categorias de interação para classificar os tipos de comentários realizados em cada vídeo.

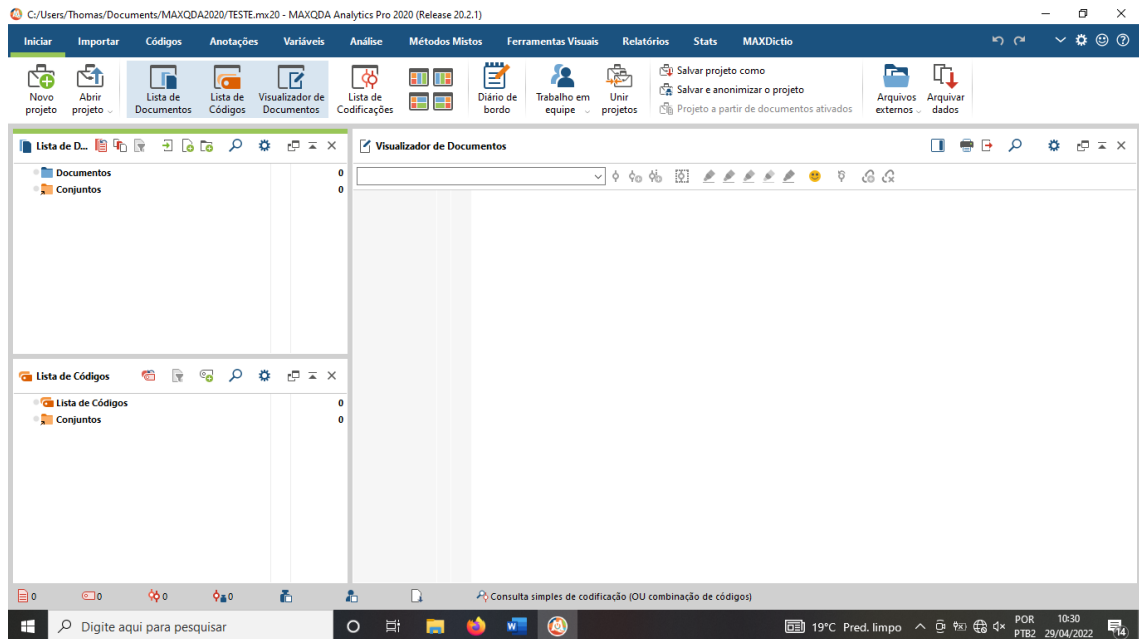
A janela maior chamada de Visualizador de Documentos, como o próprio nome já explica, é onde podemos ver as informações do documento que está sendo analisado. É onde podemos ir realizando as inserções dos códigos para classificar as informações conforme sua categoria, pode-se grifar, inserir emojis, estabelecer links com outros códigos de classificação, em resumo pode-se trabalhar diretamente no documento selecionado.

O programa ainda possibilita realizar anotações nos documentos para trabalhos em grupo, fazer análises de caráter comparativo entre documentos e códigos, gera tabelas de dados com referência cruzada, tabela de tipologia, análise de similaridade entre documentos. Além disso possui ferramentas visuais que podem ser usadas para gerar mapas mentais que associam códigos, documentos e nuvem de palavras.

Os relatórios gerados pelo programa podem ser impressos, compartilhados em rede e exportados em outros formatos de documento de texto para serem utilizados em outros programas sem prejuízos nas informações existentes. É importante ressaltar que o MAXQDA é um software de análise que possui o sistema liberado desde a versão para uso pessoal até nível institucional (universidades, centro de pesquisa), isto é, as ferramentas estão completas seja em qual nível de uso for possibilitando ao usuário mais básico a utilização do software em sua plenitude. Porém é um sistema pago, no qual pode-se fazer a aquisição através de lojas

revendedoras ou diretamente no site da desenvolvedora do programa (valores e compras em dólar americano).

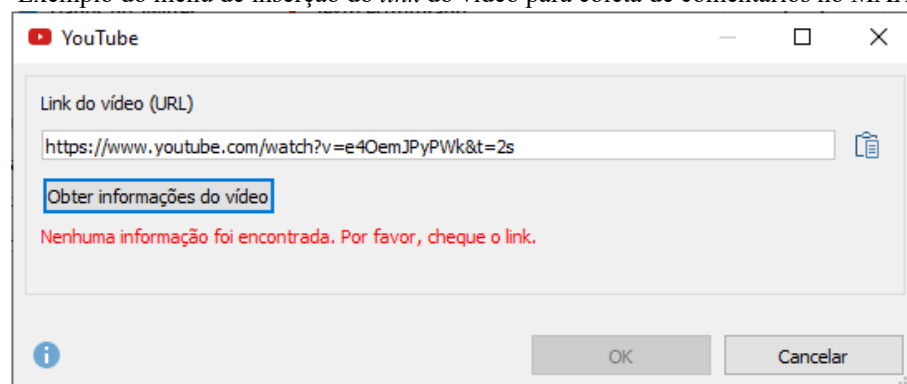
Figura 3 – Tela padrão do programa MAXQDA 2020



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Para a nossa pesquisa, que tem os comentários dos vídeos como corpo documental, o programa auxiliou principalmente na facilitação da coleta de dados já que obtém os comentários todos de uma vez, através da inserção da URL (*Uniform Resource Locator*), em outras palavras do endereço do vídeo no ciberespaço, e faz a leitura de onde está o vídeo e coleta todas as informações sobre ele, incluindo os comentários de maneira automática, sem a necessidade de selecionar ou inserir manualmente.

Figura 4 – Exemplo do menu de inserção do *link* do vídeo para coleta de comentários no MAXQDA 2020



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Assim sendo, acreditamos que o programa foi o mais adequado para a realização da pesquisa, tanto no aspecto da coleta quanto do tratamento dos dados e na demonstração dos resultados obtidos e que através da análise realizada obtivemos clareza e entendemos quais elementos históricos esse usuário manifesta/mobiliza através do comentário para defesa de sua percepção.

CAPÍTULO 2 – REDE (VIRTUAL) SOCIAL, EDUTUBER E VIRTUALIZAÇÃO DO ENSINO

A educação como um todo foi e continua sendo alvo de inúmeros interesses, pessoas e meios para ser controlada e ditar a quem está imerso no processo de ensino e aprendizagem quais os caminhos a serem seguidos. A disciplina de História dentro das áreas de conhecimento também é um dos alvos preferidos de governos federais, estaduais e municipais.

Cada um em sua instância tenta orientar dentro das ideologias de seus governantes – e muitas vezes ignora os aspectos específicos da própria sociedade – mecanismos que direcionem a uma visão histórica, que incorre em impactos que podem ocasionar ganhos temporários ou perdas significativas que afetam não apenas uma geração de pessoas, mas que se estendem por décadas e que interferem na leitura da sociedade sobre si mesma e sua história. Também buscam participar das definições da Educação diversos outros agentes não estatais em busca da realização de seus objetivos particulares, com destaque para as fundações empresariais, dotadas de recursos, estrutura e poder de pressão sobre os governantes.

Os recursos tecnológicos que variam de geração em geração e que acompanham a dinâmica da sociedade e da comunicação entram no grupo de elementos que tem por finalidade falar e expressar diferentes olhares sobre o ambiente humano e as relações que se desenvolvem entre diferentes atores sociais. Dentro do ambiente escolar e das lógicas de governo tais recursos são utilizados ou negligenciados para moldar os comportamentos esperados e direcionar ações de grupos, pessoas, entidades e até do próprio governo via repercussão dos diferentes espaços de interação social.

Vejam os exemplos mais recentes que a pandemia de CoVid-19 nos trouxe. Para professores e professoras houve a urgência para aprender a usar as tecnologias já existentes, mas até então distantes do ambiente tradicional da sala de aula no qual em muitas situações os alunos são proibidos de usar celulares ou quaisquer outros recursos para consultar durante as aulas e atividades dentro do espaço escolar.

Na outra ponta da relação ensino-aprendizagem, há os alunos e alunas que tiveram que dispor recursos (em sua maioria escassos) para ter acesso às aulas e não se distanciarem ainda mais do conhecimento – logicamente a maior parte do alunado brasileiro. O cenário econômico criado desde 2016 até aqui (2023) não é favorável às classes sociais como a média e a baixa. A classe média caiu no período da pandemia de 51% para 47% de 2020 para 2021 segundo estudo do Instituto Locomotiva com base nos dados do Pnad (Pesquisa Nacional por

Amostra de Domicílios Contínua) e da POF (Pesquisa de Orçamentos Familiares) realizadas pelo IBGE nesse período (CARNEIRO, 2022).

Na conjuntura dos eventos postos, isto é, pandemia, aumento da inflação e crescente desemprego, investir em tecnologia (computadores e celulares) para acompanhar as aulas remotas que foram adaptadas às pressas devido à pandemia, causa um impacto significativo no orçamento familiar. Tais dificuldades implicaram no aumento da evasão escolar (de 2% para 4,4%) no Paraná que em números brutos representa aproximadamente 83.087 jovens que por diversas causas acabaram por sair dos ambientes escolares (ALBUQUERQUE, 2021).

Todos esses dados evidenciam o distanciamento entre tecnologia, acesso e educação, falar da realidade da classe média-alta que dispõe de recursos para acompanhar esse movimento abrupto ocorrido devido à pandemia. Esquecer a realidade de outra parte dos estudantes e até mesmo de professores que não estão no mesmo nível econômico e social, expõe ainda mais a dificuldade que é falar de tecnologia e promover um acesso igualitário a esses mecanismos.

Alexandre Le Voci Sayad pontua que a relação comunicação-educação existe “desde que os campos ganharam definições acadêmicas mais claras” (SAYAD, 2011, p. 87) e que tal relação entre as áreas é um tipo de “namoro, cheia de idas e vindas e indefinições” (SAYAD, 2011, p. 87). As tentativas de aproximação entre educação e tecnologia são realizadas desde os tempos das cartas que eram o principal meio de comunicação e de educação utilizado no Brasil.

Desde o fim do século XIX e início do XX a comunicação por cartas é utilizada também para o processo educacional, cursos profissionalizantes eram os que mais utilizavam tal recurso, enviavam através de correspondências materiais didáticos para os alunos num início de educação a distância de maneira assíncrona. Já na década de 1920, com a chegada e popularização do rádio, temos a utilização do meio de comunicação de massa para o ensino através das rádio aulas, as quais tinham caráter de instruir e esclarecer dúvidas básicas também de maneira assíncrona – o material chegava ao aluno por correio e realizava-se a leitura do material durante as rádioaulas (que podiam ser transmitidas pela rádio ou enviadas gravadas em fitas cassete), qualquer dúvida que o aluno pudesse ter era respondida via carta. O que mostra que apesar da mudança do meio utilizado ainda havia uma dependência com relação a forma de comunicação que se dava de maneira indireta e demorada.

Ainda dentro do que se chama “2ª geração” temos a televisão que com sua crescente popularidade a partir da década de 1950 acaba tornando-se mecanismo para o ensino remoto e que juntamente ao rádio abrem novas possibilidades e dispõem de recursos diferenciados para

o ensino. A televisão tem em suas mãos o recurso visual-interativo que mostra na tela os resultados obtidos de um experimento, de um cálculo. Diferentemente da carta e do rádio, a TV faz a junção dos recursos visuais e sonoros e transforma assim o cenário dos meios de comunicação e educação a distância de uma maneira jamais experienciada até então.

Posteriormente a TV, teremos a entrada das comunicações via telefone e internet que como já pontuamos no capítulo anterior em seu início era muito dificultada por questões econômicas e de praticidade de uso, mas que desempenharam um papel facilitador na comunicação direta entre aluno e professor, já que agiliza o esclarecimento de dúvidas dos alunos e a entrega de materiais didáticos que agora podiam ser de maneira virtual e instantânea, isso dentro da lógica de Web 1.0 que já explicamos anteriormente. Já no cenário atual não temos apenas as universidades com ensino a distância, temos cursos das mais inúmeras formações e profissões de maneira online, formas e mais formas de estudos se proliferam para além dos sites especializados de educação. Dentre as diversas maneiras de aprender algo que existem atualmente no ciberespaço, foquemos no objeto dessa pesquisa: o *Youtube*.

A ideia de interação reformulada pela web 2.0 e a expansão dos meios para acessar a internet são marcos da transformação das comunicações como um todo. E conseqüentemente geram um impacto no processo de educação de nossos alunos, já que num ambiente social onde temos variados pontos de vista sobre o mesmo fato e tais pontos de vista estão disponibilizados na internet, causam influências em nossos alunos e conseqüentemente na relação educacional. Entender e distinguir os diferentes tipos de informações que circulam pela internet se faz necessário e urgente.

Negligenciar ou ignorar um aluno que discorda do que é explicado em sala de aula, embasado em um vídeo na internet, abre portas para que esse aluno cada vez mais se interesse pelo ponto de vista do criador de conteúdo e se desconecte da relação com o professor. Por outro lado, se usarmos tal material para promover uma discussão sobre determinado assunto, incentivar o debate sobre ele faz com que o aluno entenda o processo que ocorre com relação ao saber e a produção de conteúdo. Abrem-se portas para o diálogo com os alunos e considera que tais informações, por mais errôneas que possam ser, se constituem como materiais acessíveis e que os corrigir faz parte de um processo novo na educação que até pouco tempo atrás era vista como inquestionável.

Para que tal fato se concretize é necessária a compreensão da plataforma em questão, entender quem está envolvido na produção de determinado conteúdo e quais são suas intenções com aquela produção. Tudo que se faz tem intenção e em um contexto com milhões

de pessoas que tem acesso ao *Youtube* por exemplo, não há como ganhar relevância sem compreender o que funciona e o que não funciona nessa rede social. E é aqui que chegamos num ponto nevrálgico da pesquisa e que buscamos responder porquê esses canais foram os selecionados, o embate entre o conhecimento acadêmico e o “achismo” das redes e compreendemos melhor os diferentes usos feitos dos conteúdos audiovisuais postados no *Youtube*.

2.1 Canais educacionais: os diferentes tipos de conhecimento

Quando pensamos em ensinar e aprender algo a primeira instituição que vem à mente, como local de referência é a sala de aula, a escola. Não poderia ser diferente já que foram muitas gerações moldadas com essa ideia sobre aprender, saber algo e essa ótica não é errada, a noção do que é conhecimento “válido” está atrelada fortemente com o espaço escolar, seja ele em nível básico ou superior.

Porém, muito se debate sobre os espaços educacionais e como só a escola ou universidade não podem ser os únicos locais de formação do ser humano. Aprendemos em espaços múltiplos, em diferentes grupos da sociedade e através das interações que realizamos. Nessa ótica entende-se que as instituições educacionais contemplam as múltiplas inteligências (GARDNER, 1995) mas de maneira isolada, setorizada. Cada área de conhecimento distanciada da outra, quando se escolhe um curso na universidade é aquele curso e mais nenhum outro, especificando cada área de conhecimento com suas correlatas e formando um aspecto da inteligência humana.

Em que pesem as críticas à teoria de Howard Gardner o ser humano possui 9 tipos de inteligência e cada uma pode ser desenvolvida conforme os estímulos recebidos nas interações sociais, tendo predominância de uma sobre a outra. Os tipos de inteligências destacado por Gardner são: lógico-matemática (ligada às áreas de cálculos), linguística (comunicação e linguagens), espacial (compreensão dos espaços e elaboração de ambientes), físico-cinestésica (controle corporal e habilidade motora), interpessoal (habilidade de relacionamento), intrapessoal (compreensão de si e de suas emoções), musical (entendimento dos sons, ritmos e melodias), naturalista (trato com a natureza e o meio ambiente) e existencial (compreensão dos pensamentos humanos e seus comportamentos).

Cada uma contempla aspectos diferentes do ser humano e se reelabora conforme as necessidades da sociedade. Dentro da lógica de aprendizagem há intenção de se contemplar o máximo possível de cada uma das inteligências, porém a realidade social colocada e a

estrutura educacional vigente fazem com que seja necessária a escolha para campos específicos e determinados do conhecimento humano.

Nessa cisão de áreas do conhecimento humano há valoração por parte da sociedade em qual conhecimento é mais válido, mais útil e rentável. E isso cria tipos de conhecimentos mais reconhecidos e que estabelecem *status quo* e os tipos de saberes que não “tem” o porquê de serem ensinados no ambiente escolar/acadêmico.

Tal perspectiva nos faz entender que parte significativa do conhecimento popular, construído fora dos padrões acadêmicos, apesar de ser alvo de pesquisas acadêmicas, permanece fora do radar dos grandes canais de educação. Fazendo com mesmo os canais com professores e professoras, formados academicamente e em especial os de História apesar de perceberem e entenderem o porquê dessa divisão de conhecimentos, acabe por aceitar e manter os padrões de conteúdo “válido” de ser ensinado.

A formação acadêmica nos dá ferramentas e elementos que nos permitem uma percepção sobre as estruturas educacionais e de seus métodos, e que nos fazem enxergar, por exemplo, um evento histórico fundamentado em fontes que são lidas, ouvidas, vistas, sentidas e significadas para os historiadores de maneiras diferentes entre si (não podemos descolar a pessoa e suas experiências da figura do professor-pesquisador), mas que quando analisadas seguem métodos para não levar a informação para onde o professor-pesquisador quer, mas para onde as fontes indicam.

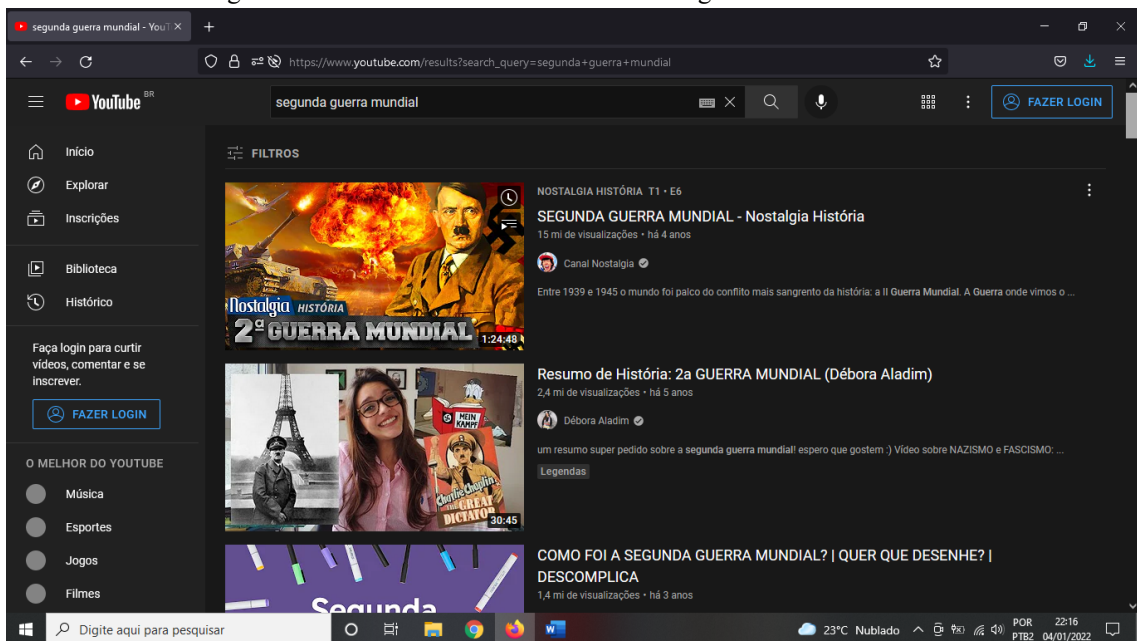
Dentro do *Youtube* temos diversos canais que abordam temas históricos em que não há um respaldo de profissional formado em História a frente do canal ou assessorando ou o mínimo de contato com fontes para além do *Wikipédia*¹⁸, o *youtuber* apresenta o vídeo, lê um texto com algumas informações sem verificação e fim. Temas históricos que são amplamente midiaticizados com filmes e séries são alvos desses canais, pois abordam um tema “amplamente conhecido, sabido”, vídeos sobre as guerras mundiais, sobre os regimes totalitários ou eventos traumáticos da humanidade são encontrados aos montes na plataforma e utilizados para darem notoriedade ao canal.

Quando se tem uma visão polêmica sobre o fato gera-se um engajamento pautado não na qualidade da pesquisa, da filmagem, do conteúdo do vídeo, mas na ideia de ser algo extremista e que acaba, muitas vezes, a confrontar de maneira equivocada a perspectiva cunhada através de pesquisas e estudos realizados por inúmeros estudiosos durante longo tempo.

¹⁸ Site de pesquisa, de caráter aberto e editável, onde qualquer pessoa pode inserir, remover informações sobre determinado assunto

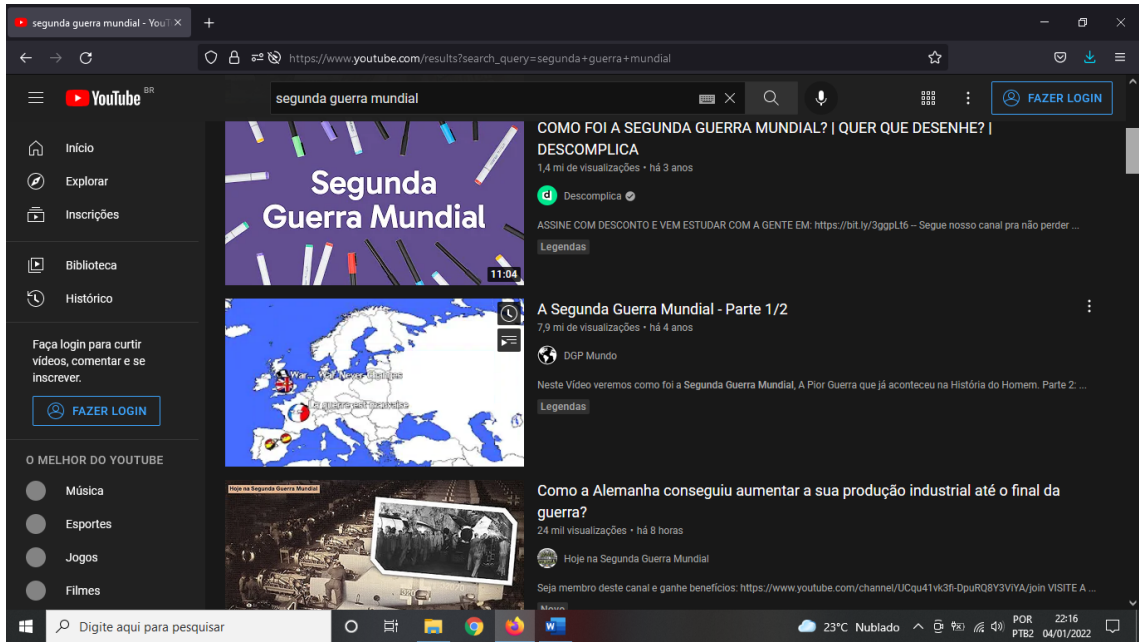
Vejamos por exemplo a Segunda Guerra Mundial, tema explorado até a exaustão na cinematografia hollywoodiana, pela indústria dos *games* e tantos outros elementos midiáticos. Quando pesquisado no *Youtube* seguindo diferentes tipos de filtros disponibilizados pela própria plataforma (data de *upload*, tipo, duração, características e ordenar por) têm-se resultados diferentes. Para o exemplo a seguir não aplicamos nenhum filtro disponibilizado pela plataforma e não foi utilizado usuário cadastrado na rede social, a fim de evitar a influência do algoritmo personalizado do usuário e se ter o resultado “mais neutro” da pesquisa que se apresenta nas imagens a seguir:

Figura 5: Vídeos mais bem listados sobre a Segunda Guerra Mundial



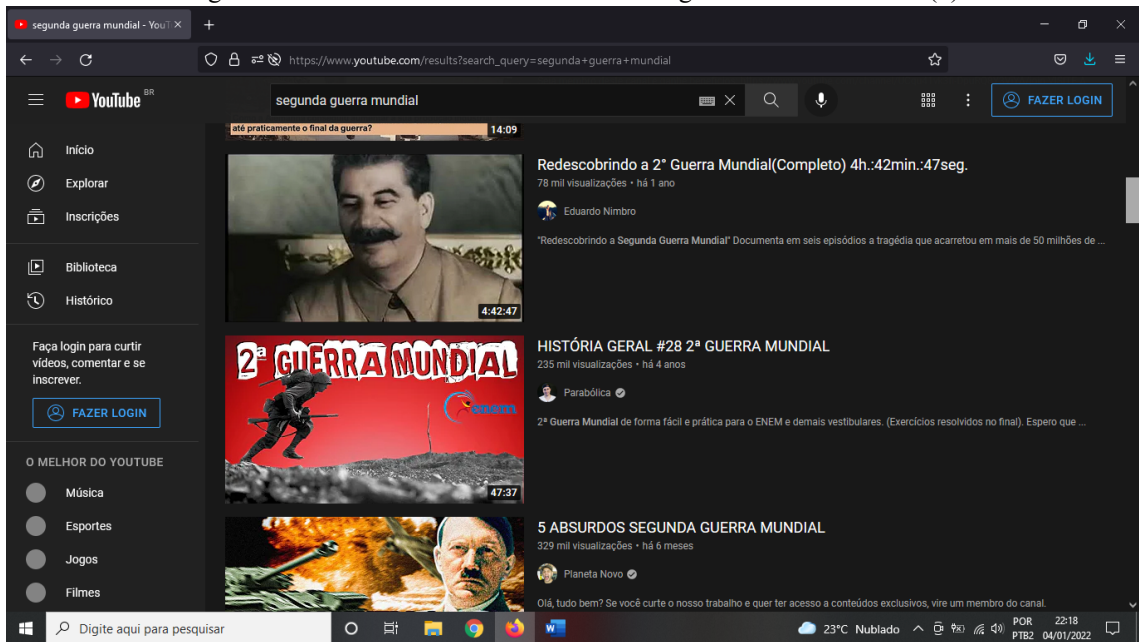
Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 6: Vídeos mais bem listados sobre a Segunda Guerra Mundial (2)



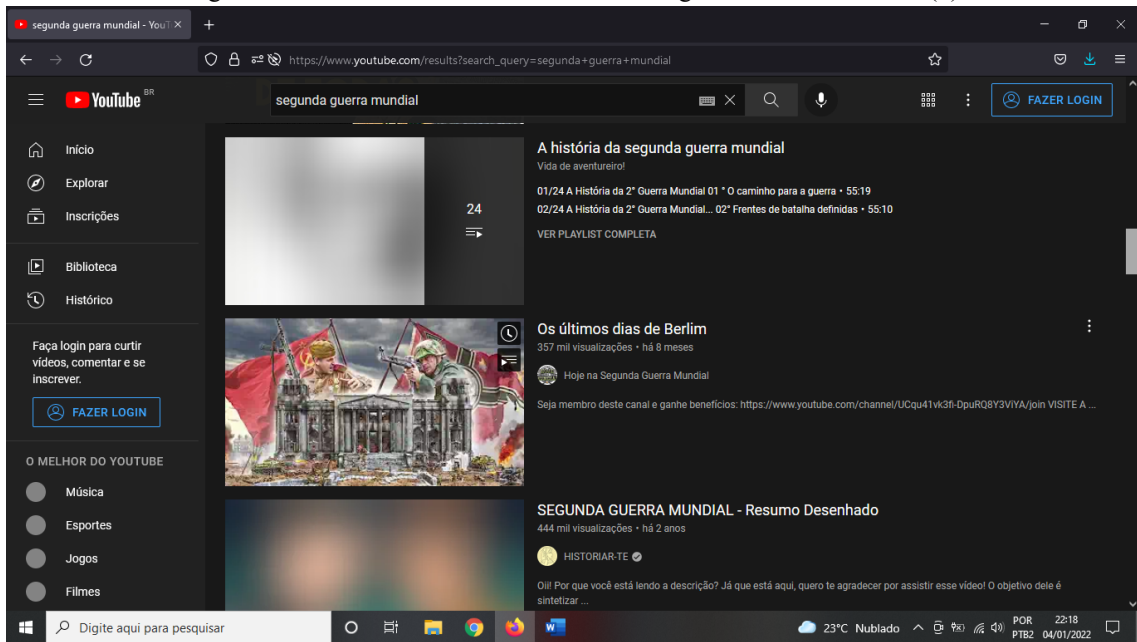
Fonte: Arquivo pessoal do Autor

Figura 7: Vídeos mais bem listados sobre a Segunda Guerra Mundial (3)



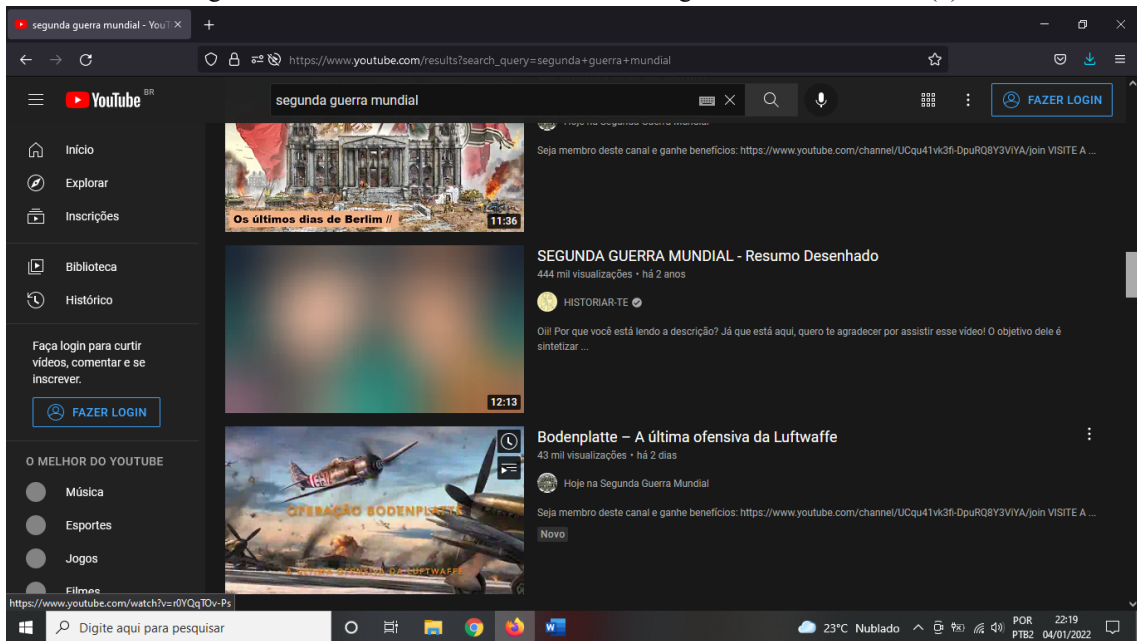
Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 8: Vídeos mais bem listados sobre a Segunda Guerra Mundial (4)



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 9: Vídeos mais bem listados sobre a Segunda Guerra Mundial (5)



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Temos então uma pequena amostra dos vídeos apontados pela rede social como mais relevantes sobre o tema da Segunda Guerra Mundial. Na Imagem 5, vemos o Canal Nostalgia como primeiro recomendado que apesar de não contar com um professor de História como apresentador dos vídeos (Felipe Castanhari é o apresentador e criador do canal) conta com uma equipe de professores especializados e que colaboram na revisão dos vídeos.

Em segundo, temos o vídeo de um dos canais que servem como fontes para essa pesquisa, o canal da Débora Aladim que como já foi pontuado, possui formação acadêmica em História e em terceiro lugar temos o vídeo produzido pelo curso preparatório chamado Descomplica, com perfil voltado para revisão do assunto para exames e vestibulares em geral.

Ainda dentro dessa seleção apresentada pelo *Youtube* temos vídeos exclusivamente animados, com recortes de filmes/documentários e por aí vai. São tipos de vídeos variados e que objetivam diferentes públicos, mas que tem por base o algoritmo da plataforma que se baseia nos números de visualizações, de comentários, de compartilhamentos, de duração e tempo de retenção que determinam a relevância do conteúdo. Ao entendermos que o algoritmo é configurado com base nas características de cada usuário da rede social e nos filtros disponíveis, o resultado dessa busca pode ser incrivelmente variado e flexível.

Voltemos a pensar sobre as diferenças entre o notório saber e saber acadêmico: pensar academicamente e em como a produção de conhecimento é realizada dentro dessa lógica envolve uma gama de ações até chegar em algo bem embasado e passível de reconhecimento dentro dos espaços educacionais. Quando se debruça sobre um tema e a partir daí iniciamos nossa pesquisa, inicia-se também um processo de leitura, escrita, revisão, mais escrita, mais leitura e mais revisão.

Ao chegar em algo minimamente apresentável, passamos pela avaliação de colegas, orientadores, leitores e editores acadêmicos para que aquilo seja publicado em revistas, livros e afins. Podemos dizer que o processo é um ininterrupto revisar, pois temos todas as ponderações e opiniões sobre a pesquisa além da nossa revisão constante como autores. De maneira bem simples quisemos expor que o procedimento da escrita e da pesquisa acadêmica se diferencia do notório saber justamente por aventar novas possibilidades sobre um tema ou debater um novo tema que se faz necessário, não considera apenas os debates públicos que ocorrem sobre determinados assuntos, mas também aquilo que está sendo produzido dentro da esfera da academia.

Dentro dessa forma de atuar enquanto pesquisadores usamos fontes diversas, dados, entrevistas, áudios, fotos, uma infinidade de materiais para legitimar nosso conhecimento e assim lançar bases bem estruturadas sobre determinado tema. Foi pensando nessa lógica da formação acadêmica que os canais SE LIGA e Débora Aladim foram os selecionados, ao considerar o contato com o ambiente acadêmico e com o método historiográfico, é bom lembrar que isso não implica necessariamente em qualidade ou isenção de erros, já vimos anteriormente que mesmo com a formação acadêmica podem haver direcionamentos tendenciosos ideologicamente falando, porém ao assistir os vídeos dos canais para selecionar

quais seriam usados, percebe-se em ambos uma postura com embasamento teórico e sem sensacionalismos nas maneiras de abordar os temas.

Outro aspecto que foi levado em conta para a seleção desses canais que tem a frente professores formados na área, foi justamente por experienciar os constantes questionamentos com relação a História como um todo e com a figura do professor. É recorrente a oposição ao professor de História lhe atribuindo posicionamentos de determinado partido político ou ideologia, que nem sempre condizem com suas ideias particulares, cria-se então uma relação de enfrentamento ao “professor doutrinador” e a escolha dos canais pautados em sua formação profissional foi com o intuito de verificar se há reprodução dessas ideias nas interações usuários-conteúdo-produtor (professor) e com base em que conhecimentos/informações os usuários contestam o edutuber em questão.

Dito tudo isso, é importante frisar que os canais selecionados têm em comum o aspecto de serem canais com enfoque em preparar os usuários/inscritos para provas e exames com base em conteúdos escolares que são cobrados com frequência nesse tipo de avaliação. São voltados para ensinar da maneira mais objetiva possível o assunto do vídeo em questão, não tem como interesse primordial, promover uma reflexão acerca do método historiográfico nem nada do gênero.

O objetivo de ambos os canais em suma é auxiliar os usuários a terem contato com temas recorrentes do ENEM e demais exames para ingresso no ensino superior. Logicamente que uma vez postado o vídeo e as informações nele contido se ressignificam para cada um dos consumidores desse produto e o reflexo desse consumo pode ser percebido através dos comentários realizados com relação a eles.

Outra hipótese que foi ventilada para a seleção dos canais foi a perspectiva de gênero, será que uma edutuber mulher sofre ameaças ou questionamentos por ser mulher? A Débora tem seu comportamento ou postura modificados devido a isso? Essa hipótese é significativa já que pode impactar na forma de produção do conteúdo, fazendo com que os vídeos possam ser mais “neutros” para evitar tais tipos de enfrentamentos ou ela se posiciona com relação a isso? Veremos.

Por fim é necessário compreender que são perfis completamente diferentes com relação a forma de produzir os vídeos, enquanto a Débora entra para o *Youtube* de maneira “orgânica” enquanto usuária e estudante (fim do ensino médio e durante a graduação em história), Walter já adentra a plataforma com um projeto de ensino e produção em mãos. Isso nos ajuda a compreender as liberdades e cerceamentos que cada um tem ao produzir os vídeos e as intenções de cada um deles. O Walter entra na plataforma e produz conteúdo como

professor formado, com atuação na docência e traz consigo a experiência da sala de aula e toda a sua bagagem de formação; enquanto a Débora vai descobrindo esse caminho de docente enquanto estuda e aprende o método historiográfico.

Isso nos ajuda a entender o relacionamento de cada um deles com a plataforma em si, mas também com seus referenciais para produção de conteúdo, enquanto um é convidado a participar de um projeto já idealizado e com amparo no sentido da produção audiovisual, a outra acaba por ter que aprender não só a parte técnica do trabalho mas a questão teórica do conhecimento que quer divulgar, impactando o seu modo de agir e se relacionar com os temas abordados de uma posição leiga para uma postura profissional.

Posto isso, surge o questionamento: como os professores-*Youtubers* ou *edutubers* lidam com todas essas questões? Como funciona a transposição de conhecimento para esse tipo de mídia e de onde partem para realizá-la? E de que maneira o vídeo produzido é validado pelos usuários? São alguns questionamentos que pretendemos responder.

2.2 Canal “se liga - enem e vestibulares” – criação, perfil e números

O canal “Se Liga - ENEM e Vestibulares” que anteriormente chamava-se “Se Liga Nessa História” devido ao foco inicial dos vídeos apenas em temas históricos, foi criado no *Youtube* no dia 3 de novembro de 2014 a partir da parceria entre o professor de História Walter Solla Junior e do produtor de audiovisual Ary Neto. Conforme relatado pelo próprio Walter (em entrevista concedida a nós no dia 13 de janeiro de 2022) a ideia surge do parceiro Ary:

O encontro entre Ary e eu foi em 2014, já éramos amigos desde 2007/8. E aí quando a gente se reencontrou em 2014 eu já como professor e ele trabalhava na área do audiovisual de um cursinho. [...] eu fui lá para gravar um vídeo aula pra esse cursinho, uma resolução de exercícios e aí ele gostou muito da minha forma de falar em câmera. Ele estava acostumado com os professores talvez um pouco mais tímidos e ele falou um pouco “é legal sua aula vamos montar um canal”. Então a ideia de abrir o canal é do Ary. Quando a gente abre o canal e aí eu vou para o México compro uma câmera lá no México fico gravando lá (México) mando os arquivos por ITransfer (programa de compartilhamento de vídeos e fotos da época) numa internet horrorosa. Quando eu mando pro Ary e ficava praticamente o dia inteiro fazendo isso trabalhando no hostel e fazendo... aí ele editava e publicava, conforme o público diz pra gente “gostamos do projeto de vocês” começa como “Se Liga nessa história”, hoje é só “Se Liga” conforme o público dá respaldo para a gente um público muito menor que o de hoje, mas a gente já achava qualitativo aí no final do ano de 2015 o Ary fala “cara volta para o Brasil” que ele sugere né “se você voltar para o Brasil a gente consegue construir um negócio aqui” deixou de virar uma brincadeira. A ideia do canal começa com Ary e a ideia do negócio é do Ary também. Tanto é que o Ary por muito tempo ele é o empresário enquanto eu sou professor (INFORMAÇÃO VERBAL).

Walter faz questão de frisar as mudanças que foram ocorrendo no desenrolar do crescimento do canal e com a criação do cursinho preparatório online. Há o aumento da equipe e a necessidade de atuar nas duas frentes (pedagógica e comercial) e a constante preocupação com relação a números e relevância do conteúdo do canal e que implica diretamente no interesse do cursinho pago, e aponta ainda para a necessidade de encontrar o equilíbrio entre o fazer pedagógico e o fazer comercial

[...] o que eu posso garantir é que a equipe do Se Liga tem mais de dez pessoas e que o planejamento é feito fracionado então existe o planejamento de marketing de um lado planejamento pedagógico do outro e às vezes a gente tenta fazer esse casamento às vezes não. Então não é uma empresa que vai focar... não só na militância e no pedagógico e também não é aquela que vai focar só na audiência. Fazer um meio termo disso. Então se a gente entrar por exemplo no canal atualmente que o último vídeo é um vídeo de Filosofia que não tem um grande apelo. E aí por que então que a gente grava um vídeo de filosofia sem grande apelo porque a gente entende pedagogicamente que existe essa importância. Ao mesmo tempo às vezes a gente também publica por exemplo antes três dias atrás e a gente explica a gente colocou um vídeo de conhecer a plataforma de estudos do Se liga que é o nosso site que é o nosso curso que é o que viabiliza todo o projeto. Esse curso pago que a gente consegue pagar o salário dos funcionários pagar todas as contas e todos os custos audiovisuais são caríssimos. Então fica até já o meu desabafo aí de que entrar num negócio não tendo herança começando do zero é muito complicado a gente fica o tempo todo à mercê dessa realidade capitalista mesmo que para você fazer uma empresa crescer e precisa de muito mais dinheiro a gente começa com um capital inicial zero. Hoje essa equipe a gente tenta ao mesmo tempo agradar a gregos e troianos trazer temas interessantes para as pessoas socialmente falando, mas também trazer alguns vídeos apelativos que possam trazer alunos não só para o *YouTube*, mas também para o nosso site (INFORMAÇÃO VERBAL).

Tal apontamento evidencia uma característica interessante dos produtores de conteúdo de maneira geral – o enxergar nas redes sociais um mecanismo de mudança socioeconômico. A potencialidade que existe nas mídias como um todo, mas que tem sentido com maior impacto na figura dos *influencers* da internet, é a de transformação de vida. Ao ponderar que “começa com capital zero” Walter expõe a situação de muitos produtores de conteúdo que iniciam dessa maneira sua jornada e o quanto isso é penoso e desgastante, evidencia um lado que ao ver os vídeos, fotos das viagens faz com que os seguidores e inscritos muitas vezes negligenciam no fazer dos produtores de conteúdo ou banalizam as dificuldades compartilhadas por eles.

Atualmente o canal se encontra com 1,5 milhões de inscritos no *Youtube*, com 615 vídeos postados e um total de 68.693.142 visualizações durante os seus quase 8 anos de existência. Se fizermos um cálculo simples de visualizações por ano teremos uma média anual de 9.813.306. Tais números evidenciam o quanto o canal tem através de sua caminhada constituído relevância dentro da plataforma e não apenas isso, mas também confiança para estabelecimento de parcerias, exemplo são os vídeos que possuem o selo *Youtube Edu* espaço focado em educação que conta com a colaboração da Fundação Lehmann.

Walter pontua que o canal teve seu “boom” de crescimento nos anos de 2016/17, que foi o período em que foi alcançado o patamar no número de inscritos e que foi estabilizado a partir de então, perdendo e ganhando inscritos em igual proporção

[...] o *boom* que fez a nossa empresa ser conhecida esse boom acontece em 2017 18 19. Existe uma consolidação, agora nos anos de 20 e 21 existe só uma manutenção nós nos modernizamos e nos aperfeiçoamos internamente e depois em relação a públicos, por exemplo, a gente atinge um milhão de seguidores, eu acredito que... foi em 2017, 16 a 17 e agora estamos próximos de um milhão e meio assim. Então já dá para perceber que esse crescimento não se mantém com a mesma força né não. Essa é uma PA (progressão aritmética) não é uma PG (progressão geométrica). (INFORMAÇÃO VERBAL).

Por curiosidade e para tentar ter um panorama da situação dos conteúdos voltados para educação, questionamos Walter sobre a pandemia e se houve mudanças comportamentais dos usuários (mais procuras, aumento nas visualizações) e tivemos uma resposta, digamos assim, surpreendente

E eu acredito que junto com a pandemia veio uma concorrência que fez com que nos números a gente não tivesse refletido um grande aumento de público. A gente tem um aumento de público muito linear quase que como o de uma escola, todo mês e todo ano algumas pessoas deixam de seguir outras pessoas começam a nos seguir, a balança comercial digamos assim é positiva mais gente começa a seguir do que deixa, mas isso é muito próximo ao linear. Mesmo com a pandemia e aí como a gente não teve grandes mudanças de gráfico durante a pandemia explica em parte por que o acesso à internet não aumentou. Então quem já usava continua usando o que não usava continua assim sem usar. O desinteresse por estudo porque hoje eu acho que não tem um dado agora em relação a isso que não houve um grande aumento na busca por aprendizado porquê... aliás existiriam dados que poderiam embasar isso, mas eu não posso mostrar que é de pesquisa interna que a gente vê em vários outros projetos também não cresceram muito. Eles se mantiveram muito próximos ao nosso nos números. Isso quer dizer que houve uma baixa geral no interesse por aprendizado, acho que isso eu poderia dizer com um pouco de segurança (INFORMAÇÃO VERBAL).

Tal afirmação evidencia que apesar da migração das aulas no período pandêmico para o *online* a utilização dos materiais já produzidos e disponibilizados no *Youtube* não tiveram aumento significativo e que os aspectos sociais pesam novamente a mão sobre a realidade brasileira, na qual não há uma política pública de distribuição de internet, nem nada do gênero e que as práticas emergenciais adotadas de maneira isolada por governos estaduais (distribuição de chips com pacote de dados caso do Paraná) não possibilitaram aos alunos e alunas um acesso pleno ao ciberespaço, limitando-se à videoaulas disponibilizadas nos canais oficiais dos governos.

Podemos então constatar que o processo que envolve a criação de um canal e a transformação do mesmo em modelo de negócios é um movimento de vai e vem, que faz experimentações aliados a projeções e testes até a construção de algo com bom embasamento de conteúdo e organizado em suas etapas de produção, que busca equilibrar (no caso dos canais educacionais) interesses mercadológicos e pedagógicos.

2.3 Canal “Débora Aladim” – criação, perfil e números

Conforme a descrição do próprio canal “Débora Aladim é mineira, formada em História pela UFMG e desde 2013 faz videoaulas que ajudaram milhões de pessoas a estudar e a passar no vestibular. Aqui você vai encontrar videoaulas de História, um método único para fazer redações modelo ENEM e dicas de estudo! Atualmente, esse é um dos maiores canais educativos do *Youtube*! Seja bem vindo e bons estudos!” mais precisamente desde o dia 9 de março de 2013 (quase 9 anos) a agora professora Débora Aladim produz conteúdo para o *Youtube* focado inicialmente em vídeos resumo para estudos próprios e compartilhado com colegas da escola na época, hoje o canal conta com mais de 451 vídeos produzidos, atualmente com 152.501.419 visualizações ao todo e 3,1 milhões de inscritos. Tal número impressiona por se tratar de um canal focado em educação e que não faz parte de um conglomerado educacional, os quais atingem e passam esses números devido a forma como atuam dentro da plataforma com inúmeros anúncios.

Aladim afirmou em entrevista realizada pelo também *youtuber* Enaldinho no dia 22 de dezembro de 2020 (DÉBORA ALADIM - EnaldoCast #10) que o canal iniciou literalmente de um acidente

Eu comecei meu canal em 2013 e eu tinha 15 anos, na verdade eu comecei o canal por acidente porque em toda a minha fase escolar, tipo assim, eu sempre amei História, é a paixão da minha vida. E eu fazia resumos (escritos) antes das aulas e compartilhava esses resumos com os colegas [...] e quando cheguei no ensino médio (2013) aí foi uma sucessão de desgraça (risos) eu quebrei o braço, meu computador estragou [...] e aí eles (colegas) pediram pra fazer um vídeo falando o que eu queria escrever e como ficou muito longo, não consegui enviar por email e postei no *Youtube* e até hoje está lá o meu primeiro vídeo... (INFORMAÇÃO VERBAL)

Algumas características deste início acidental se mantêm até hoje no canal, como a filmagem em cômodos da casa, pequenas inserções de animação e a fala dinâmica de Débora. Tais características talvez ajudem a compreender o sucesso alcançado pela mesma não apenas no *Youtube*, mas em outras redes sociais (1,3 milhões no Instagram e 1,6 milhões no Tik Tok) a criação de uma atmosfera mais intimista, colabora no relacionamento produtor-inscrito que se sente mais próximo, além é claro do uso que Débora faz das redes para mostrar mais da sua vida pessoal e as dificuldades que também teve enquanto estudante.

Importante frisar que, apesar de produzir muito conteúdo gratuito e disponibilizá-lo no *Youtube*, Débora possui cursos pagos disponíveis em seu site (deboraaladim.com.br) onde estão inclusos cursos de redação, de ciências humanas em geral, que são divididos em módulos (compra fracionada) ou combos (conjunto de cursos) e na qual o estudante pode

optar pelo qual cabe no bolso e será mais útil naquele momento. Em meio ao contexto da pandemia a edutuber realizou uma ação e disponibilizou um curso preparatório no valor de 1,99 ao ano: “esse projeto nasceu no início da pandemia, quando quis fazer algo para todos os alunos, que carregasse não apenas conteúdos, mas os ideais que acredito!” que foi realizado entre 2020 e 2021 “e quero que continue por muito mais tempo”.

Tal atitude se apresenta como uma das várias possibilidades no sentido de compreender a realidade posta e o quanto isso afeta os estudantes em vias de terminar o ensino médio. Claro que não resolve todo cenário posto pela pandemia e antes mesmo com relação a forma como o governo estava tratando os problemas educacionais, mas faz com que a influência que os criadores de conteúdo têm em suas mãos seja direcionada para algo além dos vídeos.

CAPÍTULO 3 - NÚMEROS X CONTEÚDO: UM PRISMA DE ANÁLISE

Mensurar o sucesso nas redes sociais se baseia e muito nos números de seguidores, de inscritos, de colaboradores e a nomenclatura se modifica conforme a plataforma em questão. Como nosso foco é o *Youtube* e a maneira como denominam seus usuários é através do nome “inscritos”.

Então, para definir se o criador de conteúdo tem sucesso é só ver a quantidade de inscritos no canal e pronto?! Não exatamente, a questão do quanto o *Youtube* paga aos criadores, firma parceria com alguns e potencializa outros tantos não é um cálculo tão simples assim, e já vimos alguns aspectos anteriormente como o *watchtime* (tempo de vídeo assistido) são elementos que colaboram no direcionamento e no engajamento de um canal, por exemplo. Se eu tenho uma maior quantidade de vídeo sendo assistida em determinado canal, a possibilidade de venda de um produto é proporcional a quantidade de usuários que está consumindo esse conteúdo, potencializando a propaganda e a venda já que conta com um maior número de espectadores.

Além disso os anúncios são personalizados pelas suas pesquisas seja no *Youtube* ou qualquer outro produto Google em que tenha sido pesquisado, então teremos anúncios direcionados ao perfil do inscrito, pois através do *machine learning*¹⁹ realizado com o cruzamento das informações fornecidas pelo usuário constantemente acaba-se por conseguir traçar e designar potenciais anúncios que “conversem” mais com a necessidade dele no momento.

O “ter sucesso no *Youtube*” não se dá única e exclusivamente pelo número de inscritos de um canal, mas há outras variáveis nessa equação complexa que determinam o alcance do canal e seu conteúdo. Além do número de inscritos, a quantidade de compartilhamentos também conta tanto para a monetização do canal quanto para seu aumento de alcance, já que é através do compartilhamento entre usuários (que não necessariamente estão no *Youtube*) é que o conteúdo chega a novas pessoas e aumenta seu engajamento.

Além do compartilhamento temos o fator dos “gostei” e do “não gostei”, que são as formas de avaliar um vídeo dentro da plataforma. Se você como usuário da plataforma gostou de um vídeo específico de um canal, você pode demonstrar isso através do seu “like” (gostei)

¹⁹ *Machine Learning* significa, em tradução livre, “aprendizado de máquina”. Faz parte de uma inteligência artificial (IA) maior e são subconjuntos computacionais que são responsáveis por identificar padrões de comportamento dos usuários e aprender com eles, com o intuito de propiciar ao usuário contato com materiais ou preferências próximas àquelas já informadas pela própria pessoa. Pode ser supervisionado por um ser humano ou autônomo.

e não necessariamente ser um inscrito daquele já que para interagir tanto com o conteúdo quanto com outros usuários basta estar *logado* na plataforma com o seu email de usuário. Isso faz com que você tenha uma certa “liberdade” em relação à necessidade de se inscrever em centenas de canais para se relacionar com outros inscritos. Ao gostar de um vídeo ou não e deixar isso explicitado para o criador de conteúdo e a plataforma, você colabora para que aquele conteúdo tenha um engajamento positivo ou negativo, dando relevância ao conteúdo ou jogando-o ao ostracismo, com relação a perspectiva da análise dos números realizadas pelo próprio *Youtube* e que não está vinculada a qualidade em si do produto audiovisual (por qualquer critério que seja) e sim a sua adesão por parte da comunidade como um todo.

Outro aspecto que determina o alcance de um canal e de seu conteúdo são os números de comentários, já que é através desse espaço que se estabelecem diálogos e relações de maneiras diretas entre os usuários e que pode contar com a mediação ou não do proprietário do canal. Já a plataforma pode interferir a qualquer momento, depender da ação do usuário, se no espaço de comentários de um determinado vídeo houver comentários de cunho ofensivo/preconceituoso a própria plataforma pode bloquear os usuários que o estiverem promovendo. Esses comentários, a partir da denúncia e da avaliação das mesmas pelo sistema do *Youtube*, podem removê-lo em casos de manifestações de discurso de ódio e em alguns casos (reincidência) bloqueiam usuários e/ou banem da plataforma. Isso demonstra o mecanismo de autorregulação que a plataforma disponibiliza com o intuito de manter um ambiente de interação saudável, porém tais ferramentas não tem a efetividade desejada, já que há a possibilidade em se criar uma nova conta de usuário e continuar promovendo comentários e pontos de vista questionáveis.

Essas variáveis são as mais determinantes para o engajamento e crescimento de um canal, quantos mais inscritos, maior o número de “gostei” e conseqüentemente mais compartilhamentos e interações entre inscritos haverá no canal. Se a produção e publicação de vídeos for constante, mais conteúdo disponível para consumo e permanência dos usuários na plataforma, mais a plataforma vai impulsionar os canais de produção constante. Tendo maior visibilidade na plataforma, há a possibilidade de novas parcerias comerciais com anunciantes dentro dos vídeos e também a anexação de um maior número de comerciais dentro de um mesmo vídeo, o que gera mais renda para os produtores de conteúdo e o estabelecimento de vínculos diretos entre produtor e anunciantes, fornecendo assim patrocinadores fixos aos *youtubers*.

De modo nenhum isso quer dizer que o criador de conteúdo terá facilidade ou atingirá o sucesso rapidamente, os casos em que isso acontece ainda são exceções e quando se

começa um canal do zero e de maneira autônoma, sem grandes parceiros já estabelecidos ou que não trabalhe em agências de *Youtubers* o caminho tende a ser bem íngreme e penoso. E são nesses casos que a quantidade e a constância na publicação do conteúdo pesam, ao se produzir um conteúdo com determinada qualidade seja em qual nicho for, com periodicidade as chances de crescimento do canal são melhores.

Obviamente que o cenário atual de consumo de conteúdo tem se tornado “quanto mais rápido, melhor”, haja visto o crescimento de plataformas de vídeos curtos como *Tik Tok* e *Kwai* que são focadas em conteúdos rápidos e as próprias adaptações que redes sociais já estabelecidas tiveram que desenvolver para diminuir a perda de usuários para outras redes. As ferramentas de conteúdos curtos desenvolvidas em cada uma das plataformas para manutenção de relevância evidencia que há uma mudança comportamental dos usuários e de sua maneira de consumir conteúdo. Entrar no mérito se a qualidade de uma produção longa é melhor que um vídeo curto é muito relativo já que as necessidades e os usos de um e de outro são também diferentes.

Quando queremos falar de qualidade de conteúdo com enfoque no ensino de História através do *Youtube* há de se levar em conta os aspectos que falamos anteriormente sobre engajamento. Ao se posicionar durante o vídeo o professor ou professora tem consciência de que aquele posicionamento lhe trará tantos inscritos mas que afastará outros tantos, por se tratar de assuntos históricos os vídeos devem ser produzidos de maneira a evidenciar as fontes e referenciar as questões da maneira mais correta possível, já que na produção de um vídeo você dispõe de ferramentas de edição, pode inserir ou remover informações, diferentemente de uma aula presencial na qual erros são mais comuns e compreensíveis.

Portanto o que se espera no aspecto de qualidade de uma videoaula produzida para o *Youtube* vai além de um cenário, de uma boa iluminação, de animações e de outros aspectos particulares do audiovisual, compreende também o que vai ser ensinado, de que maneira, quais os usos daquele conhecimento, autores de referência, isso seria o mínimo exigido para um entendimento sobre o assunto, a fim de evitar questionamentos e apontamentos que possam comprometer a veracidade das informações postas no material em produção.

E aqui cabe uma breve diferenciação dos tipos de vídeos que estão disponibilizados no *Youtube* no sentido educacional. Há dentro da rede social vários canais vinculados a instituições de ensino que utilizam dos benefícios da plataforma para postarem suas videoaulas nesse espaço, evitando assim gastos com um local próprio para postagem de seus materiais, mas há de se diferenciar esses canais institucionais dos que selecionamos para nossa pesquisa.

Os canais que estamos analisando não se encaixam na categoria de educação a distância (EaD) pois “a modalidade EaD, ou E-Learning é institucional, segue um currículo e um regulamento que prevê formas de avaliação [...], o professor tem obrigação de fazer a mediação, até mesmo porque ele está recebendo para isso” (NETO;SÁ, 2019, p. 175). E já na videoaula disponibilizada nos canais da pesquisa, esse compromisso de interagir, de responder os usuários parte de cada um, não há obrigatoriedade, o edutuber não vai realizar um acompanhamento de seus inscritos, uma prova com eles para saber se aprenderam. Por esse motivo os vídeos disponibilizados pelos professores Walter e Débora não podem ser considerados como educação à distância dentro da lógica organizacional proposta pelo Ministério da Educação.

É necessário estabelecer essa diferenciação entre as propostas educacionais que existem dentro do *Youtube* e compreender que os canais selecionados se encaixam melhor dentro da proposta da pesquisa. Consideramos a qualidade no aspecto audiovisual dos edutubers Walter Solla e Débora Aladim e seu fazer docente como elementos para estabelecermos a análise e partir das relações que os usuários criam com tal conhecimento histórico proposto, além das interações usuário-usuário, que se desenvolvem através dos comentários que explicitam os usos que cada um deles faz com o assunto abordado.

Já pontuamos anteriormente que as categorias finais da pesquisa são: “crítico-positivo” (que engloba comentários com teor crítico construtivo, que visam colaborar na elaboração de futuros materiais do canal), “crítico-negativo” (comentários com teor ofensivo, de demérito aos professores ou qualidade do material, podem ou não haver xingamentos direcionados aos produtores do conteúdo), “revisonista-conservador” (categoria que abarca tipos de comentários que enaltecem o passado de forma idealizada, como maravilha utópica, e detratam grupos sociais que foram incluídos nos novos debates históricos), “debates” (cadeia de comentários que promoveram interação entre os usuários afim de expor suas ideias e discutir sobre elas, exposição de leituras e referenciais por parte dos próprios usuários), “apreciação” (comentários que enaltecem a qualidade do vídeo, o carinho com os professores, agradecimentos e afins), “finalidades” (tipos de comentários que visam explicitar os usos que o vídeo em questão teve para determinado usuário – estudos, revisão, prova etc.) e a última categoria chamada “outros” (aquele tipo de comentários que não contribuem efetivamente nas discussões propostas e que muitas vezes são de difícil compreensão ao leitor pela falta de sentido na construção da escrita).

3.1 Produção e publicação dos vídeos

Ao refletirmos sobre as variáveis que existem para a produção de uma aula presencial lembramos de vários documentos que orientam o fazer docente: o PPP (Projeto Político Pedagógico), o PTD (Plano de Trabalho Docente) e os planos de aula são os principais elementos para a organização do nosso trabalho dentro do âmbito escolar. Podemos tecer as mais variadas críticas e observações em relação a esses documentos, mas são fundamentais para que o fazer docente se efetive dentro do sistema educacional posto.

Além desses documentos temos também a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que tem se tornado alvo de inúmeros debates, já que as modificações que são realizadas não têm encontrado um ponto de consenso. Os temas históricos a serem ensinados tem passado por revisão e são debatidos sobre a relevância, o que vale ou não vale a pena ensinar, já que a disciplina de História tem sido cada vez mais minimizada e posta em cheque sobre sua utilidade.

Não é um debate inédito ou recente, desde o desmembramento da disciplina de Educação Moral e Cívica (herança do período ditatorial militar) em geografia e história há dificuldades em construir um ensino de história que atenda aos variados grupos sociais. Ensinar história é complexo e sua utilidade para além dos exames nacionais e vestibulares têm sido cada vez mais questionada e desmoralizada.

Se pensarmos que a escola possui todo esse arcabouço documental e orientador para o ensino de História e que o que vem de outros espaços de conhecimento como a academia, por exemplo, temos que retomar o conceito de transposição didática de Yves Chevallard. Tal conceito tem por definição

Um conteúdo de conhecimento que foi designado como conhecimento a ser ensinado passa então por um conjunto de transformações adaptativas que o tornarão adequado para ocupar seu lugar entre os objetos de ensino. A 'obra' que de objeto de conhecimento a ser ensinado passa a ser objeto de ensino é chamada de transposição didática (CHEVALLARD, 1991, p. 39).

A visão de Chevallard nos faz refletir sobre o processo que ocorre em diferentes instâncias do ensino e também de outros espaços sociais dos quais nos apropriamos e transformamos as informações sobre determinado assunto e como não se pode simplesmente ensinar temas complexos sem a adaptação e compreensão do espaço de onde está vindo e para onde está indo determinado conhecimento, como por exemplo, um artigo acadêmico para alunos do ensino fundamental. Possibilitar o contato com artigos acadêmicos é um

mecanismo de ensino interessante, mas um aluno do ensino fundamental e médio terá por diversos fatores, dificuldades na compreensão do material em questão. Há de se respeitar as diferentes etapas de amadurecimento e entendimento do aluno e da aluna; forçar a compreensão desses materiais sem a devida transposição pode impactar negativamente no entendimento e no interesse acerca do conteúdo e da disciplina de História como um todo.

Se há dificuldade em transpor conhecimento das universidades para as escolas que estão na mesma esfera educacional, quais são as dificuldades e mecanismos para a realização da transposição do conhecimento histórico para o ambiente das redes sociais?

Quando se fala em produção audiovisual focada em educação, logo lembramos do Telecurso 2000²⁰ e das videoaulas da educação à distância, mas ao falar em vídeos para o *Youtube* são públicos e finalidades distintas. Produzir um vídeo para a rede social em questão, necessita considerar os aspectos específicos desse ambiente como por exemplo: a chegada dos espectadores, objetivo de consumir tal material, disponibilidade e interesse.

Com relação a chegada de espectadores ela pode se dar a qualquer momento na plataforma e sem a necessidade de ser um inscrito (quem acompanha e faz parte do canal) o usuário pode acessar o *Youtube* e assistir um vídeo dada a sua necessidade e sair, como também pode acompanhar uma sequência de vídeos sobre determinado assunto, a forma como os usuários se utilizam da plataforma é diverso e suas finalidades mais ainda.

A não necessidade de ser um inscrito no canal faz com que haja uma fluidez nos números de visualizações, de “gostei” de um vídeo, porquê os “gostei” de um vídeo em questão não corresponde aos inscritos de um canal, qualquer pessoa com acesso ao *Youtube* pode entrar, assistir o vídeo, deixar o “gostei” e pronto. Depende do uso que o usuário em questão quer fazer daquela informação e isso constará de maneira mais detalhada na análise dos comentários no último capítulo. Um usuário pode acessar um vídeo por obrigação escolar (conteúdo complementar, trabalho sobre determinado tema), por curiosidade sobre o tema (debate atual), por aprendizado, entre outras formas de uso da informação colocada ali.

Todos esses variados interesses devem entrar na conta da preparação e organização do conteúdo do vídeo, pensar em como transpor um conhecimento que tem suas utilidades tão diversas não parece ser algo simples e há dentro da lógica do *Youtube* a necessidade de equilibrar, pelo menos no aspecto educacional, qualidade de conteúdo e qualidade de vídeo.

Ao considerar o aspecto organizacional da produção, se fez necessário incluir uma questão na entrevista realizada com o professor Walter Solla sobre o assunto e a pergunta era:

²⁰ Programa televisivo idealizado pela Fundação Roberto Marinho e transmitido pela TV Globo que disponibilizava materiais didáticos para o acompanhamento dos alunos à distância.

“Sobre as fontes, qual o processo para fazer a transposição desses conteúdos escritos e audiovisuais para os vídeos, já que os mesmos precisam ser um tanto resumidos e condensando vários conceitos para que tenham visibilidade dentro da lógica do algoritmo do Youtube?” Walter respondeu (em entrevista concedida a nós no dia 13 de janeiro de 2022):

Como é que a gente organiza a questão do conteúdo é variável não é fixo não existe uma regra fixa, então temos uma reunião anual dentro dessa reunião anual a gente tem algumas diretrizes de quais vídeos a gente vai colocar ao longo do ano. Mas existem fatores que fazem com que a gente mude esse planejamento. Então, por exemplo, a gente tem um planejamento anual e dá dois meses acontece uma pandemia planejamento anual é alterado. Então nada impede também que a gente reformule esses planejamentos anuais. Então a gente tem planejamentos anuais, mensais, semanais e muitas vezes a gente... existe consenso dentro da empresa já, “que legal vamos fazer um vídeo sobre esse tema” é como a série dos presidentes do Brasil, é uma série que são quatro anos de produção. Então a empresa toda entende que foi uma série bem vista e que está tendo o seu papel social. Agora tem aulas que às vezes a galera do marketing fala precisa daquela aula e a galera do pedagógico pode se sentir desafiada, por exemplo, para fazer uma aula de Guerra Mundial. Eu não me sinto confortável em apenas repetir algum tipo de resumo. Eu vou querer ler, eu vou querer pesquisar isso. Então isso é um desafio muito grande. O Se Liga como um todo e a gente tem muito zelo pelo conteúdo, a gente exclui quase zero vídeos antigos porque as informações são muito sólidas e a gente sente muito orgulho disso. Existem erros, muita melhoria a gente pode fazer, mas eu acredito que todo mundo que veja um vídeo antigo vai perceber que houve respeito ali que houve esmero. Eu acho que isso é perceptível. Então a gente fica um pouco encurralado nessa questão da demanda da produção. A gente precisa produzir muito, muito, muito, mas eu quero estar ciente do que estou falando pelo menos em história daí que existe a necessidade de a gente fragmentar o Se Liga e trazer novos professores. Tem praticamente 20 professores ao todo (INFORMAÇÃO VERBAL).

Partindo do esclarecimento sobre a organização para a produção de conteúdo, de suas etapas e dos materiais que são necessários para tal, fica melhor de compreender como funciona a produção de conteúdo, há um calendário, há cobranças, reuniões. Existe todo um sistema colaborativo (no canal Se Liga) que faz com que o material esteja pronto para tal data e que após ser gravado, editado e revisado possa efetivamente ser publicado.

Entender melhor os meandros da produção colaboram para desmistificar a ideia de que “é só colocar para gravar e depois editar”, o que dá a falsa sensação de que o trabalho de um professor que opta por trabalhar com o audiovisual tem mais facilidade em dar aula. As benesses do vídeo existem: se pode editar, gravar de novo, refazer; totalmente diferente de uma aula presencial, na qual enquanto professor se você falar algo errado, explicar um conceito errado dará um trabalho enorme e que consumirá aulas para desfazer o erro.

Porém a demanda de produção intensa para manutenção de relevância como é cobrado de canais com grandes números, as outras vias (cursos) que cada canal selecionado produz e a produção para outras redes sociais que possuem formatos diferentes, durações diferentes consomem tempo e recursos.

A necessidade constante da “perfeição” exigida tanto pelas redes quanto pelos próprios criadores já que suas produções são postadas *ad eternum*, pois mesmo que o autor resolva remover o vídeo para a correção de algum equívoco, muito provavelmente algum usuário já o terá acessado, baixado, tirado print (foto da tela) e gravado aquele equívoco. E de um erro eternizado em vídeo pode advir o famigerado cancelamento dos *influencers*, que é o direcionamento de críticas e ofensas, retirada de patrocínios, rompimento de parcerias comerciais que impactam no modelo de negócio digital que vigora nas redes como um todo.

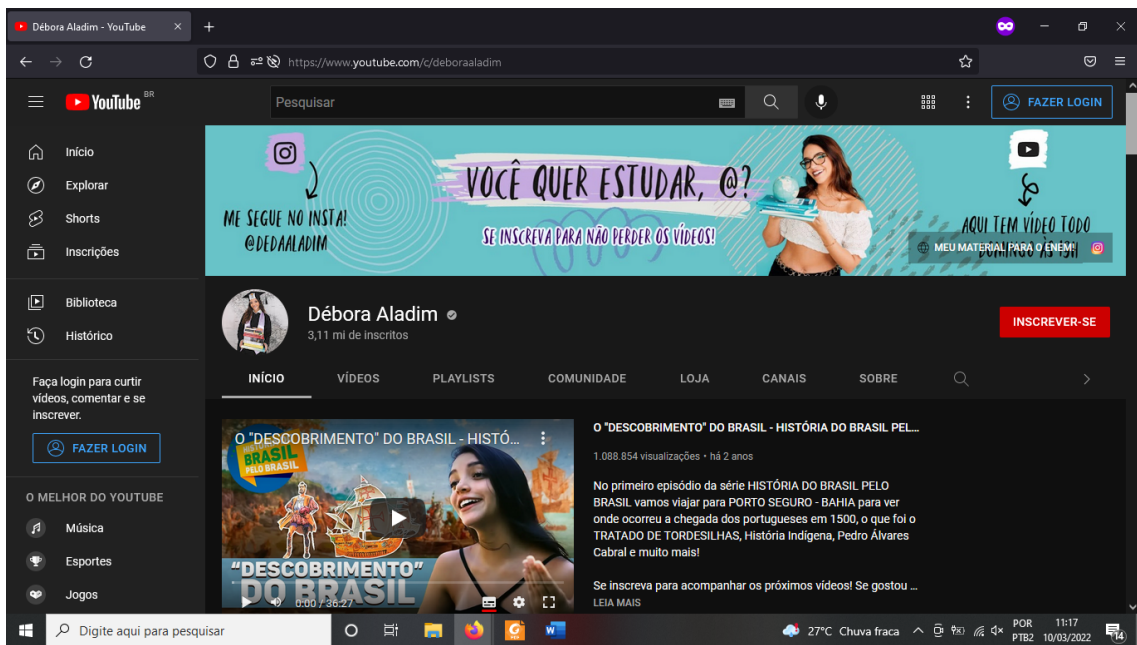
Ainda sobre o processo de produção dos vídeos Walter pontua que há diferenças entre o material preparado para uma *live* (vídeo ao vivo e com interação em tempo real) e do vídeo que vai para o canal e permanece lá como material de referência para uso e consulta dos alunos e comentou que “é na *live* que você vai falar aquela besteira grande”, podemos novamente perceber a preocupação com os impactos sobre um erro na fala, na conceituação de algum termo e logicamente de como esse equívoco pode impactar nas relações comerciais da empresa.

Tais preocupações podem exercer duas forças sobre a produção e a publicação do conteúdo dos canais que abordam o ensino de História: você pode produzir um material que objetive a neutralidade – aspecto que no fazer historiográfico não existe – ou posicionar e arcar com comentários ofensivos e que questionam o conhecimento apresentado naquele vídeo.

Acerca da publicação dos vídeos após todas as suas etapas (gravação, edição, pós-produção, revisão e finalização) há ainda a organização com vistas no engajamento. Qual é o melhor dia de postagem para esse tema? Qual a visibilidade e retorno de postarmos nesse dia? Postar conteúdos relacionados em redes sociais diferentes para atrair o público? São questões que variam de canal para canal e também de nicho.

O canal Se Liga, por exemplo, tem dia fixo de postagem apenas para o seu curso “Extensivo da aprovação” que tem seus vídeos publicados toda segunda-feira, as demais postagens são realizadas sem dia fixo, mas tem uma regularidade de pelos menos 3 vídeos postados por semana atualmente. A publicação dos vídeos está intimamente ligada com a relevância do canal e com preocupação em manter o projeto, já que se não houver postagens regulares, a plataforma para de notificar os usuários e conseqüentemente o número de visualizações tem queda. Já o canal da Débora Aladim tem dia e hora fixa para suas postagens, como mostra a arte de capa do canal.

Figura 10: Homepage do canal de Débora Aladim



Fonte: Arquivo pessoal do autor

A Imagem 8 mostra (apesar do *link* sobreposto) que as publicações são “Domingo às 19h”, dessa forma o usuário e o próprio inscrito que pode ou não receber a notificação de aviso de novos vídeos do canal sabe em qual dia terá material novo para ser consumido. Além da publicação de vídeos temáticos sobre História a professora Débora tem postado vídeos curtos que no *Youtube* se chamam *Shorts* – ferramenta elaborada para competir com os *Reels* do *Instagram* e com os próprios aplicativos de vídeos curtos *Tik Tok* e *Kwai* – objetiva reter a audiência na plataforma e evitar a debandada para outras redes sociais.

Importante salientar que cada canal acaba por “moldar” o algoritmo da plataforma conforme sua assiduidade em publicar novos conteúdos, se o canal possui uma regularidade de postagem de um vídeo na semana, a plataforma entende isso como o engajamento daquele canal e tratará o canal com base nisso. Se o mesmo canal passa a publicar mais vídeos durante a semana, a plataforma passa a exigir essa maior regularidade para recomendá-lo aos usuários do *Youtube*. E no caso de baixa na regularidade de postagem a plataforma irá fazer o movimento de não recomendar com tanto ímpeto o canal, já que o mesmo não está “trabalhando como deveria”.

Em conclusão pode-se perceber que dentro da produção do audiovisual focado no ensino de História para a plataforma do *Youtube* há diferentes etapas e processos até que um vídeo seja publicado. Há um processo historiográfico que possui suas próprias nuances, mas que se aproxima do fazer história acadêmico e do saber escolar para que tenha embasamento em autores e em pesquisas e que busca uma finalidade no ensinar história e que no processo

de ensino-aprendizagem o espectador faça sua própria leitura daquele conteúdo e através de seu comportamento na rede social contribua na aprovação e/ou revisão do produto que lhe é destinado.

3.2 Vídeos selecionados e os porquês

Dentre os inúmeros vídeos que poderiam fazer parte dessa pesquisa, visamos selecionar materiais que foram produzidos e apresentados tendo a frente dos canais professores de História de formação e que abordassem temas sensíveis nos debates da atualidade. Assim saímos da zona de conforto de apenas um recurso de estudo sobre História, mas vídeos que tivessem o debate e visões contrastantes de diferentes grupos sociais manifestados através de suas interações no campo de comentários, que é o local no *Youtube* que permite a comunicação entre produtor-inscrito de maneira direta.

Constatamos com a coleta dos comentários que o embate de visões e ideologias de diferentes grupos sociais, atuam também no ciberespaço com a propagação de suas ideias, e fazem uso da rede social *Youtube* para gerar embates ferrenhos em defesa de suas lógicas de pensamento nesses espaços. Ao selecionarmos vídeos com teor de enfrentamento de narrativas sobre a História, tivemos como objetivo entender como as se moldam as perspectivas históricas sobre determinado tema, como são construídas e de que maneira se dão as interações desses diferentes grupos entre si e com o conteúdo disponibilizado. Os vídeos selecionados estão descritos abaixo:

Quadro 1 – Vídeos selecionados para análise dos comentários

Nome do vídeo	Canal	Duração	Data de postagem	Número de comentários	Número de visualizações	Número de curtidas
Ditadura Militar Resumo	Se Liga	18:42	27/01/2020	442	165.438	16 mil
Resumo de História: Ditadura Militar	Débora Aladim	19:31	07/09/2015	0*	1.828.562	134 mil
A Escravidão no Brasil (ou A maior	Se Liga	6:55	09/03/2015	714	766.523	40 mil

Cicatriz do Brasil)						
História da Escravidão no Brasil e Proclamação da República (aula completa)	Débora Aladim	1:14:12	28/05/2019	1443	353.106	29 mil
Indígenas no Brasil #1 Identidade Indígena	Se Liga	6:19	08/02/2016	578	444.253	21 mil
Indígenas no Brasil #2 Genocídio Indígena	Se Liga	6:12	15/02/2016	271	236.136	12 mil
Indígenas no Brasil #3 Sexo, Drogas e Antropofagia	Se Liga	11:08	07/03/2016	388	228.170	15 mil
O “Descobrimento” do Brasil	Débora Aladim	36:28	09/04/2019	2896	1.083.524	99 mil

Fonte: produzida pelo autor a partir de informações retiradas da rede social *Youtube*

*Vídeo está com o campo para comentários desativado

O vídeo “Ditadura Militar | Resumo” do canal “Se Liga - ENEM e Vestibulares”, possui em sua descrição as seguintes informações:

Neste vídeo, o professor Walter faz um grande resumo sobre o que foi a Ditadura Civil Militar no Brasil (1964-1985). Você entenderá o contexto histórico em que o Brasil estava inserido, conhecerá os principais presidentes que comandaram o país, e as principais características políticas de cada um deles. Por fim, o professor Walter falará sobre o legado que esse período deixou para nós (SE LIGA - ENEM E VESTIBULARES, 2020).

O vídeo em questão traz o professor Walter a frente da aula-resumo e aborda o tema de maneira cronológica, contando com inserções de fotos, animações e efeitos sonoros conforme explica o conteúdo, a gravação do vídeo ocorre em um estúdio apropriado e utiliza dos recursos do audiovisual para dinamizar a explicação que sem os efeitos seria um monólogo estático. Importante salientar que o professor Walter além de apresentar o material referencial utilizado para a produção do vídeo (coleção de livros do historiador Elio Gaspari)

os deixa referenciado na descrição juntamente com outro dois autores Carlos Fico e Aracy Amaral e apesar de apontar referências sobre o tema – o que já indica sua visão sobre o mesmo – o professor não tece críticas nem se posiciona de maneira enérgica com relação ao tema, seguindo a característica conteudista do canal sem entrar em posicionamentos pessoais para abordá-lo.

Ainda no tema “Ditadura Militar” temos selecionado o vídeo da Débora Aladim intitulado “Resumo de História: Ditadura Militar” que chama atenção por ter o campo dos comentários desativado e com relação a isso o *Youtube* informa que

Motivos para a desativação de comentários

Os comentários podem ser desativados no *Youtube* pelos seguintes motivos:

O proprietário do vídeo selecionou a opção “Desativar comentários”.

O *Youtube* pode ter desativado os comentários em alguns vídeos por motivo de segurança, como proteção de menores de idades.

O público do seu canal ou do vídeo foi definido como “conteúdo para crianças”.

O modo restrito foi ativado por você ou pelo seu administrador do sistema.

Os comentários estão desativados em músicas com a capa do álbum gerada automaticamente (*YOUTUBE*, 2022).

Infelizmente o real motivo para os comentários estarem desativados nesse vídeo em questão não poderá ser respondido nessa dissertação já que não conseguimos contato com a responsável pelo canal para a realização da entrevista, o que poderia colocar uma luz sobre o que levou a professora Débora e/ou sua equipe a tomar essa decisão.

Ao assistir o vídeo que foi gravado em espaço particular (quarto da Débora), com fala polida, sem xingamentos ou ofensas e levando em conta que o conteúdo do vídeo aborda matéria escolar ensinada no 9º ano do ensino fundamental (idade entre 14/15 anos), podemos deduzir que o bloqueio nos comentários tenha partido da própria dona do canal e não como determinação da plataforma. O vídeo não se enquadra em nenhum tipo de infração que cause o bloqueio dos comentários, o que nos leva a pensar o porquê de tal atitude, já que justamente o espaço destinado aos comentários dos inscritos é que possibilita a interação direta com os criadores de conteúdo.

Uma das hipóteses talvez seja o alto número de comentários no vídeo e a difícil administração do que estava sendo falado ali, outra possibilidade é que o tipo de comentários e de materiais postados neste espaço estivesse incitando algum discurso de apoio a regimes ditatoriais e para evitar qualquer constrangimento ou ofensa direcionada às vítimas da ditadura a professora optou por impedir esse tipo de manifestação.

Vale pontuar que a publicação do vídeo ocorreu em 7 de setembro de 2015, dentro de um cenário político estável democraticamente, mesmo com o questionamento acerca das eleições presidenciais de 2014. Porém os desdobramentos políticos que ocorreram no Brasil a

partir do impeachment da então presidenta Dilma Rousseff em 2016 contribuiu para potencializar as polarizações políticas do cenário brasileiro.

A mudança na situação política brasileira permitiu, em especial a partir das eleições de 2018, que o discurso embasado na defesa da ditadura militar que encontrou na figura do então candidato Jair Messias Bolsonaro seu estandarte, um revisionismo acerca desse momento histórico. Contou com a participação de seus seguidores no ambiente digital para reforçar a validade da ditadura como “melhor período da história” e com essa ideia, houveram articulações para confrontar de maneira agressiva conteúdos que criticassem o regime militar.

O crescimento e a organização dos movimentos de extrema-direita nos diferentes âmbitos da vida social brasileira e a propagação de seu discurso, podem ter exercido influência na decisão de bloquear os comentários do vídeo em questão. Essa pode ser considerada uma hipótese plausível, haja visto o comportamento articulado e violento desses grupos tanto no ciberespaço quanto no mundo prático.

É importante ressaltar que ambos os vídeos tem o perfil de resumo, com foco no conteúdo de maneira cronológica, eventos marcantes e campos específicos da sociedade objetivando abordar o tema para exames nacionais e vestibulares e não promover um debate acerca do tema, porém tal momento histórico é um dos maiores alvos do revisionismo-conservador e por ser um momento histórico contemporâneo suscita debates entre as próprias pessoas que viveram o período e que divergem sobre ele e quem não passou o período, mas que forma opinião com base em situações vividas por familiares.

Para abordar o segundo tema a escravidão, foram selecionados os seguintes vídeos: “A Escravidão no Brasil (ou A maior Cicatriz do Brasil)” do canal Se Liga e o “História da Escravidão no Brasil e Proclamação da República” de Débora Aladim. O primeiro vídeo como apontado no título e também na descrição tem o objetivo de “cutucar a ferida” da escravidão e seus desdobramentos e teve como referência os escritos de Luís Felipe de Alencastro e Stuart Schwartz.

O vídeo de Débora Aladim expõe no seu título que é uma “aula completa”, sendo, entre os vídeos selecionados, o de maior duração. Um dos diferenciais desse vídeo é que ele faz parte de um curso elaborado pela criadora do canal chamado “História do Brasil pelo Brasil” no qual ela fez viagens e gravações em locais históricos com relação ao tema, no vídeo em questão ela está na Quinta da Boa Vista local transformado em parque municipal, mas que pertencia a família real brasileira e os assuntos abordados conforme descrição do vídeo são “navios negreiros, tráfico de escravos, leis de abolição da escravidão (Sexagenários, Ventre Livre, Lei Áurea de 1888) [...]”.

Sobre a questão indígena foram selecionados do canal Se Liga, 3 vídeos que constituíam uma série sobre a temática com o intuito de abarcar de maneira mais efetiva os debates em relação a esse assunto, foram eles: “Indígenas no Brasil #1 | Identidade Indígena” que contém na descrição do vídeo um alerta para a marginalização do tema dentro do debate estudantil: “Conteúdo de extrema importância que, historicamente não teve espaço dentro da própria História.”, indicando aparentemente uma crítica à Historiografia que negligenciou por muito tempo a importância dos povos originários e sua cultura.

O segundo vídeo da série chamado de “Indígenas no Brasil #2 | Genocídio Indígena”, há uma mudança no local de filmagem, o cenário é diferente do habitual estúdio usado pelo canal, parece ser em espaço aberto sem inserções de imagens ou animações. Talvez pelo aspecto mais sério do tema ao tratar a mortalidade dos diversos povos indígenas e conseqüentemente sua cultura. A abordagem utilizada é mais contida e há também uma mudança de postura do professor, que opta por deixar a forma mais divertida e despojada de lado no vídeo em questão, tratando o assunto de maneira mais séria.

No último vídeo da série que aborda alguns aspectos das diversas culturas indígenas existentes e que se chama “Indígenas no Brasil #3 | Sexo, Drogas e Antropofagia” e que é o vídeo mais longo dessa série de vídeos do canal, o professor Walter visa debater alguns aspectos que mais conflitaram com a visão cultural europeia e retoma a abordagem mais descontraída, que lhe é característica. Aborda especificamente as diferenças culturais entre os europeus e povos indígenas e como tais formaram a visão acerca dos nativos brasileiros, o que gera ainda hoje diversos preconceitos com relação à imagem e cultura deles.

O vídeo selecionado do canal da Débora Aladim intitulado – “O ‘Descobrimento’ do Brasil” – também faz parte do curso idealizado pela criadora do canal sobre História do Brasil e no vídeo em questão ela está na cidade de Porto Seguro, local de chegada dos primeiros portugueses. Esse vídeo conforme a Tabela 1 é o que possui maior número de comentários e também de visualizações dentre os selecionados dos dois canais.

Vale destacar a abordagem distinta de cada um dos canais em relação a produção dos seus materiais. Ao analisarmos o perfil do Se Liga temos vídeos mais curtos, porém cada vídeo focado em um aspecto diferente do tema principal, essa abordagem pode ser analisada na seguinte lógica: divido meu conteúdo, produzo mais vídeos curtos, mas com uma aceitação pelos meus inscritos, de rápida visualização e com publicação constante (semanal) para que quem acompanha a série esteja acessando o canal com mais frequência. Isso contribui para que o tempo de visualização do canal aumente, fazendo o espectador assistir mais vídeos, sem

se cansar do conteúdo, mas o consumindo de maneira fragmentada e fornecendo assim em números absolutos um bom tempo de permanência no canal.

Outro aspecto a se destacar do canal é que, conforme informado a nós pelo professor Walter, há dentro da equipe pessoas responsáveis pelo acompanhamento dos debates promovidos nos comentários e que segundo ele

[...] a gente depende tempo, energia e dinheiro para que a gente leia esses comentários e possa excluir aqueles comentários que a gente acredita que sejam um desserviço para a sociedade mesmo, então comentários que estimulam o ódio ou críticas muito duras a algum professor, por exemplo, tentem comentar, que vem falar de estética de professor. A gente acredita ser descabido e aí a gente tira. [...] Agora pode ter certeza que excluimos muitos comentários não é... de certeza que não é por acaso que não tem tanto comentário estapafúrdio lá não, houve um trabalho tem muito e muito comentário maluco é muito difícil (INFORMAÇÃO VERBAL).

Já a lógica do canal da professora Débora é ir por um caminho misto, realiza produções ora longas ora curtas, e assim mescla tipos de público fazendo projetos com diferentes enfoques (aulas completas, resumos, dicas de estudo, dicas de redação, entre outros). Possui assim um repertório diversificado e que tem usos variados para seus inscritos e/ou usuários em geral do *Youtube*.

Outra característica que podemos apontar dos canais é que o *Youtube* em si não é mais o carro chefe da produção das equipes envolvidas, mas sim usado como chamariz, isto é, as equipes dos canais disponibilizam vídeos sobre diferentes áreas de conhecimento e trazem novas pessoas que são convidadas a terem acesso a um conteúdo mais completo, mais dinâmico, com mais suporte e dicas. Os conteúdos “mais, mais” são disponibilizados nos *sites* das empresas e são acessados através da assinatura e do pagamento dos cursos de interesse de cada pessoa que podem ser em forma de cursinho online, método de estudos, dicas especiais etc.

Dessa forma o relacionamento comercial entre o aluno e aluna interessado/necessitado transcende a rede social, que é utilizada como uma “gôndola de produtos” disponíveis para compra. Esse comportamento expõe um modelo de negócio que tem funcionado bem de maneira geral, as redes sociais são utilizadas para disponibilizar um pouco do conteúdo de maneira gratuita mas a aula “completa, com os macetes, dicas incríveis e que vai fazer você passar no ENEM/Vestibular” necessita de pagamento, o que evidencia o quanto a educação é um campo profícuo e rentável comercialmente e que apesar da aparência de promover a educação a todos que os canais hasteiam, ainda não é disponibilizada em sua plenitude devido a maneira mercadológica que o ensino é tratado na realidade brasileira.

3.3 O que os vídeos têm a dizer

Como vimos até aqui, toda produção audiovisual e de conteúdo voltado para as redes sociais possui intencionalidades das mais diversas e já compreendemos também quais os caminhos para que o processo de produção e publicação do material se efetive. Antes de compreender o que cada usuário diz e qual seu posicionamento conforme as categorias criadas para a pesquisa, precisamos extrair dos vídeos o que está sendo ensinado e que tipos de informações constam para compreendermos o posicionamento dos usuários e suas leituras de mundo a partir do conhecimento histórico que possuem.

Já pontuamos que os vídeos selecionados tocam em pontos da História que suscitam debates entre grupos ideológicos diferentes; com isso esclarecido e sabendo que esse tipo de interação irá acontecer, é importante salientar alguns pontos abordados pelo professor Walter e pela professora Débora nos materiais selecionados. Vamos a eles.

O primeiro vídeo que foi analisado “A Escravidão no Brasil (ou a maior cicatriz do Brasil)” que possui apenas 6 minutos e 55 segundos de duração, digo apenas devido a complexidade do tema que necessitaria de um debate mais aprofundado. Logicamente que a ideia é ser sucinto e dar as informações mais importantes sobre o tema com foco nas questões que são cobradas em vestibulares e ENEM, mas mesmo assim, seria pouco tempo para tratar questões tão complexas e profundas que impactam nos mais diversos campos sociais, porém a característica do canal e seu objetivo não está em promover reflexões ou promover tais debates.

Figura 11: Capa do vídeo “Escravidão no Brasil” do canal Se Liga



Fonte: Obtida pelo autor da página de pesquisa do *Youtube*

Importante salientar que na imagem aparece o “selo” do *Youtube* Educação, o que significa que o vídeo é recomendado pela plataforma como um material de referência para os estudantes e usuários em geral que tem interesse em aprender sobre o tema, mesmo que de maneira superficial. Logo no início o professor Walter informa que a aula em questão é a quarta de uma lista de vídeos (*playlist*) que tem o foco de abordar a História do Brasil. Vale ressaltar que entre todos os vídeos do canal, o *Escravidão no Brasil*, ocupa a 20ª posição (até a data de 14/03/2022) com o filtro de “mais populares” que leva em conta o número de visualizações que o vídeo possui (conforme informado na Tabela 1).

Ele inicia o vídeo abordando a escravidão como “maior cicatriz” pelos grandes impactos sociais que a não compensação dos 350 anos de duração do regime escravagista trouxeram aos escravos recém libertos em um primeiro momento, e que se perpetuam através de seus descendentes. Os aspectos como a dívida social com a população negra e os desdobramentos que a falta de políticas públicas reparadoras sobre a escravidão gerou e gera na sociedade brasileira até o presente, são outros aspectos que Walter ressalta para compreender que apesar do término do período escravagista, de maneira formal, seus impactos nas pessoas negras da sociedade brasileira ainda estão longe de serem amenizados.

Em termos econômicos a ideia de dívida social segundo Marcelo Neri é “um pressuposto ético de que cada cidadão deveria ter suas necessidades minimamente garantidas” (NERI, 2002, p. 38). Essa definição cabe com relação ao tratamento dado aos negros pós “libertação” já que não houveram políticas de reparação preparadas para acolher a população negra na sociedade, o que ocasionou e continua ocasionando a marginalização financeira, estudantil, social, trabalhista e de moradia da maioria do povo negro.

Walter faz críticas às ideias de que a escravidão estava ligada ao biotipo, de que os negros gostavam do trabalho escravo e que eram passivos. Pontua que os aspectos que levaram os negros a serem escravizados estavam muito mais vinculados à questão econômica e controle fiscal que o reino português possuía das movimentações realizadas na África e de o mercado escravista africano gerava melhores dividendos ao reino português. Traz como reflexão também o papel das ordens religiosas na manutenção da escravidão negra e o porquê de “cuidarem” dos povos indígenas, pautado nos aspectos econômicos, já que se a coroa portuguesa enriquece e patrocina as empreitadas da Igreja Católica, ela tem de se manter como apoio e concordar com as demandas do rei.

O professor aborda o argumento falacioso de que “os negros escravizavam os negros e por isso os portugueses não poderiam ser os culpados pela escravidão africana”. Ele explica que a lógica da escravidão praticada entre os africanos era baseada em derrotas em guerras ou

por dívidas e que a percepção portuguesa de escravidão está pautada numa lógica comercial e isso é o ponto de diferenciação entre esses dois tipos de escravidão. Por fim Walter aborda também os mecanismos de resistência dos povos negros enquanto escravos no Brasil, levantando a importância dos quilombos e as práticas de assassinatos por parte de escravos como elemento de luta, além de abordar os aspectos da vestimenta enquanto diferenciação dos negros escravos e negros livres.

O segundo vídeo selecionado do canal Se Liga, intitulado “Ditadura Militar | Resumo” inicia questionando as formas de nomear o período “regime ou ditadura?” porém o título da aula aponta em qual direção o professor Walter constrói sua narrativa. Partindo dessa lógica ele apresenta seus referenciais para a produção desse vídeo (Coleção Ditadura²¹) e pontua que esse é um breve apanhado sobre o tema e que haverá mais 2 aulas para abarcar os presidentes do período e a herança deixada para a sociedade e políticas brasileiras.

Figura 12: Capa do vídeo “Ditadura Militar” do canal Se Liga



Fonte: Retirada pelo autor da página de pesquisa do *Youtube*

No ranking de vídeos do canal, o vídeo selecionado encontra-se na posição 92 (até a data de 14/03/2022) conforme a filtragem de “mais populares” e a imagem mostra que o vídeo é mais um com o Selo *Youtube* Educação, indicado como referencial para estudo para exames e provas nacionais. Walter inicia o vídeo com um panorama geral da situação mundial nos aspectos de conflito e de interesses políticos (Guerra Fria, aversão ao socialismo, período de ditaduras), aborda a criação e os usos dos órgãos de controle da Ditadura e dos Atos Institucionais, utiliza jargões como “anos de chumbo”, o impacto dos números de mortos

²¹ Coleção de cinco livros acerca da Ditadura Militar brasileira escrita por Elio Gaspari, jornalista ítalo-brasileiro. Compõem essa coleção os livros: A Ditadura Envergonhada, A Ditadura Escancarada, A Ditadura Derrotada, A Ditadura Encurralada

civis, militares e de pessoas do campo e também as perspectivas de abertura “lenta, gradual e segura”. Além disso exemplifica as variadas mortes de pessoas importantes no cenário nacional como Vladimir Herzog (suicídio pelos documentos oficiais) e Juscelino Kubitschek (acidente de carro) que é encenado pelo professor e seu parceiro de canal Ary (minutagem do vídeo 9:49), outras mortes de figuras importantes também são comentadas no vídeo com “circunstâncias duvidosas” entre elas a de João Goulart e Carlos Lacerda.

O professor traz a informação de que houve eleições para vereador, deputados e senadores com participações populares e que os partidos permitidos para participar do pleito eram o ARENA e o MDB, porém dentro da roupagem democrática houve diversas manobras políticas visando o controle das atividades eleitorais, como exemplo, temos a Lei Falcão, Pacotes de Abril e a mudança do mandato presidencial por 6 anos. Além disso aponta o caráter dúbio da chamada Lei de Anistia, que servia para perdoar os exilados pela ditadura, mas também foi usada para ignorar os crimes cometidos pelas instituições governamentais no período ditatorial.

Sobre os povos indígenas, como já foi exposto, selecionamos 3 vídeos do canal Se Liga para obter melhores informações sobre como o professor Walter trabalhou esse tema em suas produções. Foram escolhidos tais vídeos também por sua curta duração, já que somados os 3 não chegam a 20 minutos de duração, o primeiro deles (Identidade Indígena) inicia pontuando a primazia em habitar o que hoje é o Brasil, corroborando a ideia de que os indígenas são os verdadeiros “donos” dessas terras. Como a proposta do vídeo é abordar a identidade das pessoas indígenas e como elas se inserem dentro da sociedade atual, visando desmistificar a visão do nativo recluso e sem “cultura”, Walter faz a explicação do conceito de identidade no aspecto da antropologia de que a “identidade de um grupo é criada pelo próprio grupo e não deve ser determinada por externos”.

Partindo disso, também coloca o aspecto étnico da identidade para que tanto os grupos indígenas quanto demais grupos da sociedade se associam e aproximam pelo aspecto étnico. No entremeio do debate sobre a identidade indígena, Walter também insere propagandas do cursinho para direcionar a audiência a ter acesso aos conteúdos exclusivos e às aulas mais aprofundadas sobre os temas apresentados brevemente no vídeo em questão. E mais para o fim da aula o professor aborda os aspectos das “armadilhas da identidade” em que muitas pessoas acabam externando preconceitos por associar características físicas e aspectos sociais a determinados grupos humanos e finaliza que há no debate sobre identificação com um grupo social com base no sentimento de pertencer e de ser aceito no grupo em questão.

O vídeo seguinte aborda a questão do genocídio indígena e suas causas principais, inicia indicando com base em censos demográficos que no período do achamento do Brasil o número de indígenas girava em torno de 5 a 8 milhões de pessoas e que esse número tem uma queda vertiginosa a partir dos primeiros contatos entre europeus e nativos. Direciona então o vídeo para a lógica das causas do número gigantesco de óbitos indígenas: doenças, confrontos entre grupos indígenas rivais e portugueses versus indígenas, a exploração da mão de obra até a morte por parte dos portugueses e a fome promovida pela destruição ou apropriação das plantações indígenas feita pelos europeus. Destaca também a lógica do aldeamento, que visava em “domesticar” o indígena e fazê-lo dócil e servil através da catequização promovida pela igreja católica e aponta que a perspectiva que se apresentou diante dos conflitos entre indígenas e portugueses e sua disparidade promoveram um alto índice de infanticídio e suicídio entre os povos originários já que “antes mortos do que escravizados”.

Finalizando a temática indígena com o vídeo “Sexo, drogas e antropofagia”, Walter elenca as diferenças culturais entre os povos envolvidos sobre os temas e como a construção da imagem do indígena foi realizada a partir dos primeiros contatos e foi reproduzida na Europa, como um povo selvagem e que necessitava de domesticação. Pauta também os conceitos de superioridade e inferioridade racial com base no etnocentrismo e eurocentrismo e como os relatos de Hans Staden influenciaram a visão sobre a sociedade indígena e sua cultura. Acerca do tópico sexo é pontuado os aspectos do casamento tribal, da poligamia e da sexualidade entre jovens e adultos como forma de “ensinar o sexo” aos mais jovens e recém casados.

Com relação ao uso das drogas alucinógenas é apontado que faz parte dos hábitos religiosos dos povos indígenas e que só assim poderiam ter as orientações dos deuses e esclarecimentos para as decisões a serem tomadas como a entrada em uma guerra, a mudança de local da tribo e afins. Aqui Walter salienta a perspectiva cristianizada e monoteísta dos portugueses e a lógica do panteão de divindades vinculadas a fenômenos da natureza dos povos indígenas.

Sobre a antropofagia praticada pelos povos indígenas há um tratamento diferenciado entre os povos da América do Sul e da América Central; enquanto os indígenas da parte sul do continente são vistos como dóceis e seus hábitos são tratados como questão de ritual para construir uma imagem mais aceitável dos relacionamentos que se desenvolviam entre portugueses e indígenas, na parte espanhola esse comportamento não busca justificativa e

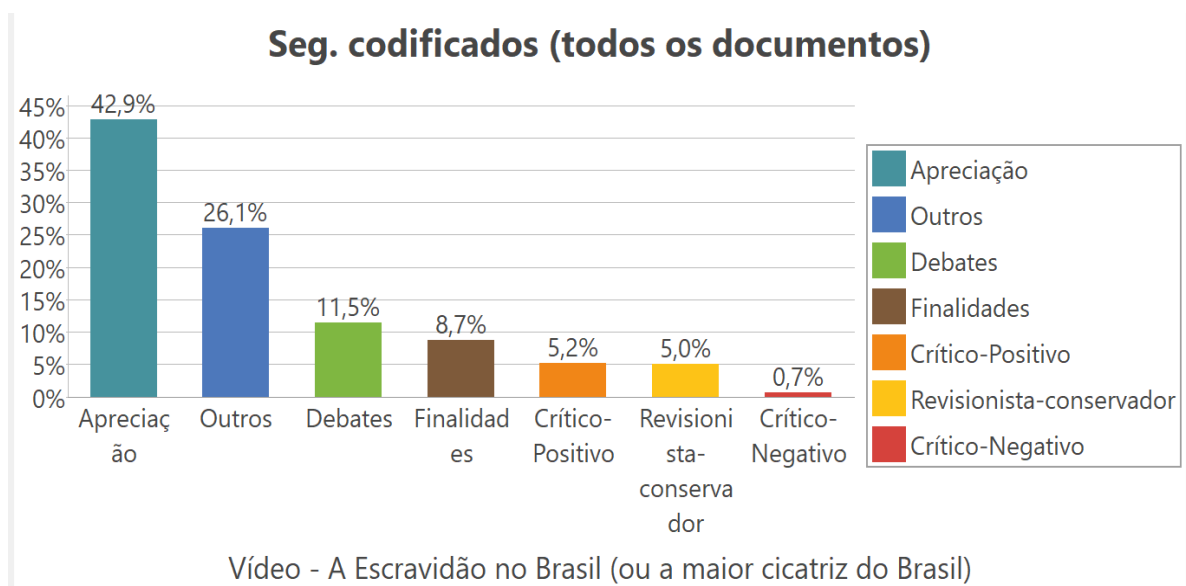
pauta a ideia de que são selvagens e precisam de salvação, reforçando assim a função das missões religiosas em ambos os territórios.

3.4 O uso do *Youtube*: usuários e seu comportamento

Descrevemos durante os capítulos anteriores o processo de criação e transformação do ciberespaço, a invenção e as modificações do *Youtube*, o surgimento dos canais educacionais e realizamos até aqui a análise do conteúdo produzido pelos edutubers com relação a disciplina de História. Nesse tópico é que entraremos na análise das interações dos usuários entre si e o conteúdo do vídeo, conforme os códigos de classificação que foram elaborados.

Vamos começar pelos comentários presentes no vídeo “A Escravidão no Brasil”, ao total até a data de coleta dos comentários, haviam sido registrados 714 comentários ao total. Seguindo as definições dos códigos de interação que foram criados para essa pesquisa temos: 36 comentários na categoria “revisonista-conservador”, 82 comentários na “debates”, 306 classificados como “apreciação”, 5 como “crítico-negativo”, 37 que se encaixam como “crítico-positivo”, 62 comentários em “finalidades” e 186 categorizados como “outros” que graficamente ficaram representados nas porcentagens abaixo:

Gráfico 1: Amostragem das porcentagens da análise do vídeo “A Escravidão no Brasil” – Canal Se Liga



Fonte: O autor

No vídeo analisado fica evidente a predominância de comentários da interação do tipo apreciativa e temos como exemplo os seguintes comentários: “Continueee com as aulas!principalmente sobre o Brasil!!!! to amando”, “Muy bueno, soy colombiano y estoy investigando sobre la historia de Brasil que es muy distinta a la colonización española.”, “sempre q quero ver video de historia, pesquisei seu canal, os outros sao chatos e sem graça, muito bom cara”, “MANJA TUDO DE HISTÓRIA e ainda é GATO, véi!” e “Sem dúvidas o melhor canal de aulas de história do YouTube! ♥” (acesso e coleta dos comentários realizada em 22 de fevereiro de 2022).

Essa pequena exemplificação dos tipos de comentários feitos pelos usuários no vídeo, demonstra que há um estabelecimento de vínculo entre os usuários, edutuber e conteúdo. Nessa categoria, as interações são positivas e de valorização da produção do vídeo e focados também na figura do professor; é interessante notar também que apesar do conteúdo do vídeo ter foco na História do Brasil há interação de pessoas de outra nacionalidade (no caso colombiano), que mesmo estando no mesmo espaço físico (América do Sul) possui um processo de colonização distinta devido aos moldes espanhóis de colonizar.

Outras categorias que podemos exemplificar com os comentários e que trazem perspectivas interessantes na análise da interação usuário-produção nesse vídeo são as de Finalidades, Revisionista-Conservador e Crítico-Negativo. Na categoria Finalidades encontramos exemplo desse tipo de comentário: “Excelente! Com certeza vou utilizar para complementar minhas aulas de História! Parabéns pela qualidade, dinâmica e principalmente por instigar a criticidade!” que aparentemente se trata de um professor que utiliza o vídeo em suas aulas para dinamizar ou debater o assunto que está abordando com os alunos.

Temos ainda comentários na outra ponta da relação ensino-aprendizagem – “passei em uma prova só assistindo suas aulas obrigado”, “melhor aula, mim ajudou passar no concurso do meu sonho.”, “Estou cursando o segundo ano em História, seus vídeos são os melhores”. O primeiro e segundo comentários exemplificam um comportamento comum nos usos desse tipo de recurso, que é como material de revisão e/ou consulta para trabalhos escolares e provas em geral. Já o terceiro comentário tem um caráter semelhante, mas no nível do ensino superior que evidencia que a utilização do conteúdo presente no vídeo permeia diferentes níveis do debate historiográfico e da aprendizagem histórica.

Na categoria de interação Revisionista-conservador temos comentários com aspectos de identificação de grupos e comportamentos que enxergam diversos pontos da História como não relevantes ou de caráter ideológico, vinculam tais questões a ideologias diferentes e não se consideram responsáveis/cúmplices da continuidade dos preconceitos e da estruturação

social, como podemos ver nos comentários extraídos: “Eu não concordo....não tenho nada haver com isso...foi em outra época....não tenho que pagar por isso”, “Dívida é sacanagem. Brecha pra defensor de cota racial.”, “um negro era pra explicar isso ! o negro n tem cérebro”.

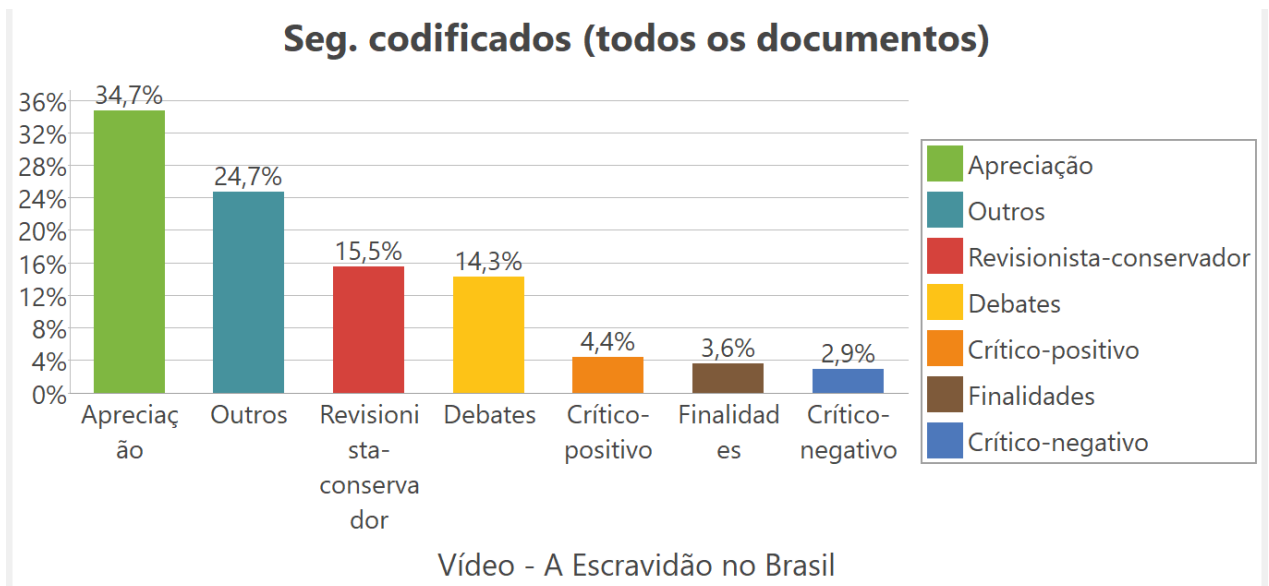
As afirmações feitas através dos comentários, revelam diversas faces da sociedade brasileira e como a mesma se comporta tendo a “proteção” da internet. Além de evidenciar um desconhecimento dos termos usados pelo professor na aula e colaborando na proliferação de ideias racistas e manutenção da sociedade desigual já que “não tem nada com isso”. Nesse pequeno escopo de exemplos dos comentários coletados vão se mostrando, faces da sociedade física brasileira que com a adesão e ao acesso, avançam para o mundo virtual e colaboram na manutenção de um discurso histórico-social de “nós versus eles”. Essa narrativa é reforçada pela desinformação e constantes disputas ideológicas, sendo as redes sociais na internet uma potência para a disseminação dessas narrativas.

Finalizando a análise nesse vídeo, vamos observar os comentários da categoria Crítico-negativo que são em menor quantidade. Eles evidenciam um tipo de comportamento comum, infelizmente, no ciberespaço o chamado *hating*, que é a agressão verbal direcionada aos usuários das redes sociais, especificamente aos criadores de conteúdo por usuários que não se sentem satisfeitos com o material produzido. Os comentários feitos nessa perspectiva foram os seguintes: “Que aula merda,você falou,falou e no final não falou nada,se for pra fazer isso é melhor não fazer nada,ninguém quer saber a origem do preconceito porque isso não cai em vestibular,se você quer falar sobre isso faça um canal de sociologia” e “Vai toma no cú seu frouxo”.

Podemos perceber que há um comportamento exacerbado dos usuários ao não encontrarem a informação que queriam ou a que achavam relevante, como no primeiro comentário onde o usuário desconsidera as informações presentes no vídeo. O segundo é uma agressão gratuita, não é uma interação entre usuários, não é uma discordância em relação ao conteúdo do vídeo, é uma ofensa sem sentido perceptível na análise das interações. Além disso apresenta o não se importar desses usuários com questões sociais relevantes e necessárias e que corrobora o viés de que esses conteúdos não colaboram em nada para além da aprovação no vestibular o que demonstra um nível de consciência histórica seletivo e alarmante.

No vídeo do canal Débora Aladim que aborda a temática da escravidão temos um total de 1443 comentários (até a data da coleta) obtivemos a seguinte representação gráfica:

Gráfico 2: Amostragem das porcentagens da análise do vídeo “A Escravidão no Brasil” – Canal Débora Aladim



Fonte: O Autor

Podemos perceber que o classificador “Apreciação” segue sendo a maioria dos comentários (34,7%) também no canal da Débora Aladim, porém podemos notar um significativo aumento (10,5%) da categoria “Revisiõnista-conservador” com relação ao vídeo do professor Walter. Isso pode estar atrelado devido ao maior número de comentários realizados no vídeo de Débora ou também devido a filtragem realizada pela equipe do canal Se liga, que conforme informado na entrevista concedida por Walter, possui pessoas trabalhando na leitura e exclusão de comentários que visam ofender e/ou manifestar discursos de ódio dentro dos vídeos do canal Se Liga.

Com relação ao conteúdo dos comentários da categoria “Apreciação” temos os seguintes exemplos: “Deixo aqui meu muitooooooooo obrigada, Débora! Amei demais cada aula e conhecer mais sobre a história do nosso Brasil. Que playlist incrível.”, “Débora Aladom sempre grato por postar,visando a nossa formação.”, “Que imagem, que explicação, que vídeo!!!!” (acesso e coleta dos comentários realizada em 22 de fevereiro de 2022), que carregam mensagens de agradecimento e de elogios a qualidade do material produzido pela idealizadora do canal e à proposta que os vídeos sobre a História do Brasil tiveram de aprofundar os debates acerca da história nacional e suas sensibilidades.

A categoria “Outros”, são aqueles que já explicamos anteriormente estão relacionados a emojis, minutagem de uma determinada parte do vídeo ou expressões (onomatopeias) que muitas vezes não expressam necessariamente sentido, mas que nesse vídeo ocuparam a 2ª posição em quantidade de comentários. Na terceira posição com relação a esse vídeo, temos a categoria “Revisionista-conservador” que como pontuamos teve um expressivo aumento de comentários, dentre os de maior destaque dessa classificação temos esses exemplos: “Data mais triste do Brasil: 15 de Novembro de 1889”, que faz alusão ao dia da Proclamação da República e que carrega um pesar pela transição da monarquia para o regime republicano. Esse olhar sobre a data em questão demonstra a visão que fora difundida em determinados grupos políticos e sociais de que o “grande” problema do Brasil e sua decorrente corrupção acabou sendo gerada pela transformação do país em república. Tal perspectiva é enviesada pelos constantes revisionismos realizados a cerca das figuras do período imperial (Dom Pedro II, Princesa Isabel) de que eles possuam planos governamentais que transformariam o Brasil numa potência e referência mundial economicamente e socialmente, muito difundida em grupos conservadores e com apreço pelo sistema monárquico.

Outro comentário que nos chamou atenção durante a classificação e análise nesse vídeo foi o seguinte: “Os preto tem que ser escravo” apresenta além do teor evidentemente racista, uma sensação de impunidade muito comum com relação as redes sociais, nas quais os usuários com visão racista, homofóbica, machista e de tantos outros preconceitos acabam por expor suas “opiniões” sem o filtro social que o contato cara a cara muitas vezes faz pensar antes de falar. Apesar da crença de impunidade o ambiente online tem sido cada vez mais rigoroso com crimes cometidos em redes sociais haja visto o caso Monark (SÓTER, 2022) e outros tantos, como os casos Adrilles Jorge (MACEDO;MOTTA, 2022) e dos neonazistas em Santa Catarina (SILVA;BATISTELA, 2022) que têm sido recentemente punidos, dentro das plataformas e também no sentido jurídico.

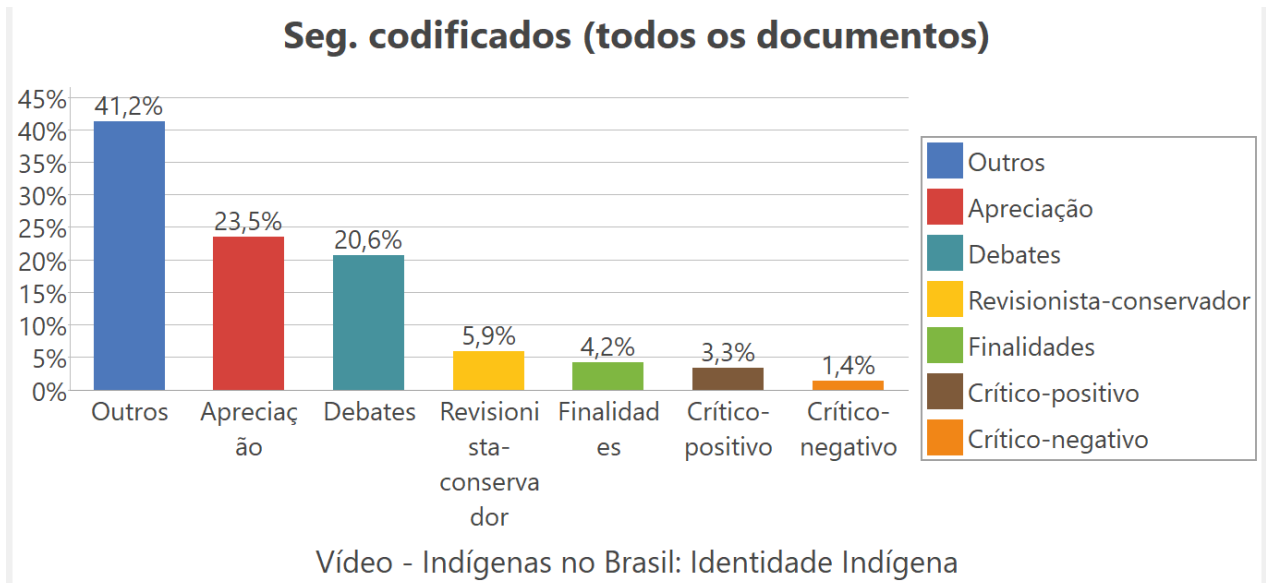
Selecionamos também dentre os comentários dessa categoria um que expressa algumas ideias que tem sido reforçadas pelas redes sociais e que retiram o peso da escravidão e da injustiça racial existente no Brasil e que não responsabiliza, digamos assim, o Estado brasileiro com relação a reparação histórica, pautando na meritocracia o conseguir ou não dos seus objetivos, vejamos o comentário: “desculpa, mas a aula é sobre preconceito ou escravidão ? sou negro mas nao acho que soffro por ser negro, sim existe preconceito, as coisas que consegui nao foi por ser negro e sim pq eu corri atras das coisas que conquistei, e nao pq sou negro”. Tal comentário evidencia a dificuldade em perceber as limitações impostas

socialmente as pessoas negras e corrobora a perspectiva de que para melhorar sua condição “é só querer e se esforçar”, tal pensamento é falacioso pois a disparidade de condições sociais e econômicas entre as pessoas brancas e negras na sociedade brasileira é comprovada.

Seguindo o tópico do racismo levantado na categoria Revisionismo-conservador, temos no classificador Debates muitos usuários se posicionando e trazendo seus pontos de vista sobre o tema. Tal comportamento é comum nas redes sociais e traz engajamento para o tema, o vídeo e para o produtor do conteúdo, movimentando a plataforma e trazendo novos elementos sobre o assunto abordado que muitas vezes não são aprofundados ou citados pelos professores, mas que são ventilados pelos próprios inscritos e que geram novas interações entre os usuários. Um exemplo que temos do vídeo selecionado é a resposta de um usuário a uma usuária que diz não entender/perceber as diferenças de tratamento entre negros e brancos “@usuária, racismo implica relações de poder e, infelizmente, os negros não tem poder na estrutura que vivemos. os brancos NUNCA vão ter seus direitos violados por conta de sua cor de pele justamente porque estão em uma situação de poder :)”.

Esse movimento que ocorre de troca de ideias é um dos pontos principais da chamada web 2.0 e que foi um diferencial das redes sociais, a interação não apenas de usuário para produtor, mas entre usuários. Em uma esfera de inúmeros comentários com o *Youtube* e levando em conta o número de inscritos do canal, dificilmente o produtor de conteúdo conseguiria explicar e responder um por um dos comentários e já que a estrutura das redes atuais permite tal interação, os próprios usuários estabelecem relações de concordância, discordância, esclarecimentos e posicionamentos pessoais sobre os assuntos dos vídeos. Esse movimento estabelece a relação de maneira horizontal, já que a ferramenta utilizada é a mesma para todos que ali estão, o campo de comentários, gera-se o debate em condições de igualdade entre os inscritos daquele canal, podendo haver pontos de convergência e divergência em suas exposições; obviamente a mediação e a profundidade do debate promovido terá relação com a formação de cada usuário, mas se houver interações de maneira respeitosa e embasada, os debates promovidos através do campo de comentários da plataforma tende a se tornar um espaço educativo profícuo para os usuários envolvidos direta e indiretamente.

Gráfico 3: Amostragem das porcentagens da análise do vídeo “Indígenas no Brasil: Identidade Indígena” – Canal Se Liga



Fonte: o Autor

O primeiro vídeo selecionado que aborda a temática dos povos originários e que é de produção do canal Se Liga, trás em seu gráfico analítico a predominância dos comentários da categoria “Outros”. É bom lembrar que tal categoria é aquela em que os inscritos expressam suas opiniões através do uso de emojis, colocando palavras soltas ou ainda a minutagem de um determinado trecho do vídeo que lhe chamou atenção.

Aqui temos alguns exemplos dessa categoria retirados desse vídeo em questão: “buguei”, “2021”, “._.”, “#00:00” é importante frisar que para essa pesquisa em questão não nos debruçamos em fazer uma análise aprofundada nesse tipo de comentário, já que o conteúdo em si pode ser interpretado de maneira errônea e que foge das reais intenções do inscrito ao manifestar sua opinião dessa forma.

Conforme o gráfico indica que a segunda categoria com mais interações foi a de Apreciação com 136 comentários. Essa classificação tem diversas manifestações de carinho, agradecimento, apreço pelo trabalho realizado pelo canal nesse vídeo. O vídeo que tem como intuito principal abordar a questão da identidade indígena e também desmistificar a ideia das pessoas indígenas do período colonial brasileiro.

Temos então a manifestação de pessoas que se consideram indígenas e que expuseram nessa categoria seu agradecimento ao professor Walter em forma de comentário, vejamos: “Sou índio por parte de mãe gostei da aula”, “Sou india tkuna. Gostei muito a seu video”, “Obrigada pela aula maravilhoso sou indígena de sangue”, “uma india Xokleng passando por aqui, para parabenizar o canal...”, “Sou india e nunca escondi minha

indentidade. Brasil é lindo BRBRBR obrigado garoto muito bacana seu vídeo 🙌” (acesso e coleta dos comentários realizada em 22 de fevereiro de 2022).

Esse tipo de comentário é significativo por exemplificar o que o vídeo aponta como significado de identidade, as pessoas se reconhecem nos valores e culturas que participam e entendem suas raízes. Ao manifestar isso através de suas interações na rede social, ocupam o espaço e estabelecem novas ligações e relações com as demais pessoas que estão ali e que foram atraídos para aquele vídeo, sobre aquela temática específica e isso reafirma a importância desse espaço de comentários e de estabelecimento de vínculos entre seus diferentes usuários.

Na terceira posição temos a categoria Debates que representa 20,6% dos comentários do vídeo em questão (119 comentários). Nos debates que foram gerados sobre o tema da identidade indígena temos a predominância o elemento que fica em evidência é a questão do indígena “puro”. O que coloca de lado a reflexão feita pelo professor Walter no seu vídeo, que tem por intenção desconstruir essa ideia de pureza das raças. Alguns exemplos desse tipo de manifestação se dão nos seguintes comentários: “sou indígena legítimo”, “todos somos índios puros sem restrição.”, “eu também sou um pouco indígena caingangue eu acho”, “tenho descendência pelo meu bisavô, mas tbm queria ser indígena pura”.

Essas interações evidenciam aspectos interessantes de autorreconhecimento das pessoas que interagiram com esse conteúdo, tentando ligar as informações que estão no vídeo a sua própria história através de parentesco, encontrar pontos de contato e se sentir pertencente ao debate e aquele grupo em questão. O comentário “todos somos índios puros sem restrição” pode ser entendido por perspectivas divergentes, uma na lógica de que através da miscigenação de povos em algum ponto todos os brasileiros tem esse vínculo ou numa perspectiva de que somos todos “índios” então não precisamos de cuidados ou medidas diferentes.

Esse exemplo de posicionamento, pode ser compreendido e usado por diferentes ideologias, então muitas vezes em que se expõe a opinião em redes sociais, por mais que não seja a intenção de quem o escreve, mas sim da interpretação que é feita, pode-se acabar reforçando ideais que não seja o verdadeiro interesse do usuário/inscrito.

Indo para a quarta posição do tipo de comentário do vídeo em questão temos a Revisionista-Conservador, que nesse vídeo em questão trouxe muitos debates sobre aspectos de autodeclaração (como me reconheço dentre os grupos sociais) e que acabou esbarrando em um assunto muito debatido que são as cotas.

Foram 34 comentários dessa categoria e dentre eles se destacaram os seguintes: “se eu quiser ser negro eu sou então”, “eu decidi que sou norueguês. Será que meu barraco vai mudar?”, “seguindo essa lógica qualquer ariano pode se declarar negro e se inscrever em uma universidade pública se beneficiando das cotas”. Esse tipo de manifestação acaba por provar um desconhecimento tanto do conceito de identidade quanto do funcionamento do sistema de cotas raciais no Brasil.

Para além da autodeclaração há diversos outros elementos que precisam ser comprovados para se ter acesso às universidades e concursos pelo sistema de cota racial e imaginar usar de um direito que visa incluir grupos sociais que foram e são marginalizados constantemente pelas políticas públicas brasileiras.

Banalizar ou pensar em utilizar o conceito de identidade de maneira a burlar um sistema que visa o benefício de pessoas historicamente excluídas demonstra muito da visão limitada e racista que grupos elitizados da sociedade brasileira tem com relação às pessoas periféricas e que o têm demonstrado de maneira a não entender como preconceito e crime é estarrecedor e preocupante.

Dentre os comentários classificados como Finalidades, a maioria deles foi do uso do conteúdo postado para estudar para provas escolares (15), alguns poucos para o ENEM (5), reconhecimento e afirmação de identidade (3) e recurso pedagógico (1). O comentário que indica o uso do vídeo como recurso pedagógico, exhibe um lado interessante das novas relações que o professor/professora têm com seus alunos consumidores ávidos de redes sociais, em especial de vídeos.

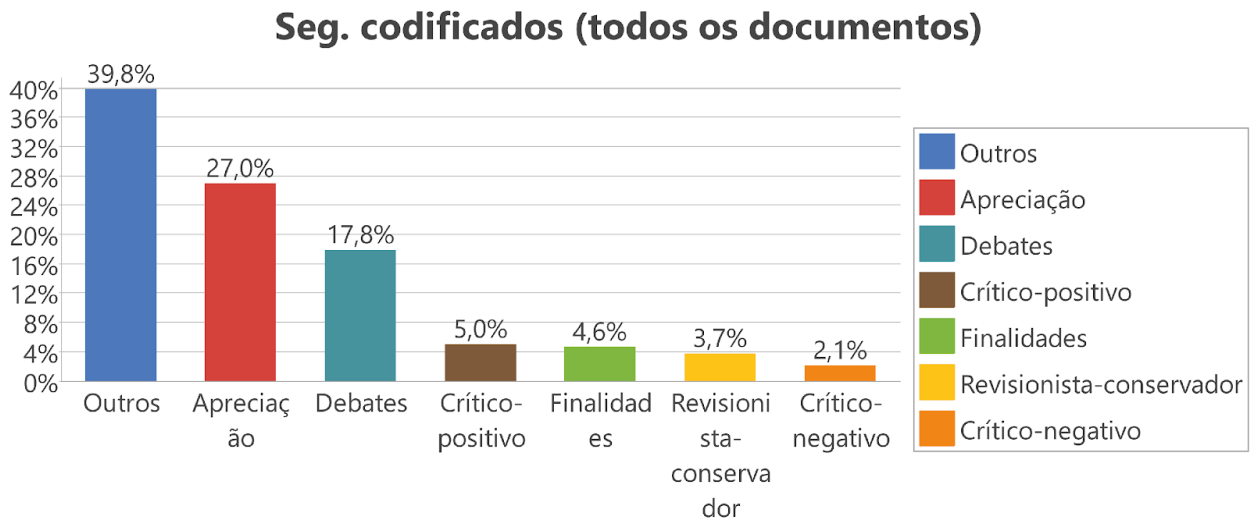
É uma maneira interessante de buscar no recurso audiovisual elementos que possam colaborar, reforçar o entendimento sobre algum conteúdo escolar, porém é preciso compreender que o vídeo chega a um determinado ponto do assunto e que apenas apresentá-lo e não o debater em sala de aula pode gerar mais confusão do que entendimento do assunto. O recurso audiovisual, musical, material é muito bem vindo e benéfico desde que se entenda suas finalidades e que não seja apenas usado como “tapa-buraco”.

Na penúltima categoria (Crítico-positivo) temos um total de 19 comentários. Em sua maioria solicitando vídeos novos sobre assuntos de interesse particular (Iluminismo, Renascimento, Feudalismo, Independência dos EUA, entre outros) esses somam 9 comentários. Os demais se dividem em interações que enaltecem o vídeo e pedem referenciais para estudo (5), elogiando o vídeo, mas criticando alguns aspectos (falta de personagens, características do canal) (3), agradecendo o conteúdo, mas criticando falta de profundidade

nas questões biológicas/fenótipo em relação à identidade (1) e enaltecendo a aula, mas questionando o uso da palavra índio ao invés de indígena em alguns trechos do vídeo).

E por fim a categoria Crítico-Negativo que reuniu 8 comentários e que são interações que não agregam em debates e nem em críticas construtivas ao canal, apenas expressam insatisfações com o tema e produção do vídeo. Vejamos: “nada a ver”, “Quanta merda”, “Odiei era aula”, “Que aula chata”, “Tava travando seu vídeo”, “eu não gosto de história eu assisto vídeo a força”, “ODEIO ESSA PORRA, AINDA APARECE PRA ASSISTIR OBRIGATORIAMENTE POR CAUSA DA ESCOLA PQP”, “Esquece de biologia, a biologia só vai complicar sua vida” Cheguei aqui tentando esclarecer uma dúvida de história e acabei me deparando com uma das frases mais idiotas que eu já ouvi na minha vida. Lamentável ouvir isso de um cara que se diz professor.”.

Gráfico 4: Amostragem das porcentagens da análise do vídeo “Índigenas no Brasil: Genocídio Indígena” – Canal Se Liga



Vídeo - Índigenas no Brasil: Genocídio Indígena

Fonte: o autor

No segundo vídeo selecionado do Canal Se Liga que aborda sobre os povos indígenas temos o gráfico 4. Ele aborda a questão do genocídio indígena e quais foram as causas mais prováveis das mortes indígenas no período da colonização, mas também aponta elementos sobre a situação atual desses povos.

Conforme indica o gráfico, a predominância (96) de comentários deste vídeo foram da categoria Outros, que podem ser exemplificados pelas interações a seguir: “Concordo”, “Nossa”, “❤️❤️”, “Um suco de laranja bem preparado”, “04:00” (Acesso e coleta de comentários realizada em 22 de fevereiro de 2022).

A segunda categoria com mais interações (65 comentários) fora a de apreciação e que podem ser exemplificados nas seguintes opiniões: “Você é demais”, “MELHOR CANAL!! 😊❤️❤️”, “Uau! Eu nunca tinha visto por essa ótica!”, “Que trabalho incrível. Queria curtir mil vezes!”, “Incrível como, no vídeo, é notável o seu respeito pelos povos indígenas. Adoro suas aulas. 🙏”. É interessante notar que os exemplos selecionados fazem elogios tanto ao canal, quanto ao professor e também a forma de abordar a temática.

As perspectivas que os usuários/inscritos trazem sobre o trabalho realizado na produção do vídeo é motivadora para a continuidade do projeto. Além disso é significativa com relação à temática abordada, causando identificação entre produtor e público-alvo, movimentando os pilares interacionais da rede social: produção, consumo, aprovação e continuidade.

A terceira categoria com maior número de comentários conta com 43 interações na classificação de Debates. As discussões promovidas pelos usuários/inscritos circularam em sua maioria sobre a temática dos povos nativos serem ou não povos pacíficos e como isso impactou nas relações entre os povos indígenas e conseqüentemente no estabelecimento do contato com os colonizadores europeus, que motivou e escolheu lados nos conflitos entre os diferentes povos indígenas.

Os comentários selecionados exemplificam isso: “Não viviam em paz não . Eles guerreavam entre si”, “Não viviam em paz não. Vá ver o que os Incas e os Astecas faziam com civilizações menores.”, “Cara pesquise antropologia, era praticamente uma guerra civil todos os dias apenas no grupo tupi, agora imagine outras étnicas”, “Eles tretavam pra caralho. Não era paz e amor não, rapaz.”. Tais interações apontam compreensões da história e visam fazer “correções” no tratamento da informação que o professor Walter aponta.

A postura de questionar e debater o assunto, não tomando todas as informações do vídeo como verdade é necessária para um aprimoramento no cuidado da produção de conteúdo por parte dos canais. Isso evita que as informações colocadas no vídeo reforcem estereótipos e que afirmem continuamente uma narrativa esvaziada de conflitos e que não problematiza, no caso, as relações pré-colonização.

A quarta categoria com mais comentários foi a Crítico-positivo que contou com 12 comentários, em sua maioria pedindo mais vídeos sobre diferentes temas “Fala sobre o etnocídio por favor 🙏”, “se você poder contar a história do dinheiro no Brasil, eu agradeço desde já.”, “Fala sobre a invisibilidade do índio atualmente por favor .. Amo Sua aulas bjs .”, “Professor, faz um vídeo aula sobre reservas indígenas. Sobre ameaças às terras indígenas, o que fazer para isso tudo acabar. E sobre a valorização indígena.”, “Walter ,faz videos sobre o a

religião muçulmana, estado islâmico, (xiitas e sunitas), Irã, Síria... Talibã, Malala ..todo o conteúdo do que ta acontecendo no oriente!! Obg”.

Na categoria Finalidades (11 comentários) não houve predominância de uma utilização do vídeo em si e sim um foco em provas escolares e vestibulares/ENEM. Os usuários/inscritos descrevem suas preocupações e agradecimentos pelo vídeo como preparação a longo prazo e estudo de última hora, como pode-se perceber nas interações a seguir: “Eu adoro suas aulas. Além de passar o conteúdo de uma forma dinâmica, vc coloca a gente para pensar, o que é muito importante. Estou me preparando para os vestibulares com suas aulas. Muito obrigada :)” e “Valeu cara ótima explicação amanhã eu tiro 10 na prova de história.”.

Além do uso como material de apoio para estudos de maneira geral, temos um exemplo do impacto da pandemia na forma de se trabalhar a disciplina de História, que demonstra como esses vídeos também foram utilizados como recurso por parte dos professores para complementar as suas aulas no período conturbado da adaptação para o ensino remoto durante o isolamento social: “Quem ta aqui para fazer atividade curte”.

A penúltima categoria com mais interações desse vídeo foi a Revisionista-Conservador que contou com 9 comentários, importante lembrar que no Canal Se Liga há uma equipe responsável (conforme informado por Walter Solla na entrevista) por filtrar as mensagens enviadas pelos inscritos/usuários, em especial as que visam manifestar preconceitos e ofensas.

Dentro dessa lógica a queda no número desse tipo de comentário pode ser compreendida como uma medida de segurança para o próprio canal, evitando a circulação de desinformação, mas além dessa medida localizada é necessário refletir que tais manifestações são entendidas como crimes e que na realidade o caminho mais apropriado é a denúncia e o encaminhamento das mensagens com teor preconceituoso para análise e consequente punição dentro das leis.

Para termos uma noção do tipo de comentário feito vamos observar o exemplo, retirado do campo de interação entre usuários/inscritos: “Foda-se a cultura indígena, se quer essa porra, vai atrás você caralho, quem quer uma cultura ultrapassada de merda como essa? Então vai lá e fica no meio da porra de uma tribo e se "identifique" como essa merda.” Podemos notar que não é um comentário criticando a qualidade do vídeo, as informações ou a forma como o professor se posiciona no vídeo, é claramente um comentário preconceituoso e que carrega a desvalorização da cultura indígena.

Essa perspectiva de que a cultura indígena é inferior se pauta na justificativa do mito civilizatório²² do homem branco, europeu e cristão, que veio para salvar a vida dos nativos. Pensamento que se mantém e reforça o não cuidado com a cultura e com o direito aos espaços dos povos originários do Brasil e que através de medidas governamentais nos últimos 4 anos justificaram e permitiram a retomada da invasão de terras indígenas e a morte de seus membros.

Há outro comentário que chama a atenção por carregar esse viés de valorização da cultura europeia em detrimento da indígena. Há um reforço de que valeria o sacrifício (do outro) para que a “evolução” do Brasil ocorresse, crendo que esse seria o único caminho possível: “não a glória sem sacrifícios bb”. É clara a alusão sobre o que seria a glória (civilidade branca, europeia) e o que deveria ser sacrificado (os povos nativos), expõem-se dessa forma que os povos nativos eram empecilhos para a formação do Brasil e de seu crescimento.

Em outro comentário há o questionamento do saber e do trabalho de pesquisa elaborado para a produção do vídeo e que coloca em xeque o conhecimento do professor e das informações passadas no conteúdo, vejamos: “Kkk, isto é uma piada, o que este senhor estudou na universidade.”. É interessante observar que há uma recorrente crítica ao sistema de ensino nos vídeos, o que vai de encontro com o discurso disseminado de que as universidades são doutrinadoras e que “convertem” seus alunos a perpetuarem o discurso da “esquerda”.

Os recorrentes questionamentos que são feitos ao conhecimento produzido nas universidades e aos pesquisadores é uma constante na área das ciências humanas, porém tem se direcionado e extremado também para as outras áreas de formação, vide o questionamento das vacinas para CoVid-19 e que foram reforçados pelo governo Bolsonaro. Ignoram a pesquisa científica e desqualificam os pesquisadores para fazer valer o seu pensamento e por crer que as universidades são de um posicionamento político diferente, sendo que as academias são espaços diversos e democráticos e que não visam atender um ou outro governo e ideologia, mas sim produzir soluções e reflexões para a sociedade como um todo.

A categoria com menos comentários desse vídeo foi a Crítico-Negativo. Nela tivemos 5 comentários que questionam as informações passadas no vídeo e que trazem dados para o debate, sem fazer uma interpretação das falas do professor e trazendo dados de pesquisas que necessitam de contextualização para serem entendidos.

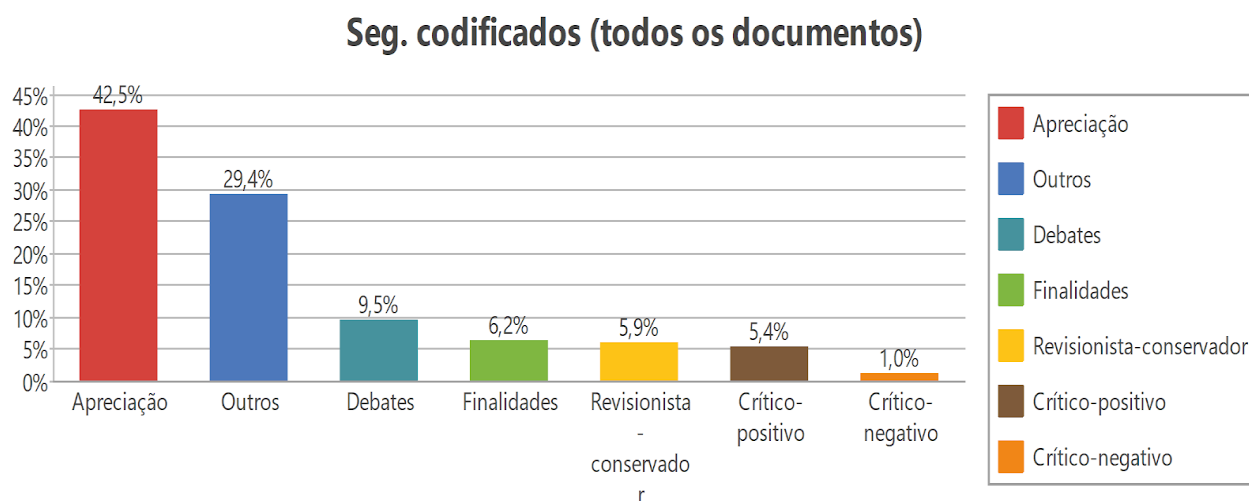
²² Concepção que atribui aos europeus a primazia no aspecto do desenvolvimento da sociedade e que lhes era natural a civilidade, os bons costumes e consequentemente a dominação de outros povos para levar aos mesmos as “benfeitorias da civilização”.

Vamos tomar por exemplo dessa categoria o seguinte comentário: “Não é muito confiável não esse cara , a história daquela época é incerta . Hoje existe muito mais de 8 milhões de decentes de índios principalmente no Ceará, Pernambuco é no Norte, se o europeu matou todos como que segundo IBGE: 60% da população do Ceará tem descendência indígena , como pode se todos foram exterminados ?”. Fica claro que há alguma incompreensão da fala do professor ou um levar ao “pé da letra” o que foi dito, pois atualmente existem 490 terras indígenas homologadas pelo governo brasileiro, conforme informado pelo sítio terrasindigenas.org.br (acessado no dia 15 de janeiro de 2023). Entende-se que para ter terra indígena são necessários povos indígenas para ocupá-la e fazer uso da mesma.

A frase “todos os indígenas” provavelmente fora usada com exagero pelo professor Walter para se referir ao grande número de indígenas que foram mortos no processo de colonização portuguesa e nesse sentido é importante retomar alguns pontos com relação a produção de vídeos com fim educativo no *Youtube*. Colocar palavras como “todos”, “nunca” ou “sempre” podem causar a compreensão errônea e/ou confusa sobre determinado tema. Sem contar que os discursos totalizantes acabam por serem alvos de alguma exceção e por se tratar de um conteúdo divulgado amplamente na internet, muito provavelmente encontrará alguém para questionar baseado no caso diferente.

Outros cuidados necessários, principalmente no campo histórico, são as explicações de conceitos ou comparativos feitos que podem deixar tanto o conceito dúbio quanto fazer anacronismos. Obviamente que o interesse dos conteúdos produzidos são educar através do entretenimento, porém a banalização de conceitos históricos e comparações equivocadas tendem a esvaziar a pesquisa histórica e abrir margens para distorções. Essas distorções por sua vez podem ser portas de entrada para discursos revisionistas, negacionistas e falsos, que conforme vimos durante o trabalho e exemplificamos tendem a se espalhar com muita mais facilidade nas redes sociais.

Gráfico 5: Amostragem das porcentagens da análise do vídeo “Indígenas no Brasil: Sexo, Drogas e Antropofagia” – Canal Se Liga



Vídeo - Indígenas no Brasil: Sexo, Drogas e Antropofagia

Fonte: o Autor

Nessa última análise dos vídeos com enfoque na temática indígena, temos o gráfico que analisa os comentários do último vídeo selecionado do Canal Se Liga. Foram selecionados 3 vídeos diferentes que fazem parte de um “minicurso” sobre o tema e que abordam diferentes aspectos culturais e de organização social dos povos nativos.

Temos nesse vídeo a predominância de comentários da categoria Apreciação, totalizando 42,5% (165 comentários) e que seguem a linha de exaltação ao conteúdo abordado, didática do professor e elogios ao canal, exemplos: “Seus videos são excelentes , parabéns por esse ótimo trabalho .”, “Quereria eu, que meus professores tivessem essa didática...”, “o canal está crescendo cada vez mais graças a você !!! *” (acesso e coleta dos comentários realizada em 22 de fevereiro de 2022).

Os comentários dessa categoria na maioria dos vídeos, segue esse padrão de ideias, porém vale ressaltar que temos também diversos comentários como o segundo desse exemplo, que faz o comparativo entre os diferentes profissionais da educação. Essa comparação entre o professor do vídeo e o professor da sala de aula é retomada em diversos comentários e que faz pensar sobre a atuação dentro de sala de aula e que tipo de professor os alunos e alunas desejam.

Porém é fundamental analisar e entender os diferentes contextos e situações de cada um desses professores e professoras. Compreender que no ambiente educacional das escolas há diversos outros alunos juntos, cada um com seu contexto humano e estudantil, as limitações de recursos dentro das escolas e as diferentes personalidades dos professores. O

número de alunos dentro de sala é outro aspecto importante a ser levado em conta, dar atenção a 40/45 alunos de diferentes faixas etárias e com níveis diferentes de interesse pela história enquanto disciplina escolar, também é uma situação de diferente comparação entre essas duas esferas de ensino. Temos com relação ao vídeo, pessoas que vão em busca desse conhecimento, diferente da escola em que o aluno tem por obrigação cumprir aquele conteúdo, assim como o professor. Todas essas diferenças de realidade impactam no relacionamento aluno-conhecimento-professor e faz com que muitas vezes o conteúdo não seja abordado da maneira ideal, com a profundidade necessária e acabe sendo distanciado do entendimento e da vivência dos alunos, não promovendo o entendimento da importância desses assuntos, não só na formação estudantil, mas na humana como um todo.

Na segunda colocação de comentários desse vídeo temos a categoria: Outros. Que trazem interações como essas “2021”, “09:02 Hahahaha!”, “🥰🥰🥰🥰🥰”, “#SeLigaNessaHistória50k” entre outras que seguem esse padrão. Que não expressam ideias claras sobre o conteúdo do vídeo e, portanto, não conseguimos classificar de outra forma.

A categoria de Debates aparece como terceira colocada com total de 37 comentários. Dentre os comentários de maior destaque estão os de discussões no sentido cultural dos povos nativos e de tentativa de explicação de seus comportamentos entre os próprios usuários/inscritos, como por exemplo: “Só lembrando que a antropofagia indígena era um ritual de guerra, não se comia aleatoriamente carne humana e de qualquer humano. Eram comidos os guerreiros que perdiam a guerra, e era um orgulho ter um fim assim, pois acreditavam que comendo a carne de um guerreiro, estariam recebendo a força deste. A divisão do corpo humano no ritual era hierárquica, as mulheres mais velhas comiam os braços e tronco, por exemplo.”

O comentário visa jogar luz sobre esse aspecto cultural tão debatido e usado muitas vezes como justificativa para a violência aplicada pelos colonizadores com relação aos povos nativos. Vale ressaltar que o ato antropofágico não era um costume comum de todas tribos indígenas, mas que foi usado para caracterizar os povos indígenas pelo continente europeu, com destaque para a figura de Hans Staden que através de seus escritos que circularam pela Europa relatando suas experiências no Brasil recém descoberto, fortaleceram a imagem dos “selvagens, nus e cruéis comedores de seres humanos”.

Outra interação de destaque nessa categoria foi a seguinte “O que vcs acham do PL 490?”. Esse comentário refere-se ao Projeto de Lei 490 do ano de 2007 que visa mudar as regras de demarcação das terras indígenas, atrelando o direito à terra ao seu uso para produção. Chama a atenção a pergunta, pois se trata de um debate que tem estado em voga

rotineiramente quando se trata dos direitos dos povos indígenas com relação ao seu vínculo e uso da terra.

Debate-se o uso, os tamanhos das TIs e o principal argumento para questionar o direito à terra vem do preconceito impregnado à cultura indígena, que se manifesta na diferença do pensar e do interagir com a natureza e do modo de vida dos indígenas, tal conflito é marcado pelo constante enfrentamento entre os grandes agricultores e pecuaristas além dos grupos de garimpeiros que invadem terras indígenas e perpetuam comportamentos do período colonial.

Na categoria Finalidades que obteve 24 interações, boa parte está direcionada para fins de estudo e como material de apoio de professores e professoras para complementar suas aulas a ser utilizado com recurso no contexto da pandemia de CoVid-19. No primeiro caso podemos destacar o seguinte comentário: “adoro suas aulas ;) esta me ajudando muito a estudar em casa tanks pelo seu trabalho ^3” e no outro esse exemplo: “Seus vídeos são ótimos..uso para complementar minhas aulas de História a criançada fica loka contigo e aprendem...PARABÉNS !!!”.

O cenário pandêmico fez com que professores e professoras, muitas vezes avessos ao uso de tecnologia e seus recursos, tivessem que se adaptar e devido também às dificuldades técnicas da ministração de aulas online, por ter poucos alunos de forma síncrona e outras situações, utilizassem o conteúdo do *Youtube* para complementar as informações e como fontes de pesquisa para atividades escolares.

Outro aspecto que fica explicitado no 2º comentário citado, é a relação que os alunos e alunas estabelecem com as informações do vídeo. Aparentemente, as crianças se engajam mais ao assistir o conteúdo no *Youtube* e compreendem melhor. Já debatemos aqui no trabalho que o formato com inserções, com informações mais diretas e apresentadas de maneira dinâmica tendem a ser mais atrativo. Tendo isso em vista, como podemos enquanto professores e professoras de sala de aula, absorver essas técnicas para nossas aulas? É um debate profundo, mas necessário de se fazer e de reinventar o modo de ser professor, para que usemos os conteúdos e as redes sociais como ferramentas potencializadoras de nossas aulas e atividades docentes.

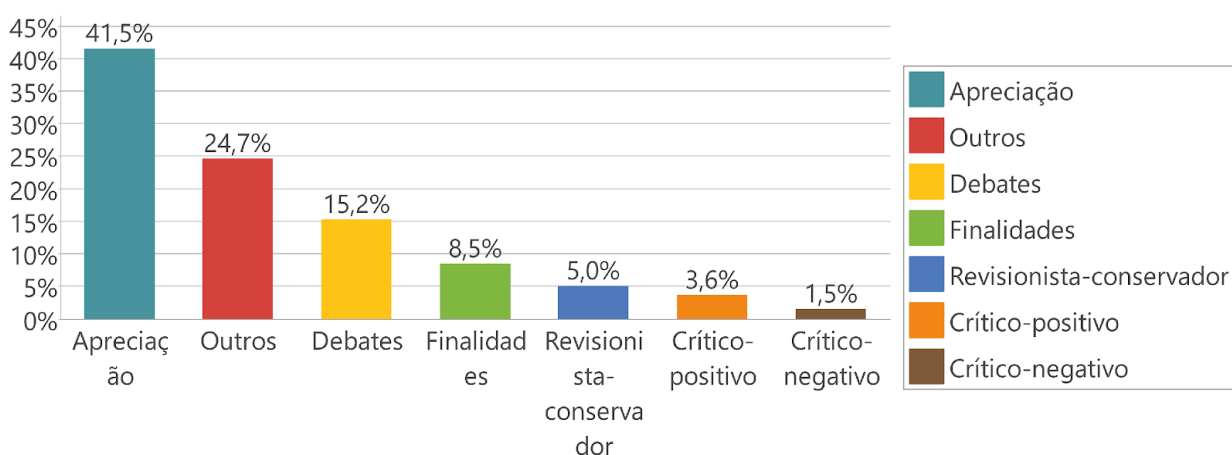
Fora esse uso para fins escolares, temos nesse vídeo comentários de usuários/inscritos que já utilizaram do conteúdo postado no canal para estudar e que agora o consomem para entretenimento e como adição de novos conhecimentos, mesmo sendo de outras áreas. Podemos exemplificar essa subcategoria na seguinte interação: “Faço engenharia

Essa exposição de ideias com relação a CoVid-19 fora reforçada pelos discursos midiáticos e que levantam uma série de questionamentos à cultura oriental, ajudando a perpetuar estereótipos e a disseminar ideias sobre um país culturalmente e politicamente mais fechado e desconhecido para a maioria das pessoas. Isso resulta em comportamentos e ideias que tem por base o achismo, o “me contaram” ou “recebi no zap” sem uma maior compreensão do assunto, atrelando nossos valores culturais/sociais como superiores em detrimento aos valores e perspectiva cultural chinesa.

As demais categorias totalizam 25 comentários, sendo 21 de crítico-positivo e 4 de crítico-negativo. Delas tomamos como exemplo os respectivos comentários: “gostei muito como conta a história, poderia dar continuidade na história dos índios... ex: comunidades, tipos de moradia, modo de viver... etc”, o que demonstra o interesse do usuário/inscrito em questão pela continuidade e aprofundamento da temática indígena; “Isso é uma aula de humor hahaha, o índio era muito civilizado comia á mesa lavava os dentes antes de dormir, conseguiu esse diploma na feira hahaha”, nesse comentário além da desaprovação com relação a qualidade de formação do professor Walter, o usuário continua a fazer comparações entre as diferenças culturais existentes entre indígenas e europeus, fazendo um juízo de valor sobre tais comportamentos.

Gráfico 6: Amostragem das porcentagens da análise do vídeo “O ‘Descobrimento’ do Brasil” – Canal Débora Aladim

Seg. codificados (todos os documentos)



Vídeo - O "Descobrimento" do Brasil

Fonte: o Autor

No vídeo selecionado do canal Débora Aladim sobre a temática indígena, tivemos como resultado o gráfico acima (gráfico 6). Nele temos a predominância de comentários apreciativos, na sequência a categoria Outros, Debates, Finalidades, Revisionista-conservador, crítico-positivo e por último crítico-negativo, vamos às análises de cada categoria e seus exemplos de interação.

Na categoria com o maior número de interações (Apreciação) temos 1203 comentários que vão desde o enaltecimento do projeto de visitar lugares pelo Brasil que representam pontos históricos importantes da História brasileira até sugestão para que Débora seja ministra da educação. Vejamos alguns exemplos dessa categoria: “Projeto incrível”, “Que projeto incrível ♥”, “Que projeto lindo!!!!”, “Que projeto lindo,Débora! Disponibilizá-lo gratuitamente no Youtube é um presente pra educação desse país! Obrigada!” (acesso e coleta de comentários realizada em 22 de fevereiro de 2022).

Tal padrão de comentários demonstra o entendimento por parte dos usuários/inscritos pela proposta do projeto e da compreensão do quanto essa dinâmica de produção. O deslocamento, as condições nos lugares, o investimento de trabalho e pesquisa e que precisa de suporte, seja da plataforma (*Youtube*), seja das pessoas que fomentam o engajamento necessário para continuidade do projeto.

Através das interações (curtidas, comentários, compartilhamentos) é que se demonstra para o *Youtube* a importância de determinado conteúdo. Quanto mais positivo for o engajamento, mais visibilidade e consequentemente mais pessoas são atraídas para a rede social e para seu uso de maneira contínua.

Seguindo nessa categoria, mas agora com os comentários que sugerem para que a professora Débora seja ministra da educação temos as seguintes interações: “Essa sim, poderia ser ministra da educação!!!!!!!!” e “A Débora faz mais pela educação do país do que o próprio ministro da educação.”. São comentários com certo tom de exagero, mas que fazem refletir sobre a forma que as pessoas percebem que a educação é tratada historicamente no Brasil.

Tem-se a constante afirmação de que investir na educação pública é um “gasto” para o governo e que as universidades são “antros de promiscuidade”. Esse debate sobre o quanto se investe e o quanto deveria se investir na educação - em todos os seus níveis - é um tema delicado e complexo, porém tivemos exemplos durante o período pandêmico de estudos e produção de recursos que as universidades fizeram, colaborando tanto na pesquisa para produção de vacinas quanto na fabricação de equipamentos utilizados nos hospitais, testes para CoVid-19, entre outros recursos.

E é bom salientar que tal engenhosidade das comunidades científicas brasileiras foi realizada com constantes ataques e cortes de verbas para as pesquisas e recursos científicos e também diretamente no Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro, referência mundial em saúde pública até pouco tempo atrás e que sofreu desmontes regulares nos últimos 6 anos²³.

A segunda categoria com maior número de interações desse vídeo foi a Outros. Contando com um total de 715 comentários o padrão desse classificador se repete no padrão já conhecido na análise realizada nos demais vídeos, são comentários que não estimulam/geram respostas ou debates e nem expressam ideias claras se são críticos, apreciadores ou qualquer das outras categorias desenvolvidas para essa pesquisa. Portanto, apesar do grande número de interações desse classificador a análise de conteúdo teria que rumar para outros campos para compreender e atribuir um significado mais profundo nesse padrão de interações.

Na terceira posição temos as interações da categoria Debates que com 440 comentários se caracterizou, nesse vídeo especificamente, por diversos embates sobre a perspectiva da colonização e que com pontos de vista bem opostos.

Tais perspectivas trouxeram um embate com relação às formações históricas dos envolvidos; explico: tivemos discussões entre usuários/inscritos brasileiros e portugueses e suas óticas são no mínimo diferentes em se tratando do processo de colonização. A lógica dos lusos se pauta - de maneira resumida – de que trouxeram a civilização e a evolução para o Brasil e que foram responsáveis pelo desenvolvimento dos povos nativos com suas noções de trabalho e urbanização. Na outra ponta desse cabo de guerra, estão os brasileiros que atribuem aos portugueses colonizadores uma ótica vilanesca e desalmada, que trouxe aos nativos tudo de pior: doenças, destruição da cultura e da natureza.

Vejamos alguns exemplos dos embates travados entre brasileiros e portugueses nos comentários: “Portugal PT criador do Brasil” e a resposta a essa afirmação “Amigo? Portugal não Criou nada!”. Nesse pequeno exemplo podemos ver um sentimento de rivalidade entre as partes e que há de um lado e do outro, perspectivas alicerçadas em suas formações históricas em que temos o colonizador que “trouxe à luz para um novo mundo que vivia na ignorância”; na outra extremidade da relação estão os colonizados que “habitam o paraíso e vivam em paz e tranquilidade”.

Porém ambos os posicionamentos são extremos que diante de uma análise aprofundada não se sustentam, as relações históricas nos processos de colonização não são tão

²³ Principalmente através da Emenda Constitucional 96 de 2016 que realizou o congelamento dos investimentos em Saúde e Educação por 20 anos.

“preto no branco”. Na verdade, são grandes zonas cinzas onde cada tipo de relação deveria, em tese, ser analisada e compreendida dentro de suas particularidades. Por motivos óbvios (complexidade das relações e sua distância temporal) uma generalização é mais bem vinda e compreendida pela maioria das pessoas, isso cria então a dualidade e a rivalidade entre os dois agentes principais da história a ser contada, uma lógica de “herói e vilão”.

Dentro dessa lógica quem é “herói” e quem é “vilão” varia de onde estamos olhando, o embate que se construiu com relação ao descobrimento, achamento, invasão do Brasil também está presente nos termos utilizados no vídeo e nos comentários, já que vemos as diferentes percepções do que aconteceu em 1500 manifestadas desde o título do vídeo até o debate entre os usuários/inscritos.

Ao usar a palavra descobrimento entre aspas no título, a professora Débora já imputa o sentido que quer dar ao vídeo, que é na direção de que os portugueses já sabiam previamente sobre a existência de terras para leste do atlântico e, portanto, não fora algo descoberto por acaso. Já o entendimento de achamento, faz sentido numa lógica de que já haviam sociedades estruturadas, a sua maneira, no território que foi achado pelos portugueses e por isso, para eles fora uma novidade, mas para quem já habitava a região era conhecida e “mapeada”, além que a palavra achamento tem uma perspectiva decolonial que tem por objetivo uma revisão histórica, levando em conta olhares periféricos e não eurocêntricos.

Nesse embate etimológico ainda temos a palavra invasão, que muitos usuários/inscritos atribuem ao comportamento português no período colonial como pode ser exemplificado nesse comentário “Nós, indígenas costumamos falar INVASÃO em vez de descobrimento. Como mulher indígena, fico feliz de ver você desconstruindo esses estereótipos que são perpetuados até hoje na sociedade.”. O entendimento que se faz ao usar tal palavra nesse comentário é de que as ações portuguesas ao chegar ao novo território objetivavam a total dominação e conquista dos povos nativos, subjugando-os pela força física e cultural.

Em conjunto com as discussões em torno de qual seria a palavra correta para definir a chegada dos portugueses ao Brasil, começaram os debates sobre de onde cada uma das perspectivas parte para formar suas opiniões. Um usuário questiona o outro sobre suas fontes e esse movimento parte tanto do lado português quanto do lado brasileiro. Podemos confirmar esse enfrentamento com os exemplos a seguir: “@usuáriobr enviei-me essa fonte sobre aquilo que afirma sobre Dom João VI”. “@usuáriopt Pode me dizer suas fontes? Espero muito que não esteja inventando para tentar defender Portugal.” O que demonstra que o debate não se limita às informações expostas exclusivamente no vídeo e que vão se aprofundando e

desdobrando entrando em outros aspectos do tema abordado inicialmente (figuras históricas, por exemplo).

Tal funcionamento da plataforma, que permite essa interação direta entre usuários e que precisa apenas estar no mesmo vídeo, no mesmo canal é um excelente fomentador de troca de conhecimentos e de circulação de novas informações entre os usuários/inscritos. Ter esse contato direto entre os usuários/inscritos sem a necessidade de seguir um ao outro, mas tendo o canal no *Youtube* como “ponto de encontro” faz perspectivas que muito dificilmente se achariam em outros espaços, ter um local convergente, sendo benéfico, desde que a informações trocadas realmente sejam embasadas em fontes fidedignas.

Na quarta posição em número de interações desse vídeo, temos a categoria Finalidades. De maneira geral a predominância nos 245 comentários do classificador, foi de usuários/inscritos que estão se preparando para ENEM/Vestibulares, o que combina também com a proposta do canal que para além do *Youtube*, dispõem de venda de cursos preparatórios voltados para o ENEM em uma plataforma própria.

Dentro dos comentários com enfoque na preparação para o ENEM, se destacou o “Adorei a aula .Apesar de ter 49 anos estou fazendo pré vestibular”, que movimentou uma série de respostas motivacionais por parte de outros usuários/inscritos, como os seguintes: “que lindo!! nunca é tarde, desejo muita coisa boa pro seu caminho”, “Que lindo... tenho 30 e quero voltar a estudar 😊💕” e “Meus parabéns,já estou me inspirando em você 🙌🙌🙌”. Para além da idade da autora do comentário, chama atenção o fato do comportamento da comunidade em questão, que motiva através das interações para que continue nos estudos para chegar ao objetivo e que revelam objetivos e informações particulares de para quem estão usando o conteúdo disponível.

As jornadas de cada usuário/inscrito que se manifestam em seus comentários, dariam sem dúvidas novos projetos de pesquisa e trabalhos acadêmicos, já que revelam aspectos sociais/pessoais dos usuários da plataforma de maneira orgânica e espontânea. Partir dessa interação para entender as motivações em estudar nesse momento da vida de cada um desses usuários/inscritos revelam um aspecto social que podem ficar ocultado devido ao número de comentários feitos no vídeo e que muito dificilmente são lidos diretamente pelos criadores de conteúdo.

Portanto o papel de motivar e colaborar muitas vezes é praticado pela própria comunidade que está acessando o vídeo e que a partir dessa breve interação estabelece novos vínculos, por exemplo, grupos de estudos em outras redes sociais que viabilizam trocas

diretas de materiais de estudo para as provas e exames a serem realizados por esses usuários, tornando esses espaços para além do *Youtube* em novos locais de circulação de conhecimento.

A categoria seguinte foi a Revisionista-conservador que contou com 144 comentários e dentre eles retorna à rivalidade Brasil x Portugal, mas numa perspectiva diferente da de troca de ideias da que vimos na categoria Debates. As trocas aqui acontecem de maneira mais ofensiva entre os usuários/inscritos, usando de ironia e de deboche, vejamos o exemplo a seguir: “@usuáriabr Acho na verdade que você é uma santa, oprimida, pelo passado, coitada basta ser brasileira.”, “@usuáriopt NINGUÉM PEDIU Pros portugueses "fazerem o Brasil" Caramba você é burro ou oq?”. Esse padrão de argumentação se seguiu entre esses dois usuários totalizando uma conversa com 77 respostas de um a outro.

As interações que alegavam a má formação educacional da professora Débora e de que o ensino brasileiro “está perdido” por debater assuntos assim, também bastantes significativas. Selecionamos alguns exemplos desses comentários: “@usuária educacao federal e um sistema politico podre, <https://www.youtube.com/watch?v=yJunMvIFtXI&t=1847s>”, “Sei que não é sua culpa são coisas que ensinam nas faculdades :)”, “putz, dando opinião? difícil assistir. Não existe professor neutro no YT não?”, “Sabe de nada inocente isso foi a mentira que apreendeu na escola dos mentirosos”. Tais interações demonstram, novamente, a percepção de que a universidade formata o pensamento de seus formandos e de que há uma doutrinação política aos olhos de uma parte da sociedade.

Questionam novamente a perspectiva do conhecimento e dos elementos históricos trazidos durante o vídeo e além disso pedem neutralidade por parte da professora Débora, mas que tipo de neutralidade seria essa? Fica a reflexão. Ao ver dos usuários/inscritos que manifestaram tal pensamento, ao abordar a temática indígena de maneira a trata-los como afetados pelas ações portuguesas é “vitimismo e mimimi”, adjetivos largamente usados nas redes sociais para inviabilizar o discurso das minorias, tal comportamento não fica apenas nas redes sociais e tem sido prática comum por governantes com tendência ao discurso de extrema-direita.

A categoria seguinte em número de comentários foi a de Crítico-positivo que possui 105 interações, dentre elas temos cobrança com relação ao *link* que a professora Débora disse que iria deixar no campo de descrição do vídeo, que encaminharia para a carta escrita por Pero Vaz de Caminha descrevendo o achamento de novas terras e que temos selecionamos alguns a seguir: “E o link da carta amiga?”, “Cadê as referências e os links ? ♥”, “Ela esqueceu do link p/ ler a carta?” e “Débora coloca o link da carta na descrição por favor.”.

Esse tipo de comportamento deixa a entender que os usuários/inscritos tiveram despertada a curiosidade acerca de um documento histórico marcante para a História, não apenas do Brasil, mas das grandes navegações como um todo e que ao recomendar esse documento a professora tem por intenção possibilitar a leitura e a compreensão por parte dos próprios usuários sobre o documento.

Porém ao recomendar isso no vídeo e não deixar disponível o caminho de acesso ao documento, acaba por receber críticas que por mais que sejam apenas questionamentos sobre o *link* podem causar uma desmobilização no interesse de ler a carta. Isso expõem um comportamento com o qual os criadores de conteúdo como um todo tem que tomar cuidado ao se comprometer em disponibilizar o acesso a esses documentos, apesar das facilidades que as ferramentas de busca possibilitam, nem todos os usuários da internet sabem como ou onde pesquisar.

Esbarramos na questão de generalização, de que todos que assistem o vídeo compreendem como os mecanismos da internet funcionam e como vimos em exemplos anteriores há uma diversidade de idade, gênero, nacionalidade e conseqüentemente de níveis de conhecimento tanto sobre a História quanto do uso da internet.

Outro ponto criticado não tem a ver com o conteúdo do vídeo, mas com a oratória da professora Débora. São diversos os comentários elogiando a qualidade do vídeo, mas ressaltando a velocidade da fala da professora e que isso atrapalha a compreensão da explicação das aulas, temos os seguintes exemplos: “DÉBORA ótima aula mas voce fala muito rápido”, “o único problema é que ela fala muito rápido”, “Amo suas aulas mas vc fala muito rápido 🙄 calma garota”.

E esse tipo de crítica a forma que ela apresenta e fala é uma constante nos vídeos dela, logicamente sua fala é compreensível, porém ao se trabalhar com conceitos e sua explicação para um melhor entendimento e utilização desse conhecimento para futuras provas por parte dos usuários/inscritos, pode efetivamente causar confusão, portanto as críticas são compreendidas como positivas já que tem por objetivo colaborar na melhoria pessoal e profissional de Débora.

A última categoria em número de comentários desse vídeo foi a Crítico-Negativo na qual temos várias interações questionando os fatos que a professora aborda, sua forma de falar e questionando sua formação. Podemos representa-los com os seguintes exemplos: “Fanfic boa moça, nota 5 pela criatividade” – alegando que as informações trazidas por ela são falsas ou fabricadas pela professora; “Não gostei, fala muito rápido!!!” – novamente a questão da

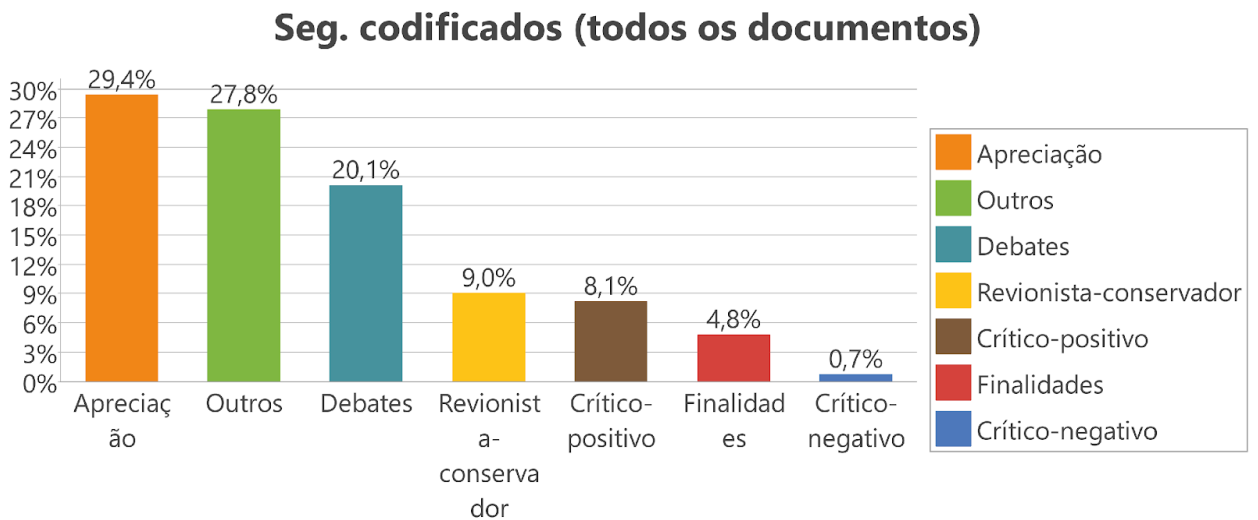
oratória em pauta; “E vc se diz historiadora?” – aqui visa invalidar o conhecimento/formação da professora.

Além dessas críticas temos também as que vão diretamente no foco principal dos vídeos produzidos por Débora, colaborar nos estudos de quem vai prestar vestibulares, ENEM e/ou concursos em geral – “Se você se guiar por ela não vai passar no enem.”, “Pobres dos alunos” e “Menina não sabes nada,,,mas contas boas histórias para dormir”, são alguns exemplos que questionam a finalidade do vídeo produzido e sua efetividade no que se propõe a fazer.

Em suma o vídeo tem sim algumas incongruências e mesmo alguns entraves na explicação de conceitos que somados podem gerar um pouco de estranheza e crítica ao vídeo. Outro aspecto que torna o vídeo passível de crítica é a falta de dinâmica, o que pode prejudicar a retenção dos alunos sobre o tema, já que o vídeo é basicamente um monólogo da professora com a câmera com pequenas inserções animadas e de partes da carta de Pero Vaz de Caminha. Apesar das críticas que se podem tecer em alguns aspectos do conteúdo e de sua produção, há muitas informações importantes e necessárias dentro do objetivo que o vídeo tem que é o preparatório para o ENEM/Vestibulares com enfoque na história nacional.

Ela traz informações acerca dos primeiros contatos, dos troncos linguísticos dos povos indígenas, sobre as rivalidades entre os povos nativos, sobre os interesses e quem eram os portugueses que aqui estavam chegando. Uma série de elementos que tornam o vídeo um material interessante e com pequenas correções, com análises divididas em partes menores pode ser utilizado como recurso didático.

Gráfico 7: Amostragem das porcentagens da análise do vídeo “Ditadura Militar | Resumo” – Canal Se Liga



Vídeo - Ditadura Militar | Resumo

Fonte: O Autor

O último vídeo dos selecionados que conseguimos extrair comentários – já que o vídeo de mesmo tema do canal da professora Débora está com o campo de interações bloqueado – foi o de Ditadura Militar do canal Se Liga. A tônica do ranking do tipo de interações feita pelos usuários/inscritos se manteve.

A categoria Apreciação se manteve no topo com uma pequena vantagem para a Outros (1,6%), dentro da 1ª categoria temos comentários que se repetem em outros vídeos e que expressam ideias similares com relação aos já descritos no trabalho anteriormente, como por exemplo: “SHOW!!”, “Perfeito!”, “Excelente aula!”, “Adoro esse professor” e “Melhor professor de historia” entre muitas outras interações que seguem esse padrão dentro da categoria nesse e nos outros vídeos selecionados (o acesso e coleta de comentários foi realizada em 17 de fevereiro de 2022).

A segunda colocada Outros, também trás consigo tipos de comentários que se repetem em outros vídeos, além da repetição de padrão são a categoria que menos contribui para a análise nesse trabalho já que não carrega informações ou opiniões claras com relação ao conteúdo do vídeo não permitindo o entendimento de seu significado, como podemos reforçar nos exemplos a seguir: “.”, “👏👏👏👏👏”, “tbm”.

Em compensação a terceira categoria de comentários desse vídeo, Debates, trás várias colocações acerca do tema (Ditadura Militar) contribuindo para o movimento das interações entre os usuários/inscritos do canal. O classificador contou com 89 comentários no total e nele podemos identificar diversos pontos de curiosidade acerca do tema e que ficam mais evidentes nesses exemplos: “Pq a economia da década de 80 foi muito ruim?”, “Pessoal aqui entre nós o AI-5 foi bom ou ruim??”, “Moço, como algo que diz que você não pode falar mal de um governo é bom?”, esses questionamentos feitos através dos comentários vão ao encontro de pontos nevrálgicos da ditadura militar brasileira.

No primeiro temos a curiosidade acerca do campo econômico no período ditatorial, o segundo buscar entender o que foi o AI-5²⁴ e o último entra no debate das liberdades durante o período. Esses diversos questionamentos demonstram que o tema Ditadura Militar é amplo e diversificado em seus aspectos e por isso dar conta de forma resumida em um vídeo implica em deixar a profundidade desses assuntos para outro momento por parte dos produtores de conteúdo.

²⁴ Os atos institucionais foram mecanismos de supressão dos movimentos e organizações contrárias à Ditadura Militar. O AI-5, de dezembro de 1968, foi o responsável pelo enrijecimento por parte dos militares com relação aos movimentos pró-liberdade. Ao todo foram 17 atos institucionais implantados durante o período ditatorial brasileiro.

Porém estamos falando sobre uma rede social, de interação e troca de informações entre os usuários/inscritos, desta maneira, os usuários acabam impelidos a responder e compartilhar seus conhecimentos sobre o tema e colaboram para o debate. Vejamos alguns comentários que foram feitos buscando responder aos questionamentos anteriores: “Crise externa do petróleo deixou a economia no Brasil em parafuso.”, “Ruim, óbvio” e “Só a democracia desenvolve e politiza um povo, tanto é que os países mais democráticos são os mais desenvolvidos. Essa ditadura bananeira atrasou o Brasil uns 20 anos. Vai um recado, seja qual for o seu espectro político nunca apoie ditaduras, apoie a democracia.”

A articulação entre os próprios usuários de debaterem e explicarem pontos do vídeo, que são abordados superficialmente e que focam muitas vezes em pessoas que já estão familiarizadas com o tema, seja por estudo ou curiosidade é um movimento salutar que as redes sociais possibilitam aos seus usuários em geral. Tem-se então não apenas as informações apresentadas no vídeo, mas também as trazidas pelos próprios espectadores desse conteúdo.

O engajamento que as discussões entre usuários/inscritos fomentam é um ponto de consideração também no planejamento dos vídeos, quais temas estão em alta? O que está gerando interesse? A lógica do engajar e estar no *hype* é o que direciona a produção de conteúdo e são mecanismos de se trazer novas pessoas para acompanhar e debater retroalimentando o canal e as redes sociais como um todo.

A quarta categoria com mais interações desse vídeo foi a Revisionista-conservador, que é onde classificamos os comentários com teor que usam argumentos questionáveis e com interesse de contar a “verdade absoluta” sobre o tema. Esse classificador contou com 40 comentários que vão desde ideias negacionistas com relação ao período ditatorial brasileiro, passam pela lógica de “vídeo tendencioso” e chegam aos discursos que têm estado em alta nas redes sociais de crítica aos 3 poderes republicanos.

No primeiro subtipo de interação temos os seguintes exemplos: “Ditadura que nunca existiu no Brasil.”, “E onde teve isso???? Um no Brasil e partir de 64 e isso. Kkkkk eu sou daquela época era Jovem e nunca vi Ditadura no BRASIL. Para mim foi a melhor época.”. Esse prisma da argumentação descreve a categoria na qual está inserida o comentário; ao se negligenciar informações, dados e por “nunca ter visto acontecer” não significa que não tenha acontecido. Cidades conservadoras e áreas rurais não viveram casos de intervenção militar com tanta frequência, isso pode ser um dos elementos que fazem com que pessoas comentem de tal maneira.

Outro aspecto é pensar em que lado as pessoas que fizeram os comentários acima estão na produção de discurso acerca da ditadura. São parentes de militares, viviam nas periferias das cidades, são de qual classe social? Tais características fazem total diferença na maneira em que são entendidas e criadas as narrativas históricas.

No subtipo 2 que são comentários de lógica doutrinária na visão dos usuários/inscritos, temos comentários assim: “Aula direcionada. Quem era trabalhador prosperou....triste só mostrar um lado!!!”, “Com o devido respeito, você contou somente um lado da história, assim mesmo de maneira tendenciosa. Não falou que os terroristas queriam instalar no Brasil a ditadura do proletariado. Também esqueceu que os terroristas matavam e torturavam, exemplos Marighella, Lamarca e outros. Você faz parte do Mistério da Verdade, vide o livro 1984! Eu vivi à época, ipso facto posso falar, já o professor somente leu livros tendenciosos!”, “Da pra perceber um certo direcionamento no video.”.

É perceptível nos comentários a lógica do “eu vivi e não foi assim”, que partem de uma perspectiva micro, de experiências próprias para alegar que as informações trazidas são erradas e direcionadas. Tais comentários explicitam a dualidade que há na construção da narrativa histórica a que cada pessoa fora exposta, na formação pessoal, estudantil, econômica. Há então a disputa pela narrativa sobre o fato histórico exposta na oposição dos comentários, em prol da ditadura e contra ela; a história particular ditaria então a história geral, então as narrativas construídas se atrelam aos diversos aspectos de cada pessoa: vivência, pensamento político, engajamento social, juízo de valor, moralidade, entre outros. Porém sabemos que a função do historiador é fazer esses movimentos e análises, partindo do micro indo para o macro, voltando para o micro, a mutabilidade da história requer que constantemente os temas sejam revistos e que seja necessário compreender os diferentes pensamentos que formam a sociedade, mas sem nunca esquecer que as atrocidades de um determinado período não podem continuar a ser normalizadas e defendidas, mesmo dentro desse ambiente diverso que é o nosso país.

O terceiro subgrupo de comentários da categoria, que são interações direcionadas a “manipulação” dos 3 poderes, com críticas em especial ao poder judiciário, trazem comentários que se intensificaram nas narrativas de movimentos de extrema-direita no Brasil no último período eleitoral e como vimos recentemente²⁵ se materializaram. Pontuamos no começo desse escrito, que as interações ciberespaço-mundo real se intensificaram e transformaram diversos processos da vida humana, um deles foi a vida e articulação política.

²⁵ Atos antidemocráticos do dia 8 de janeiro de 2023.

A organização de manifestações políticas, de movimentos políticos e dos próprios atores centrais das eleições (candidatos, ministros e pessoas públicas) se deu em boa parte pela articulação das redes sociais. Os diferentes espectros políticos foram desenvolvendo suas “bolhas” de interação e com uma força maior do que nas eleições de 2018, a internet como um todo ganhou mais atenção e se tornou campo de disputa ferrenha das narrativas partidárias.

Através do comentário selecionado para exemplificar o terceiro subgrupo da categoria Revisionista-conservador, podemos entender um pouco dos comparativos feitos e que questionam o termo ditadura militar atribuindo a “ditadura” a estrutura republicana brasileira, vejamos: “E o que dizer da ditadura da toga?!” comenta o usuário. Explicita sua crítica ao poder judiciário e busca igualar, comparar as ações do período do regime militar às ações tomadas pelos juízes e cortes do jurídico brasileiro; evidentemente que não há comparação, mas tal comentário infla as atitudes e os questionamentos com relação a lisura da estrutura jurídica brasileira em seus diferentes níveis.

Partindo para a categoria seguinte temos a Crítico-positivo com o total de 36 interações, a maioria delas com enfoque em elogios seguidos de solicitações de aprofundamento em determinado aspecto da ditadura, para fazer vídeo comparando economicamente, socialmente os períodos da história brasileira. Mas dentre as interações captadas para a pesquisa, o comentário que chamou a atenção dessa categoria, nesse vídeo foi o seguinte: “Muito bom conteúdo como sempre. Faço Somente um adendo, poderiam fazer uma entrevista com pessoas dessa época. Muitos estão entre nós e deveriam ser ouvidos sobre esse período. Acredito não ter documento histórico melhor.”

O usuário/inscrito sugere ao canal e seus responsáveis a produção de um trabalho voltado para a história oral “entrevista com pessoas dessa época”. Uma sugestão interessante para se ouvir e entender das pessoas que vivenciaram o período suas percepções sobre o mesmo. Mas ficam questões que a própria área de comentário demonstrou através da análise, as percepções sobre o período são muito variadas e de que maneira tratar isso numa produção audiovisual? O tema recente e cheio de aspectos traumáticos para a sociedade brasileira requer uma série de cuidados na abordagem e sem mencionar as inúmeras críticas que surgiriam dependendo da maneira como fosse feito e os usos que também seriam diversos.

Seria também um projeto que fugiria das ideias centrais dos vídeos produzidos pelo canal e de seus interesses, já que caminharia num sentido não de um material de estudo para o ENEM, mas como um trabalho focado em construção de memória histórica. São ideias que vem dos comentários e que aos olhos de um trabalho histórico memorialista são bem vindas,

mas a dificuldade de engajamento e recepção por parte dos usuários da plataforma inviabilizam tal realização.

Na penúltima categoria que conta com 21 interações temos a Finalidades, que seguem o padrão (já esperado devido a proposta do canal), tendo em sua maioria o agradecimento de alunos pelo uso do vídeo como material de revisão/apoio para realização de provas escolares, ENEM e vestibulares. Além dessas finalidades temos também o uso como material de estudo para concursos: “Agora é estudar pro concurso já que no vestibular não caiu nada disso 😞”.

Temos também interações de colegas de profissão que utilizam do vídeo para complementar suas aulas e atividades propostas aos alunos em sala de aula: “Excelente! Vou utilizar esse vídeo em minhas aulas.”, “Somos três, é sempre bom acompanhar e aprender para abordar todos os pontos aos nossos educandos.”, “Sou seu admirador, viu professor? Também sou professor e uso os seus vídeos quando necessário para enriquecer as minhas aulas. Parabéns pelo excelente trabalho! Axé!”. O vídeo é utilizado também por um acadêmico de história como forma de se atualizar sobre os temas, dentro de uma linguagem diferente da acadêmica: “Como estudante do curso de História sempre passo aqui para ver como esta sendo abordado determinados temas, você me impressiona. Parabéns, muito coerente e didático.”

A última categoria Crítico-negativo contou com um total de 1 interação, que é uma total ofensa ao professor e ao seu trabalho, vejamos: “Pra esse vagabundo que se diz professor, Fidel Castro e Che Guevara são semi deuses.”, claramente atribuindo ao professor Walter um posicionamento político-ideológico voltado ao socialismo e que demonstra mais uma faceta constante nos argumentos dos embates sobre a História de que se você não defende o lado que “eu” julgo certo você é inimigo, o que tem tornado os debates entre perspectivas políticas inviável não só no ambiente virtual mas no real também.

Esses foram os dados extraídos e categorizados dos 7 vídeos que selecionamos e que abordam temas sensíveis e contemporâneos (escravidão, povos indígenas e ditadura militar). Buscamos através das interações realizadas pelos usuários/inscritos compreender quais relações eles estabelecem com o conteúdo produzido por parte dos professores e idealizadores dos canais Débora Aladim e Se Liga e realizamos a partir disso a classificação de cada tipo de interação, tendo por objetivo agrupá-las e traçar linhas gerais que permitiram entender as demandas diversificadas que movimentam o interesse e a procura dos usuários/inscritos pelo conteúdo de caráter histórico disponibilizado na rede social *Youtube*, agora partiremos para as considerações finais acerca do trabalho realizado e dos dados catalogados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar à “conclusão”, entre outras coisas mesmo porque nesse longo caminho de escolha de tema, mudança de tema, escolha de fontes, delimitação das fontes, escrita, leitura, reescrita e releitura, não chegamos a um fim, uma conclusão sobre o assunto e essa é a graça. Quando iniciamos uma pesquisa objetivamos um fim para a mesma, mas ao adentrar e aprofundar no objeto escolhido, vão se desdobrando novas possibilidades com relação a todo o material coletado, analisado e classificado.

Chegamos na verdade a novas considerações sobre o tema e é mais precisamente sobre elas que iremos falar. A primeira delas é que com relação ao enfoque da pesquisa que no processo de seleção de material queria abranger diversos tipos de redes sociais e de produtos midiáticos (podcasts, vídeos, animações) e que fora modificado apenas para o *Youtube* e em específico os dois canais selecionados (Débora Aladim e Se Liga) graças às recomendações do orientador e interlocutores, pois a coleta, o tratamento e a análise de dados foi bem desgastante analisando apenas o recorte de vídeos feito entre esses dois canais.

A dificuldade maior não foi pelo acesso às fontes e ao material selecionado, mas sim em encontrar uma ferramenta que realizasse a coleta dos comentários (fonte da pesquisa), já que a coleta manual de comentário por comentário seria inviável. Na totalidade foram coletados, lidos e categorizados 6.702 comentários dos 7 vídeos selecionados, que seriam 8 inicialmente, porém o 8º vídeo sobre ditadura militar do canal da Débora Aladim está com os comentários bloqueados como já mencionamos na pesquisa.

Essa delimitação do escopo da pesquisa foi fundamental para a realização dela, pois permitiu que a coleta e o tratamento dos dados fossem realizados de maneira alinhada entre quantidade e qualidade. Isso permitiu que além dos números totais das interações realizadas em cada vídeo conseguíssemos traçar, pautados na mensagem do usuário/inscrito, suas perspectivas sobre determinado tema e de forma ainda que superficial seu perfil ideológico.

Tais noções foram permitindo que compreendêssemos muito além das palavras ditas manifestadas nos comentários, mas também o não dito, as percepções dessas pessoas para além da rede social. Abre-se aqui uma possibilidade de desdobramento da pesquisa que pode ser focada nos usuários/inscritos, mas que não nos compete nesse momento.

Voltemos para as considerações acerca da pesquisa. Dentre os 7 vídeos em 5 a categoria que teve maiores interações foi a de Apreciação e que contou com um total de 2.505 comentários, o que representa 37,37% das interações totais; isso demonstra que a maioria dos comentários feitos nos vídeos são positivos e que as informações presentes despertam a

admiração de quem as consome, sejam por aspectos técnicos da produção do vídeo, pela forma de apresentar o conteúdo ou ainda ligado elogios pessoais aos professores.

Com 1.829 comentários a categoria Outros foi a que ocupou a 2ª posição em número total de interações representando, portanto, 27,29% dos 6.702 comentários da análise. Como foi explicado durante as análises específicas de cada dos vídeos, essa categoria apesar de quantitativamente representar tanto, qualitativamente não inspira grandes análises. Para transformar as informações contidas nas figuras (emojis), minutagens marcadas, expressões e onomatopeias usadas pelos comentadores teríamos que dedicar um estudo específico para compreender os contextos de cada um desses comentários.

Há sim importância nesses comentários mesmo sem essa análise específica, já que sua grande quantidade apesar de não se expressar claramente os posicionamentos dos usuários/inscritos que interagiram, colaboram no engajamento da comunidade e do canal, pois o número de comentários é uma das variantes analisadas pela plataforma para recomendação do vídeo para outras pessoas. Portanto para os canais Se Liga e Débora Aladim, as interações mesmo que sem grandes contribuições para a discussão dos temas dos vídeos, tem importância para o crescimento no *Youtube* e é uma das formas de chamar atenção da rede social para o conteúdo ali postado.

A categoria com o 3º maior índice de interações totais foi a Debates, que não ocupou essa posição em apenas um dos vídeos selecionados. Com o total de 1.016 comentários (15,15%) que podemos destacar como grandes motores da interação entre usuários e conteúdo, pois foram dessa categoria que saíram as conversas sobre diferentes percepções, complementações de ideias e troca de indicações de outros vídeos, materiais para leitura e afins.

Podemos considerar que essa categoria foi a mais importante no aspecto de contribuições entre usuários justamente por promover debates diretamente entre eles, que ao trazer elementos de sua própria formação (não necessariamente acadêmica) fizeram o conhecimento circular entre os demais. Dentro da dinâmica das redes tal movimento de troca é fundamental para a articulação e construção de novos saberes, pois ao agregar pessoas com diferentes níveis de conhecimento em um mesmo espaço, há de forma conjunta a construção de um novo saber que advém dos próprios usuários/inscritos.

Em números gerais de interações temos na 4ª posição a categoria Revisionista-conservador com seus 509 comentários totais, apesar de representar um percentual baixo no escopo geral sendo 7,59% temos que pontuar que segundo a entrevista de Walter Solla, o canal Se Liga faz uma filtragem e deleta determinados comentários, portanto

esse número poderia ser maior. Porém dentro do que temos de dados concretos e fugindo do mundo do “se”, o que chama a atenção são os argumentos que constituem essa categoria conforme vídeos na análise individual dos vídeos, que vão de justificar o genocídio indígena no período colonial pelo avanço da civilização até a negação da ditadura militar.

Aqui nessa categoria poderíamos novamente aprofundar e formular um outro estudo com o objetivo de compreender tais visões com relação a esses momentos e fatos históricos, quem são essas pessoas para além da rede social. E apesar de serem em menor número as interações incomodam pela construção de argumentos falaciosos que tem por base visões saudosistas (em especial da ditadura) desses momentos históricos e/ou na afirmação dos preconceitos desses usuários/inscritos.

O que causa determinado temor, pois essas óticas distorcidas sobre os fatos históricos têm galgado mais espaço não apenas em discursos de ódio proliferados nas redes sociais, mas na vida prática os crimes de racismo, xenofobia e preconceitos em geral, têm sido cada vez mais violentos e constantes.

Na sequência temos o classificador Finalidades com 439 comentários, que são focados na expressão dos usuários/inscritos de seus usos com relação do consumo do conteúdo disponibilizado. Os 6,55% que compuseram essa categoria explicitaram nos comentários para o quê utilizam as informações presentes no vídeo e majoritariamente estão atreladas aos estudos para provas escolares e ENEM, isso reafirma que o objetivo dos idealizadores dos canais, estão em alguma medida sendo atingidos, já que a proposição de ambos é auxiliar nos estudos especificamente de ENEM e vestibulares, importante relembrar que ambos os canais têm seus próprios cursos para tais provas.

Outra característica dessa categoria foi o uso por parte dos professores, ora para preparar suas aulas, ora para indicar a seus alunos para assistir os vídeos. O que demonstra que os vídeos têm diversas funcionalidades como recurso didático e que foram materiais de referência para consumo, em especial no período pandêmico, o que não necessariamente reflete nos números de visualizações, curtidas e comentários, mas está presente no discurso dos professores que fizeram essa articulação entre os vídeos e os alunos.

Na penúltima colocação geral ficou a categoria Crítico-positivo com seus 4,37% (293 comentários) que se caracterizaram em sua maioria por interações com sugestões de melhorias, apontamentos de alguns equívocos por parte dos apresentadores e também nos aspectos de cuidados com a produção do vídeo. Todos dessa categoria pontuaram algum aspecto a ser melhorado, mas de maneira cordial e visando contribuir com novas pautas para a continuidade na produção dos vídeos dos canais.

O comportamento dos usuários/inscritos que se manifestaram nessa categoria é de sentimento de identificação e de fazer parte da constante construção dos canais, por isso os comentários são críticos no aspecto de qualidade e melhoria e positivos ao reafirmar a admiração pelo canal e o conteúdo postado.

A categoria com menos interações gerais foi a Crítico-negativo que representou 1,65% dos comentários (111) e que se limitaram a ofensas tanto ao canal, aos professores e a maneira como estavam apresentando os fatos, normalmente atribuindo a vínculos partidários/ideológicos a forma de trabalhar dos professores. O que chama atenção é o despendimento de tempo desses usuários/inscritos apenas para através de ofensas questionar o trabalho de pesquisa e a procedência das fontes utilizadas.

Com relação ao conhecimento histórico presente nos vídeos, o que conseguimos mensurar, muito graças a entrevista realizada com o professor Walter Solla (infelizmente não obtivemos resposta da professora Débora) é que há um esmero na realização da pesquisa para a produção do vídeo e um cuidado com relação às informações e a maneira com que são passadas. Como ressaltamos durante as análises há alguns pontos de discussão e questionamento acerca dos conteúdos dos vídeos, mas a intenção final que cada um dos produtores, que é o uso dos vídeos como material de estudos para provas vestibulares está bem contemplado.

Acerca do objetivo central da pesquisa que foi compreender as relações que os usuários estabelecem com os temas sensíveis da História e quais são as manifestações deles dentro da rede social, acreditamos que conseguimos contemplá-lo de maneira satisfatória. Conseguimos visualizar diferentes perspectivas sobre os temas, desde as democráticas até as antidemocráticas e que escancaram preconceitos. Tais constatações evidenciam que o ciberespaço, as redes sociais são um prolongamento da sociedade com impacto significativo nas disputas narrativas e na construção das mesmas.

Ao ter isso em mente, ocupar tal espaço com o conhecimento embasado cientificamente e com uma linguagem acessível se faz necessário e urgente. Constatamos com informações e números que os discursos de ódio e de noções distorcidas sobre os mais variados temas históricos se propagam de maneira muito mais veloz que o conhecimento científico, porém rebater e questionar tais ideias errôneas nesses espaços, transformou-se em mais uma das funções dos historiadores e historiadoras à nível mundial, já que tal fenômeno (crescimento dos discursos de extrema-direita) não é exclusividade brasileira.

Com relação aos objetivos secundários da pesquisa, que são os de buscar um padrão de comportamento dos usuários com relação aos temas, se mostrou mais complexo,

necessitando de um desdobramento em futuras pesquisas, já que requer um aprofundamento nos perfis de diferentes usuários o que demanda uma nova metodologia e maneira de agir. Conseguimos, entretanto, verificar um padrão de comportamento de apoio ao grupo, quando diante de alguma discussão, outros usuários/inscritos que não estavam envolvidos no debate, tomam posição e se pronunciam tanto de um lado quanto do outro.

Essa forma de agir dos usuários/inscritos demonstra, ainda que se superficialmente, senso de comunidade vinculada por ideais e que é construída sem a necessidade de um conhecimento enquanto pessoas, mas sim um reconhecimento e vinculação entre os usuários/inscritos com valores e visões similares acerca do tema e da perspectiva histórica abordada. Diante desse panorama, de defesa de grupos, há manifestações que provavelmente não ocorreriam sem o apoio de mais pessoas como, por exemplo, comentários com teor racista que ganharam força através da complementação de ideias feitas por outras pessoas; em contrapartida tivemos diversas opiniões contrárias que não toleraram esse tipo de comentário e se posicionaram contrariamente expondo suas opiniões e combatendo o preconceito dentro desse espaço social.

Outra hipótese que propusemos e que influenciou na escolha dos canais, foi a questão da diferença de gênero do professor (homem) e professora (mulher). Ventilamos a possibilidade de que esse fator poderia afetar no comportamento dos usuários/inscritos no momento de interagir com os conteúdos produzidos. Porém, o que se percebe não é uma misoginia explícita, mas um constante “criticar” demonstrando de maneira velada tal preconceito; além disso em dados comentários há uma certa sexualização do corpo da professora, disfarçada de elogio.

Entre os temas que os vídeos abordam e que foram o motivo de seleção para o trabalho (escravidão/racismo, povos indígenas e Ditadura Militar), o tema que suscitou debate mais acalorado foi a Ditadura Militar. Acreditamos que devido ao cenário político-partidário que foi instaurado, pela polarização de ideias entre grupos sociais diferentes e os recorrentes discursos em defesa do regime ditatorial realizados pelo então presidente Jair Messias Bolsonaro, o embate de visões acerca do período trazido para o campo de comentários foi o mais voraz. Importante lembrar que estamos nos baseando apenas nos comentários realizados no vídeo do canal Se Liga, já que os comentários do vídeo da professora Débora Aladim continuam desativados.

Os vídeos acerca da escravidão, trouxeram à tona diversas discussões sobre “de quem é a culpa?” e debates sobre o que é racismo e como ele é sentido pelas pessoas negras nos diferentes espaços da sociedade. Já sobre os povos indígenas o que se pôde perceber foi a

dificuldade de entendimento de muitos usuários/inscritos com relação à importância deles na construção da sociedade brasileira e o desconhecimento dos valores e culturas indígenas, o que resulta na construção de discursos preconceituosos, além disso, tivemos o embate de narrativas entre usuários/inscritos brasileiros e portugueses sobre o processo de colonização brasileiro.

Com relação ao aspecto da transposição didática, após a análise dos vídeos e com base na entrevista realizada, podemos traçar pontos de convergência e divergência com relação às aulas presenciais e conseqüentemente no vínculo que se estabelece entre professores e professoras presenciais e os professores-*youtubers*. Podemos aproximar, por exemplo, a construção do roteiro do vídeo ao plano de aula desenvolvido pelos professores do ensino presencial, ambos exercem o papel de orientar o trabalho, organizar os tópicos e a abordagem do tema.

Outra similaridade, são os pontos-chaves do vídeo, que não se distanciam dos tópicos dos livros didáticos e da forma de conduzir as aulas, costurando um tema no outro e assim permitindo aos usuários/inscritos e aos alunos a visualização e assimilação dos tópicos centrais do assunto. Junto a esse aspecto, há a linearidade temporal que tanto no vídeo quanto na aula presencial regem a organização e forma de condução da aula, associando eventos e seus desdobramentos temporalmente, para que as noções de tempo/duração dos acontecimentos fiquem claras.

Partindo para os pontos diferenciais entre a videoaula assíncrona e a aula presencial, detectamos aspectos que são de conhecimento geral, por exemplo, acessibilidade. O vídeo estará disponível, enquanto a rede social ou canal existir, 24 horas por dia e 7 dias por semana, podendo ser assistido, pausado, reassistido quantas vezes forem necessárias; já a aula presencial é um momento, dificilmente será replicado de maneira idêntica, poderá ser retomado, mas de maneiras diferentes e apesar de poder ser “pausado” por perguntas no momento, não há como reassistir e voltar a aula do início. Vantagem para a videoaula de caráter assíncrono nesse sentido.

Já com relação ao relacionamento entre professor – aluno, as vantagens estão com as aulas presenciais. Por mais interesse em responder e estabelecer vínculo com os usuários/inscritos que os professores-*youtubers* tenham, a demanda é desproporcional, ainda mais em canais grandes como Se Liga e Débora Aladim. Há dificuldade, portanto, em dar um retorno rápido, se é que se tem retorno, quando o aluno tem questionamentos urgentes. Vantagem para o ensino presencial nesse quesito.

Como pontuamos e ficou evidenciado principalmente através da categoria “Finalidades”, os usos do conteúdo postado no *Youtube* são diversos e esse é outro aspecto de diferenciação entre o ambiente virtual e presencial. No escopo presencial o uso das informações é para realizar o trabalho escolar, a tarefa de casa, a prova bimestral; já a videoaula tem diferentes níveis de uso, como identificados anteriormente. São alunos em busca de reforço, vestibulandos, professores, curiosos sobre os temas e o que difere é que em uma esfera os usuários/inscritos é que buscam a videoaula e na outra é imposto ao aluno assistir à aula. Tal aspecto interfere diretamente na compreensão do aluno, buscar é o oposto de impor, com isso surgem comentários atribuindo aos vídeos o “consegui aprender mais aqui do que com meu professor”, mas são situações diferentes e momentos de interesse opostos que causam impactos no processo de compreensão e aprendizagem dos alunos.

Ao final desse caminho de pesquisa, que foi iniciado com grande diversidade de ideias, de enfoques, de expectativas e que com os passos dados um por vez, foram se afunilando e foram sendo filtradas as intenções desejadas para o trabalho. É satisfatório olhar o trabalho finalizado, não apenas pelos objetivos alcançados, mas também pela sua própria história de construção, as mudanças do decorrer da pesquisa, as orientações, as transformações da vida pessoal (obrigado filho!) e por chegar ao fim, enquanto muitas pessoas devido à pandemia não puderam chegar ao fim de muitos de seus objetivos.

Acredito que acima de ser um trabalho de pesquisa de mestrado, à nível pessoal, foi um trabalho de resistência. Em muitos momentos o desejo desistir foi gritante, mas que com o apoio das pessoas ao redor foi posto de lado e se encerra com muita alegria por conseguir e com o desejo de que o debate que foi aqui fomentado, continue. Trazer novas reflexões e ideias para que a ação docente, em especial a de História, busque se reinventar constantemente e que perceba os diferentes espaços em que está inserida foi o motor maior desse trabalho. Pois acreditamos que anexar novas ferramentas para que continuemos construindo caminhos estruturados e fortes na defesa da educação e de uma sociedade que saiba de sua própria história, seja a melhor forma de transformar o espaço em que vivemos.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA ESTADO. 'Fake news' se espalham 70% mais rápido que notícias verdadeiras, diz MIT. **Correio Braziliense**, 08 mar. 2018. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2018/03/08/interna_tecnologia_664835/fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-noticias-verdadeiras.shtml. Acesso em: 25 abr. 2022.

ALBUQUERQUE, G. Evasão escolar no Paraná aumenta para 4,4% durante pandemia. **Ricmais**, 07 jun. 2021. Disponível em: <https://ricmais.com.br/educacao/evasao-escolar-no-parana-aumenta-para-44-durante-pandemia/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

APARICI, R (org.). **Conectados no ciberespaço**. Tradução Luciano Menezes Reis. São Paulo: Paulinas, 2014.

BARABÁSI, A. **Linked: a nova ciência dos networks**. São Paulo: Leopard, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARLOW, J. P. Declaração de Independência do Ciberespaço. **Nic**. Tradução de Jamila Venturini e Juliano Cappi, jan. 2018. Disponível em: <https://www.nic.br/publicacao/uma-declaracao-de-independencia-do-ciberespaço/>. Acesso em 04 jul. 2021.

BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Tradução de Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

CARNEIRO, L. Classe média perdeu renda nos últimos anos. **Valor Econômico**, 16 abr. 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/04/16/classe-media-perdeu-renda-nos-ultimos-anos.ghtml>. Acesso em: 15 jan. 2022.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Tradução Roneide Venâncio Majer – atualização para 6ª ed. Jussara Simões – (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHEVALLARD, Y. **La transposition Didactique**. Paris: La Pensée Sauvage, 1991.

CHEVALLARD, Y. Sobre a teoria da transposição didática: Algumas considerações introdutórias. *Revista de Educação, Ciências e Matemática*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 1-14, 2013.

DENÚNCIAS de crimes cometidos pela internet mais que dobram em 2020. **G1**. 09 fev. 2021. Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/02/09/numero-de-denuncias-de-crime-s-cometidos-pela-internet-mais-que-dobra-em-2020.ghtml>. Acesso em: 26 de jun. de 2022.

DIAS, B. C. **Notícias Falsas e Democracia – Bolsonaro e o Whatsapp nas eleições de 2018**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídia, Informação e Cultura) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

FAVA, R. **Educação 3.0**. São Paulo: Saraiva, 2014.

FICO, C. História do tempo presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis – o caso brasileiro. **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, v. 28, n. 47, p. 43-59, 2012.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE, R. YouTube faz 16 anos: relembre o início e as mudanças na plataforma de vídeos. **Techtudo**, 15 fev. 2021. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2021/02/youtube-faz-16-anos-relembre-o-inicio-e-as-mudancas-na-plataforma-de-videos.ghtml>. Acesso em: 14 abr. 2022.

GABRIEL, M. **Educar: a (r)evolução digital na educação**. São José dos Campos: Saraiva, 2014.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Penso, 1995.

HARRISON, G. B. **As mudanças de algoritmo do Youtube em canais gamers?** – Uma análise de percepções. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

KOZINETS, R. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LANIER, J. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Tradução de Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LEÓN, L. P. Brasil tem 152 milhões de pessoas com acesso à internet. **Agência Brasil**, 23 ago. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-08/brasil-tem-152-milhoes-de-pessoas-com-acesso-internet>. Acesso em: 25 mar. 2022.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

MACEDO, F.; MOTTA, R. MP de SP denuncia Adrilles Jorge à Justiça por gesto nazista. **Terra**, 01 abr. 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/mp-de-sp-denuncia-adrilles-jorge-a-justica-por-gesto-nazista,36beb2fb224430dc7384a90b0fcd9088ejay5oms.html>. Acesso em: 26 set. 2022.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das Mídias Digitais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

MELO, D. B. Revisão e revisionismo na historiografia contemporânea. In: MELO, D. B. (org.). **A miséria da historiografia**: uma crítica ao revisionismo contemporâneo. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

MENESES, S. Negacionismos e Histórias Públicas Reacionárias: Os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. **OP SIS**, Catalão, v. 19, n. 2, p. 1-9, 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **O que é educação à distância?** Brasília, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/educacao-a-distancia?start=40>. Acesso em: 25 mar. 2022.

NERI, M. A dívida social. **Revista Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 2, p. 38-39, 2002.

NETO, J. O. R.; SÁ, J. P. de. Ensino de História e educação não formal: o fenômeno das videoaulas do YouTube. **Tecnia**, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 526-536, 2019.

O'REILLY, T. What Is Web 2.0 Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. **O'Reilly Media**, 30 set. 2005. Disponível em: <https://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>. Acesso em: 9 jul. 2021.

PINSKI, J.; PINSKI, C. B. **Novos combates pela história**: desafios - ensin. São Paulo: Contexto, 2021.

RAMOS, M. E. T. **Hoje, ensinar História é um ato político contra os revisionismos conservadores**. Ensino de História: Teorias e Metodologias. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UFMS, 2020.

ROLLEMBERG, D.; CORDEIRO, J. M. Revisionismo e negacionismo: controvérsias. **História, histórias**, Brasília, v. 9, n. 17, p. 58-98, 2021.

RÜDIGER, F. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

RÜDIGER, F. **As Teorias da Comunicação**. Porto Alegre: ArtMed, 2010.

RÜSEN, J. **História Viva**. Teoria da História: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Editora da Unb, 2012.

SANTOS, D. E. R. As “fronteiras sensíveis” da História do tempo presente: Revisionismo, narrativa histórica e negacionismo. **Anais do 31º Simpósio Nacional de História (ANPUH)**, Rio de Janeiro, 2021.

SAYAD, A. **Idade Mídia**: a comunicação reinventada na escola. São Paulo: Aleph, 2011.

SHIRKY, C. **Lá vem todo mundo**: o poder de organizar sem organizações. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SILVA, A. da. *et al.* O youtube como plataforma de marketing: um estudo bibliográfico. **Educação, Gestão e Sociedade**: revista da Faculdade Eça de Queirós, n. 26, 2017.

SILVA, Â; BATISTELA, C. Veja quem são os oito presos em reunião de célula neonazista em SC. **G1**, 18 nov. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/11/18/veja-quem-sao-os-oito-presos-em-reuniao-de-celula-neonazista-em-sc.ghtml>. Acesso em: 28 nov. 2022.

SÓTER, C. Monark é banido do Youtube após defender criação de partido nazista. **Correio Brasileiro**, 18 fev. 2022. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/brasil/2022/02/4986390-monark-e-banido-do-youtube-apos-defender-criacao-de-partido-nazista.html>. Acesso em: 26 set. 2022.

SOUZA, R. de. Você sabe qual é a diferença entre emoticons e emojis? **Tecmundo**, 17 jul. 2019. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/web/86866-voce-sabe-diferenca-entre-emoticons-emojis.htm>. Acesso em: 21 nov. 2022.

UGARTE, D. de. **O Poder das redes**. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2008.

VON BORRIES, B. **Jovens e consciência histórica**. Organização e tradução de Maria Auxiliadora Schmidt, Marcelo Fronza, Lucas Pydd Nechi. Curitiba: W.A. Editores, 2016.

ZENHA, L. Redes sociais online: o que são as redes sociais e como se organizam? **Caderno de Educação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 49, p. 19-42, 2018.